

América **SOCIALISTA**

EM DEFESA DO MARXISMO

Nº 19 - SET 2021



DANTE ALIGHIERI

UM MILITANTE PARTIDÁRIO, UM GÊNIO DAS LETRAS

**LEIA TAMBÉM: EM DEFESA DO MARXISMO - UMA PALAVRA
AOS NOSSOS LEITORES**

América **SOCIALISTA**

EM DEFESA DO MARXISMO

REVISTA AMÉRICA SOCIALISTA - EM DEFESA DO MARXISMO

Edição em português, nº 19

Diretor: Serge Goulart

Editora: Maritania Camargo

Tradução: Fabiano Leite e Fernando Leal

Colaboração de Carolina Fonseca de Jesus

Revisão: Bruna dos Reis, Felipe Libório, Flávia Antunes, Francine Hellmann, Gilmara Martins, Lenonardo Mendes Neves, Mayara Colzani e Tiago de Carvalho

Capa: Evandro Colzani

Diagramação: Henrique de Macedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)

A512 América socialista: revista teórica marxista / Corrente
Marxista Internacional. - Vol. 11, n. 19 (set. 2021). - São Paulo,
SP: Editora Marxista, 2021
43 p.

Semestral.
Vol. 1, n. 1 (abr. 2009)-
ISSN 2764-0752

1. Marxismo. 2. Socialismo. 3. Luta de classes. 4. Revolução.
I. Corrente Marxista Internacional.

CDD 335.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior - CRB6/2422

Setembro de 2021

Livraria e Editora Marxista

Rua Dom José de Barros, 17, São Paulo/SP. CEP: 01038 900

Telefone: (11) 3104 0111

www.livrariamarxista.com.br

www.marxismo.org.br

contato@marxismo.org.br

Bem-vindos

A edição 19 da América Socialista marca o início de uma nova etapa. Unificada com a revista *In Defense of Marxism*, ela passa a ser traduzida para vários idiomas e divulgada não só nas Américas, mas em todo o mundo.

A nova revista América Socialista - Em Defesa do Marxismo está remodelada e consolida-se como um periódico semestral, de defesa das ideias do marxismo com independência de classe.

Já nesta primeira edição, ela está sendo publicada em português, inglês, espanhol, alemão e sueco. Além disso, já está organizada para as próximas edições a ampliação significativa das traduções e dos países de abrangência.

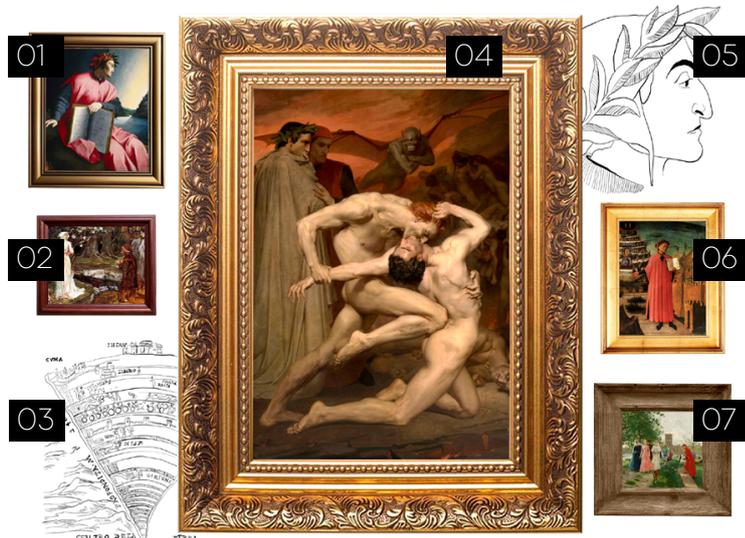
A edição brasileira que você tem em mãos ganhou um novo projeto gráfico, inspirado na *In Defense of Marxism*, mas que mantém a estrutura consolidada entre nossos militantes e apoiadores por mais de 10 anos de existência.

Esta revista permanece como a principal campanha financeira da Esquerda Marxista, realizada semestralmente.

Desejamos uma boa leitura e desde já agradecemos o apoio de todos que ajudam a manter viva a tradição revolucionária da imprensa operária.

Arte de capa

No ano em que o mundo homenageia Dante Alighieri, a Esquerda Marxista presta sua homenagem com uma capa que reúne importantes obras inspiradas no poeta e em sua obra-prima "A Divina Comédia".



1. Retrato Alegórico de Dante, por Agnolo Bronzino (1530);
2. Dante e Beatriz, por John William Waterhouse (1914);
3. Ilustração baseada no Inferno de Dante, publicada na edição veneziana de "A Divina Comédia" de 1520;
4. Dante e Virgílio no Inferno, por William-Adolphe Bouguereau (1850);
5. Ilustração baseada no retrato de Dante Alighieri de Sandro Botticelli;
6. Dante e seu poema, por Domenico di Michelino (1465);
7. Dante encontra Beatriz, por Raffaello Sorbi (1903).



Índice

p3



Em Defesa do Marxismo - Uma palavra aos nossos leitores

Alan Woods

Uma breve apresentação da nova estrutura da revista In Defence of Marxism e fundamentalmente a necessidade de defesa das ideias marxistas. Um artigo de combate que explica a importância da teoria para a tomada do poder.

Marxismo versus Pós-modernismo

Daniel Morley e Hamid Alizadeh

Aqui os autores apresentam o primeiro de uma série de artigos onde a filosofia pós-moderna será analisada, a partir de uma perspectiva marxista. O texto retoma as origens históricas da filosofia e combate a influência funesta da pós-modernidade dentro e para além dos muros da academia.



p7

p16



“Narrativas de Esquerda” ou luta de classes?

Yola Kipcak

É preciso construir uma nova “narrativa de esquerda” ou precisamos construir o partido revolucionário e transformar a sociedade? Responder a esta pergunta é o objetivo central do texto de Kipcak.

O mito de Gramsci, “O Ocidental” (parte 2)

Francesco Giliani

Nesta parte, compreendemos como o pensamento de Gramsci foi deformado, apagando-o como quadro político e transformando-o em um intelectual resignado ou confiante no poder da crítica cultural, em um contexto de burocratização do PC Italiano e da Internacional Comunista.



p21

p32



Os bolcheviques e a juventude (parte 3)

Evandro Colzani

Na terceira e última parte deste artigo, analisamos a relação da juventude com a Oposição de Esquerda - na luta contra o desenvolvimento da burocracia na União Soviética - e os artigos de Trotsky dos anos 1930 sobre a importância dos jovens na luta pelo socialismo.

Dante Alighieri: um militante partidário, um gênio das letras

Maritania Camargo

Em 2021 o mundo relembra vida e obra de Dante Alighieri, o maior poeta italiano e para muitos o maior poeta de todos os tempos. Compreender o que leva um homem a cravar história e obra através dos séculos é o objetivo central do texto que apresentamos.



p38



EM DEFESA DO MARXISMO UMA PALAVRA AOS NOSSOS LEITORES

Alan Woods

“Um jornal que se propõe a ser um órgão materialista militante deve ser principalmente um órgão militante, no sentido de desmascarar e denunciar com firmeza todos os modernos ‘lacaio graduados do clericalismo’, independentemente de atuarem como representantes da ciência oficial ou como freelancers chamando-se a si próprios de publicitários de ‘esquerda democrática ou ideologicamente socialistas’” (Lenin, On the Significance of Militant Materialism).

Bem-vindo à mais recente edição de *In Defence of Marxism*, que representa um novo e estimulante ponto de partida para nossa revista.

Nos nove anos desde que começou a ser publicada, na primavera de 2012, a revista *In Defence of Marxism* (IDoM) estabeleceu uma sólida reputação por análises marxistas sérias e comentários sobre questões teóricas e candentes do movimento trabalhista.

Embora tenha sido lançado inicialmente como um jornal britânico, sempre teve uma forte orientação e audiência internacionais. Seguiu de perto a linha política do marxist.com, o conhecido site que ganhou uma merecida reputação por sua defesa consistente e intransigente da ideologia e dos princípios do marxismo revolucionário.

Já faz algum tempo que sentimos que a Corrente Marxista Internacional precisava de um periódico teórico, e o candidato óbvio para esse papel era o IDoM, que tinha a vantagem de já estar “pronto” e bem estabelecido.

A linha política da revista não mudará, a não ser pelo novo layout e apresentação. No entanto, a nova revista agora aparecerá em vários idiomas além do inglês (traduções para espanhol, português, alemão e

sueco já estão planejadas, e outros idiomas seguirão). Ela será publicada em dezenas de países ao redor do mundo, em papel ou em formato digital.

Confiamos que nossos leitores existentes continuarão a nos dar o mesmo apoio entusiástico de sempre e esperamos receber um grande número de novos leitores, convencidos de que as ideias do marxismo continuarão a ser uma fonte inesgotável de inspiração para os trabalhadores revolucionários e para a juventude em todos os lugares.

A IMPORTÂNCIA DA TEORIA

O primeiro número da IDoM renova da é uma edição especial dedicada principalmente ao tema do marxismo versus pós-modernismo. Algumas pessoas podem se surpreender com esta decisão. Por que perder tempo discutindo ideias abstratas e obscuras que não têm relevância para a classe trabalhadora?

Mas essa crítica perde totalmente o sentido. O marxismo não se limita à agitação sobre questões de interesse imediato para as massas da classe trabalhadora. O marxismo é muito mais do que um programa político e uma teoria econômica. É uma filosofia, cujo vasto escopo cobre não apenas a política e a luta de classes, mas toda a história humana, a economia, a sociedade, o pensamento e a natureza. Esquece-se frequentemente que Marx e Engels começaram como filósofos e que uma filosofia revolucionária, o materialismo dialético, está no cerne de seu pensamento.

Como Lenin apontou em seu clássico do marxismo “O que fazer?”:

“Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário. Não se pode insistir muito nessa ideia em uma época em que a pregação da moda do oportunismo anda de mãos dadas com uma paixão pelas formas mais restritas de atividade prática”.

A luta de classes revolucionária não pode ser reduzida à luta imediata do pão com manteiga da classe trabalhadora. Entre as inúmeras seitas em disputa que falsamente reivindicam o título de marxistas, frequentemente encontramos um desprezo velado pela teoria e uma adoração servil pelo que eles consideram ser “questões práticas”.

Os jornais das seitas estão cheios de agitação barata, escritos em estilo “popular”, como se os trabalhadores fossem crianças incapazes de apreender “ideias difíceis”. Isso apenas mostra um desprezo esnobe pelos homens e mulheres da classe trabalhadora, uma característica típica da mentalidade pequeno-burguesa e característica de pessoas que não têm nenhum conhecimento real da classe trabalhadora.

Na verdade, os trabalhadores logo se cansam de ouvir coisas que já sabem muito bem. Eles estão bem cientes de que são explorados pelos patrões, de que vivem em casas ruins, de que recebem salários muito baixos, de que pagam muito por água e eletricidade, e assim por diante. Mas os trabalhadores pensantes – aqueles que já compreenderam a necessidade de uma mu-

dança fundamental na sociedade – não se alimentarão com essas migalhas rançosas.

Os trabalhadores mais avançados e militantes buscam alimentos mais satisfatórios. Eles desejam adquirir uma compreensão séria do mundo em que vivem. Longe de serem desencorajados pela teoria, esses trabalhadores têm sede de conhecimento e de ideias. É tarefa dos marxistas genuínos ajudá-los a adquirir essas ideias.

Sem teoria, não teríamos razão de existir como uma tendência política separada. É o que nos distingue, por um lado, dos reformistas das variedades de esquerda e direita e, por outro lado, dos sectários estúpidos. O papel da nossa revista não é dizer aos trabalhadores o que eles já sabem, mas fornecer-lhes o arsenal teórico necessário para prepará-los para as grandes tarefas que se avizinham.

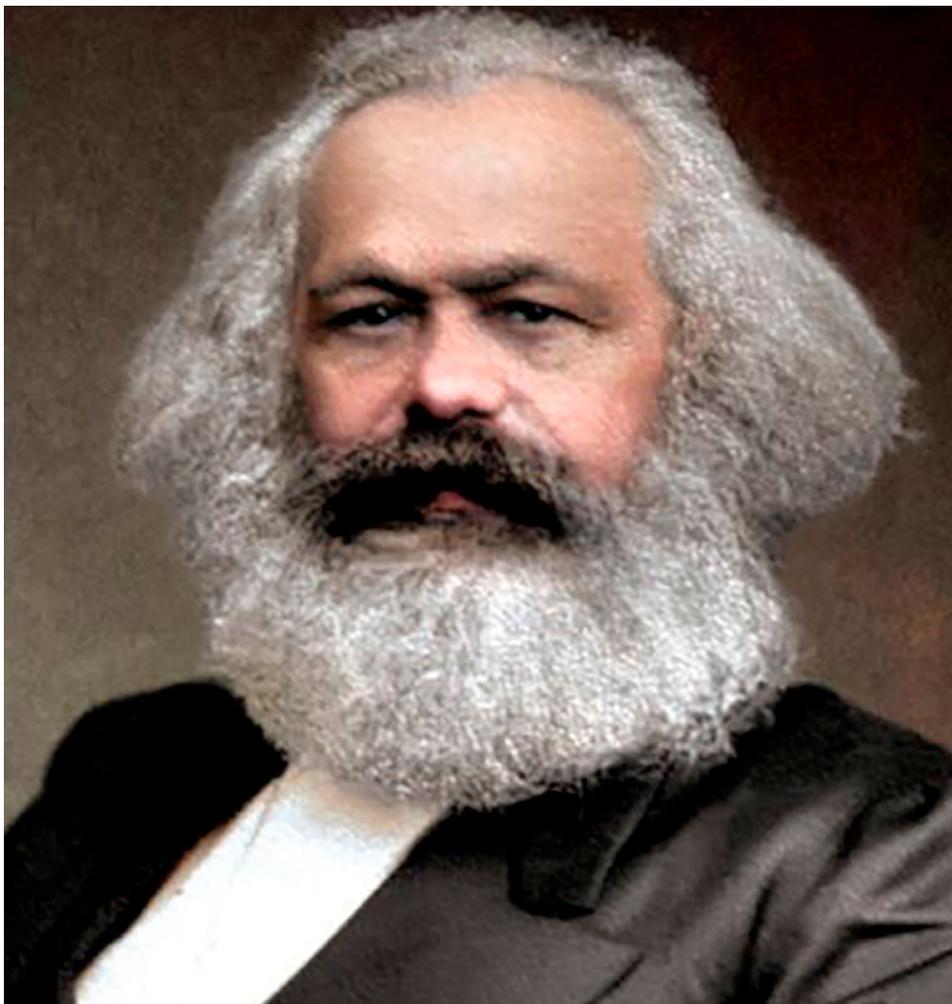
A luta pela teoria é um pré-requisito fundamental para preparar os trabalhadores para a luta pelo poder. Quem não entende isso não entende o que é o marxismo. Ao lado das lutas econômicas e políticas, como explica Engels, a classe trabalhadora também deve travar uma guerra contra as ideias dominantes na sociedade burguesa. O livro “Anti-Dühring”, de Engels e o livro de Lenin sobre empiriocriticismo foram exemplos clássicos dessa luta.

É nosso dever ir à ofensiva contra as ideias burguesas reacionárias que estão sendo continuamente difundidas pelas universidades. Devemos expor impiedosamente os professores burgueses pelo que eles realmente são: “lacaio graduado do clericalismo”, para usar a frase com a qual Joseph Dietzgen descreve os professores universitários – os apologistas idealistas do sistema capitalista.

O materialismo dialético continua sendo uma das armas mais importantes de nosso arsenal revolucionário. E uma vez que o materialismo dialético é a base e o fundamento do marxismo, é bastante lógico que, de todas as teorias de Marx, nenhuma outra tenha sido tão atacada, distorcida e caluniada.

No período atual, a arma mais proeminente da burguesia contra o marxismo tem sido o pós-modernismo, que é a forma mais crua de idealismo subjetivo. A honra de lutar contra a corrente, de combater essas ideias místicas e irracionais, cabe à vanguarda revolucionária da classe trabalhadora.

Cada escola de filosofia, nos últimos 150 anos, pelo menos, é apenas uma reargurgitação, de uma forma ou de outra, das ideias irracionais do idealismo subjetivo – as variedades mais toscas, absurdas e inúteis de idealismo. A última moda pós-modernista é apenas mais uma dessas variantes.



Uma das principais máximas do pós-modernismo é a negação do progresso na história. Mas mesmo a consideração mais superficial da história indica claramente a existência de períodos de grande avanço, e também períodos de regressão evidente. Estes períodos encontram seu reflexo inevitavelmente na história do pensamento em geral e da filosofia em particular.

No período de sua ascensão histórica, a burguesia desempenhou um papel mais progressista, não apenas no desenvolvimento das forças produtivas, o que expandiu poderosamente o poder da humanidade sobre a natureza, mas também na expansão das fronteiras da ciência, do conhecimento e da cultura.

Lutero, Michelangelo, Leonardo, Dürer, Bacon, Kepler, Galileu e uma série de outros pioneiros da civilização brilharam como uma galáxia, iluminando a ampla estrada do avanço cultural e científico humano aberta pela Reforma e pelo Renascimento.

Em sua juventude, a burguesia foi capaz de produzir grandes pensadores: Locke, Hobbes, Kant, Hegel, Adam Smith e Ricardo. No período de seu declínio, ele só é capaz de produzir o que Marx apropriadamente descreveu como picadas de pulgas.

Marx certa vez observou: “A filosofia e o estudo do mundo atual têm a mesma relação um

com o outro que o onanismo e o amor sexual”. A filosofia burguesa moderna prefere o primeiro ao último. Em sua obsessão por combater o marxismo (e o materialismo em geral), ela arrastou a filosofia de volta ao pior período de seu passado antigo, desgastado e estéril.

UM PERÍODO DE DECLÍNIO

Nossa era é um período de declínio. O sistema capitalista mostra sintomas claros de decadência terminal. Aqui, somos confrontados com um paradoxo. Por um lado, a marcha da ciência levou o conhecimento humano a alturas vertiginosas. Um por um, a natureza é obrigada a revelar seus segredos. Os velhos mistérios que homens e mulheres tentaram explicar por meio da religião e do sobrenatural foram analisados e compreendidos.

No entanto, apesar de todos esses avanços, a filosofia chegou a um beco sem saída. Não tem mais nada de interessante a dizer. Seu atestado de óbito foi emitido pelo pós-modernismo, que nem mesmo merece o nome de filosofia.

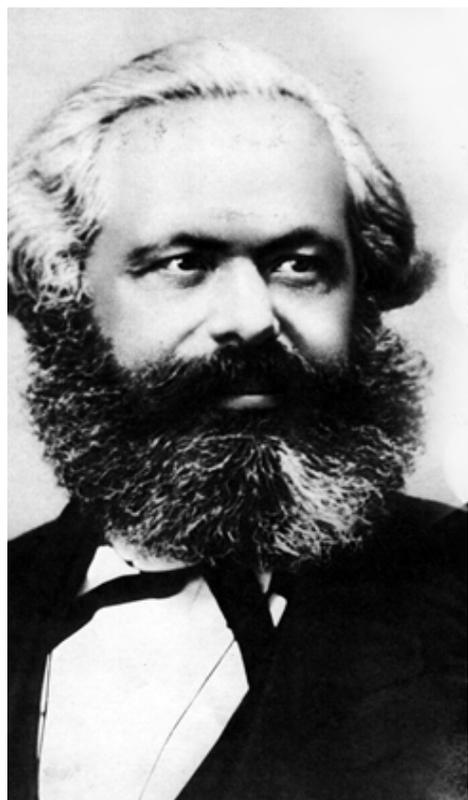
A degeneração da filosofia burguesa é um reflexo do beco sem saída do próprio sistema capitalista. Um sistema que se tornou irracional deve se apoiar em ideias irracionais. Um homem à beira de um precipício não

é capaz de pensar racionalmente. De maneira vaga, os ideólogos da burguesia sentem que o sistema que defendem está chegando ao fim. A disseminação de tendências irracionais, misticismo e fanatismo religioso reflete a mesma coisa.

A mania pós-modernista que passa por filosofia em nosso tempo é em si mesma uma confissão da mais abjeta falência intelectual. O mero fato de que essa “narrativa” pós-moderna pudesse ser levada a sério como uma nova filosofia é em si uma condenação esmagadora da bancarrota teórica do capitalismo e da intelectualidade burguesa na época da decadência imperialista.

O pós-modernismo nega o conceito de progresso histórico em geral, pela simples razão de que a sociedade que o gerou é incapaz de qualquer progresso. Isso não é por acaso. Milhões de pessoas enfrentam um futuro incerto. A ruína geral não atinge apenas a classe trabalhadora, mas se estende à classe média, aos alunos e professores, aos pesquisadores e técnicos, aos músicos e artistas, aos professores e aos médicos.

Nessas condições, um clima de pessimismo apodera-se da intelectualidade, que ontem via o capitalismo como fonte inesgotável de carreiras e garantia de um padrão de vida confortável. Há um fermento geral na classe média, que encontra sua expressão mais aguda na intelectualidade. Essa é a base material do ânimo que aflige a classe média, classe que, esmagada entre os grandes capitalistas e a classe trabalhadora, sente agudamente a precariedade de sua situação.



APOSTASIA

Os estados de espírito radicais do intelectual pequeno-burguês têm um caráter muito instável. Embora possa ser contagiado pelo otimismo revolucionário da classe trabalhadora durante os tempos de crescente luta de classes, pode rapidamente mudar de direção. Os intelectuais radicais chiques que flertaram com a Revolução em 1968 ficaram rapidamente desanimados. A grande maioria, principalmente na academia, foi tomada por sentimentos de pessimismo e incerteza.

O pós-modernismo é a forma mais extrema de idealismo. É uma rejeição do materialismo, da comunalidade da experiência e da percepção humana e uma rejeição da possibilidade da solidariedade humana.

Eles decidiram que a classe trabalhadora os havia decepcionado e, portanto, abandonaram todas as “metanarrativas” (especialmente o marxismo) e se voltaram para o ceticismo, que era apenas um reflexo de seu próprio estado de espírito. Não é por acaso que as ideias que levaram ao pós-modernismo se tornaram moda nas décadas de 1970, 80 e 90 como uma reação às derrotas de uma série de revoluções em todo o mundo – derrotas que foram agravadas pelo colapso da União Soviética. Este foi o solo em que as raízes venenosas do pós-modernismo floresceram e se fortaleceram.

O mesmo fenômeno pode ser observado no rescaldo de cada revolução derrotada na história. Foi exatamente o mesmo processo que levou ao crescimento de tendências irracionais e místicas após a derrota da Revolução de 1905 na Rússia. Em “Materialismo e Empiriocriticismo”, Lenin mostrou de maneira brilhante que as filosofias de Mach e Avenarius eram cópias ruins de Berkeley, Kant e Hume.

A única diferença é que os gênios pós-modernistas de hoje são simplesmente cópias ruins de cópias ruins. Desesperados por parecerem originais e tentando esconder sua completa falta de qualquer conteúdo real, eles se escondem

atrás de uma barreira impenetrável de linguagem incompreensível, complicada e intencionalmente ambígua.

PALAVRAS, PALAVRAS, PALAVRAS...

Polônio: O que você lê, meu senhor?

Hamlet: Palavras, palavras, palavras.

Hoje em dia, os idealistas subjetivos estão reduzidos a lutar numa ação desesperada de retaguarda, que equivale à dissolução total da filosofia, reduzindo-a inteiramente à semântica (o estudo do significado das palavras).

Os pós-modernistas conferem à linguagem poderes extraordinários. Eles argumentam que, se mudarmos as palavras que usamos na linguagem cotidiana, tomando o cuidado para não ofender ninguém usando termos “opressivos”, então iremos abolir a própria opressão. Mas a verdadeira opressão que sofrem todos os dias milhões de trabalhadores, camponeses, mulheres e pobres não é causada pelo uso indevido da linguagem, mas pelas reais condições de uma sociedade que está fortemente dividida entre ricos e pobres, exploradores e explorados.

Não se muda a essência de uma coisa mudando seu nome. Shakespeare escreveu que uma rosa com qualquer outro nome terá o mesmo cheiro doce. E o capitalismo com qualquer outro nome terá o mesmo cheiro. Aqui temos a prova mais notável da correção da célebre máxima de Marx: o ser social determina a consciência.

Essa obsessão com as palavras é apenas um reflexo do modo de existência do intelectual pequeno-burguês que contempla a vida do conforto da sala de



seminário da universidade. Esse modo de existência está muito distante do mundo real dos mortais comuns.

O carpinteiro produz mesas e cadeiras. O oleiro produz pratos e travessas. O agricultor produz batatas e repolhos. Mas o intelectual produz apenas palavras – muitas, muitas palavras. Essas palavras são lidas por outros intelectuais, que produzem outras palavras para serem lidas por mais outros intelectuais ainda. E assim por diante, e assim por diante, *ad infinitum*.

Normalmente, este é um passatempo bastante inofensivo, que serve para preencher as existências completamente vazias dos monges da academia, fornecendo-lhes um senso de propósito que, no entanto, permanece um mistério para o resto da humanidade sofredora.

No entanto, as coisas mudam substancialmente quando algumas dessas palavras misteriosas saem dos limites da universidade e começam a afetar o pensamento dos seres comuns de uma forma muito negativa.

Já é bastante ruim que gerações de estudantes universitários saiam de seus estudos ainda mais estúpidos e confusos do que quando começaram. Mas quando a mesma estupidez e confusão começam a contagiar a sociedade e a política, deixam de se tornar uma questão de diversão e se tornam, de fato, um assunto muito sério.

CONSEQUÊNCIAS REACIONÁRIAS

O pós-modernismo é a forma mais extrema de idealismo. É uma rejeição do materialismo, da comunalidade da experiência e da percepção humana e uma rejeição da possibilidade da solidariedade humana. Em vez de solidariedade de clas-

se, nos é oferecido um “aliado” superficial de lutas atomizadas.

Mas mesmo essa noção confusa se desfaz à medida que esses “aliados” imediatamente começam a atacar e abusar uns dos outros nas diatribes mais violentas, cada um gritando que é o oprimido, enquanto os outros são todos opressores que devem ser silenciados por completo.

Este tipo de “filosofia” claramente se adequa muito bem aos propósitos dos estrategistas da classe dominante. Eles podem usá-la para dividir e descarrilar a solidariedade de classe, ao mesmo tempo em que a usam como uma arma contra o pensamento racional e progressista em geral, e o marxismo em particular.

Deste pântano confuso de ideias malfeitas, certas conclusões inevitavelmente fluem: uma rejeição da revolução em favor das “pequenas ações” (como argumentos mesquinhos sobre palavras e “narrativas”), um recuo para a subjetividade e, é claro, uma negação da luta de classes.

Esse radicalismo terminológico pode fazer alguns intelectuais de classe média dormirem com mais facilidade em suas camas, mas não avança um milímetro na luta contra a opressão. Na verdade, isso a retarda. Ao elevar “minha” opressão particular sobre a “sua”, inevitavelmente chegamos a uma crescente compartimentalização e, em última instância, à atomização do movimento.

Tudo isso serviu para confundir e desorientar toda uma geração de jovens que foram desviados da causa da revolução socialista e empurrados para um pântano venenoso.

Algumas pessoas podem objetar que o pós-modernismo já seja antiquado.

Elas dizem que representam tendências totalmente diferentes. Mas esse argumento é falso e hipócrita. O pós-modernismo é um monstro com cabeça de hidra que muda constantemente, assim como o coronavírus. Ele reaparece em uma multiplicidade de disfarces: pós-estruturalismo, pós-colonialismo, teoria Queer e uma série de teorias da chamada política de identidade.

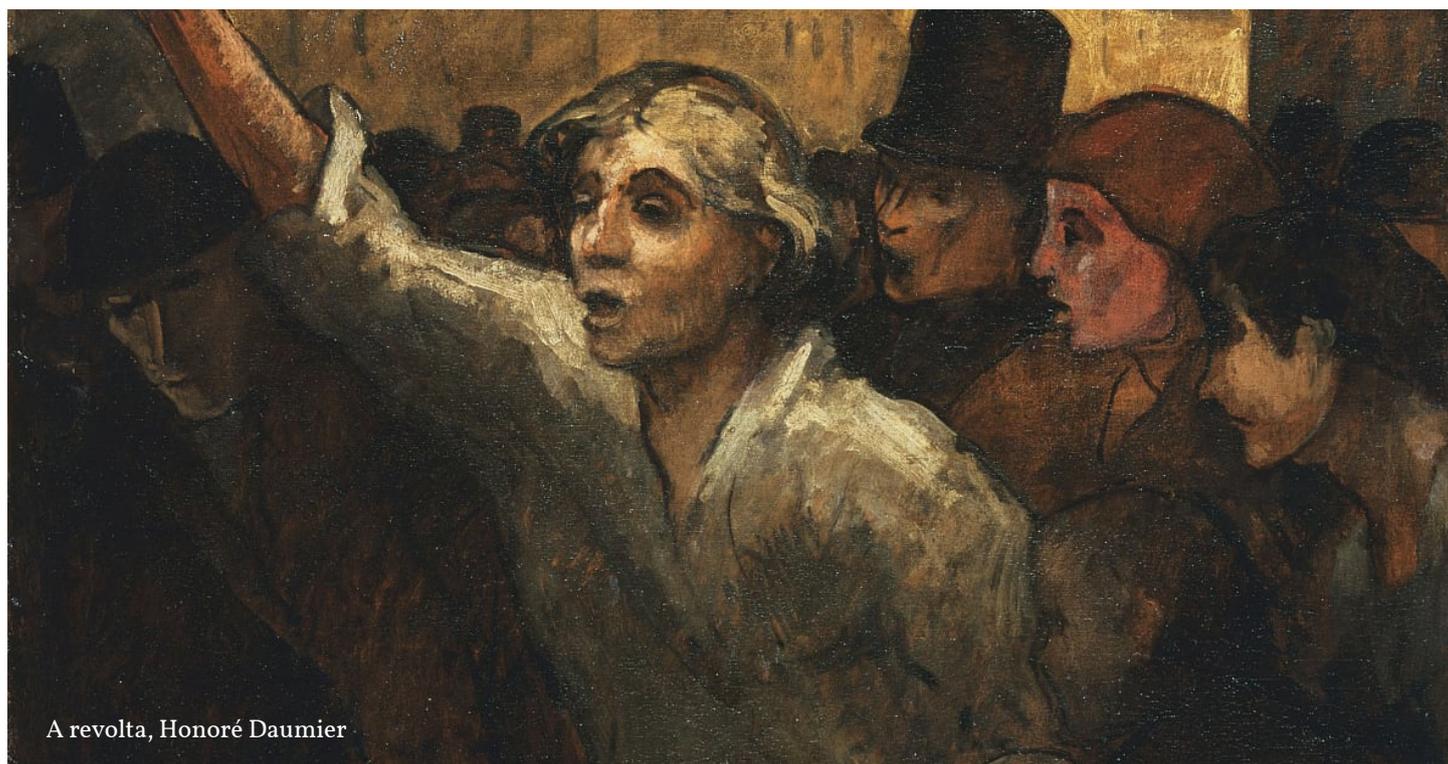
Todas essas variantes têm um caráter reacionário, semeando confusão e deliberadamente dividindo o movimento em uma miríade de tendências e subtendências conflitantes, cada uma proclamando em voz alta que só ela tem o direito de ser considerada como a verdadeira vítima da opressão, e que todos os mais são opressores.

E enquanto o movimento está ocupado em se destruir com uma série de conflitos internos sem sentido, os verdadeiros opressores – os banqueiros, os capitalistas e os imperialistas – se escondem e riem da estupidez do povo que, conscientemente ou não, está fazendo o trabalho sujo da contrarrevolução.

Na medida em que essas ideias venenosas conseguiram penetrar no movimento operário, onde são avidamente agarradas pelos burocratas de direita e por certos “esquerdistas” equivocados, elas desempenham um papel altamente destrutivo, diversionista e divisionista.

É hora de parar! Devemos declarar guerra a essa filosofia reacionária e expulsar essas ideias do movimento. Só assim pode ser aberto o caminho para o avanço do movimento operário e da unidade de todos os oprimidos sob a bandeira da revolução socialista.

Londres, 17 de junho de 2021



A revolta, Honoré Daumier

MARXISMO VERSUS PÓS-MODERNISMO

Daniel Morley e Hamid Alizadeh



John van Hulsen, Flickr

O pós-modernismo é uma escola de pensamento filosófica amorfa que ganhou destaque no período pós-guerra. Começando como uma tendência marginal, desde então cresceu e se tornou uma das escolas dominantes da filosofia burguesa, permeando grandes partes, senão a maioria, da academia hoje. Aqui publicamos o primeiro de uma série de artigos que analisam diferentes aspectos do pós-modernismo a partir de uma perspectiva marxista.

A história da filosofia conheceu uma vasta gama de escolas, subescolas e tendências, abrangendo uma ampla gama de perspectivas de mundo e princípios orientadores. Mas dentro dessa miríade de tendências, algumas delas racionais e materialistas, outras idealistas e descontroladamente místicas, pelo menos concordou-se em geral que a marca registrada de uma grande teoria era a consistência, a precisão e a atenção cuidadosa aos detalhes. Independentemente de como a filosofia foi expressa, em última análise, foi uma luta pela verdade. Mesmo os filósofos mais reacionários tiveram que admitir pelo menos isso. Pessoas como Agostinho de Hipona, cuja teoria da iluminação divina formou a espinha dorsal ideológica do reacionarismo medieval na Idade das Trevas, pelo menos tentaram retratar seus argumentos como coerentes e razoáveis.

Como os tempos mudaram! No período de declínio capitalista, a filosofia também passou por um processo de regressão. A expressão mais clara dessa tendência é o pós-modernismo. Durante o último meio século ou mais, essa tendência foi se espalhando lentamente como um vírus por todo o mundo, saltando de um país para outro, constantemente se transformando em novas e cada vez mais bizarras variantes. Ele gerou um ramo de subescolas e tendências, como o pós-colonialismo, a teoria Queer, várias formas de feminismo e muito mais que, de forma aberta ou disfarçada, dominam as ciências sociais e a academia de hoje.

No campo da filosofia pós-moderna, as maiores mentes da história são vistas com desdém e descartadas sem cerimônia. A razão é denunciada, enquanto a irracionalidade e a ininteligibilidade são elevadas ao nível de princípio. A honestidade teórica e a busca pela verdade são sufocadas em intermináveis limitações, ambiguidades e linguagem incompreensível. O seguinte é um excelente exemplo desse gênero:

“Mais importante que o esquerdismo político, mais perto de uma concorrência das intensidades: um vasto movimento subterrâneo, vacilante, mais alvoroçado na verdade, por conta do qual a lei do valor é contrariada. Retenção de produção, apreensões não compensadas como modalidades de consumo, recusa a ‘trabalhar’, comunidades (ilusórias?), acontecimentos, movimentos de libertação sexual, ocupações, invasões, sequestros, produções de sons, palavras, cores, sem intenção artística. Aqui estão os ‘homens de produção’, os ‘mestres de hoje’: marginais, pintores experimentais, pop, hippies e yippies, parasitas, loucos, lunáticos enjaulados. Uma hora de suas vidas oferece mais intensidade e menos intenção do que 300 mil palavras de um filósofo profissional.”

Não sabemos se uma hora na vida de marginais, pintores experimentais, pop, hippies e yippies, parasitas, loucos ou lunáticos pode oferecer mais intensidade do que as palavras de um “filósofo profissional” não especificado. Mas, a partir desse breve extrato, é certamente claro que apenas cinco minutos da vida de qualquer pessoa valem consideravelmente mais do que 300 mil palavras desse filósofo em particular.

Sem sequer esboçar um sorriso, os pós-modernistas apresentaram as afirmações e proposições mais ridiculamente absurdas. Jean Baudrillard, por exemplo, afirmou que a realidade agora desapareceu e, junto com ela, todo o significado. Para ilustrar seu ponto, ele parafraseia (e exagera) as palavras de Elias Canetti com aparente aprovação:

“Além de um certo momento preciso no tempo, a história não é mais real. Sem perceber, toda a raça humana de repente deixou a realidade para trás. Nada do que aconteceu desde então foi verdade, mas não somos capazes de perceber isso. Nossa tarefa e nosso dever agora é descobrir esse ponto ou, enquanto não conseguirmos entendê-lo, estamos condenados a continuar em nosso curso destrutivo atual.”

O leitor pode se sentir no direito de fazer uma pergunta: o que isso significa? Mas essa pergunta foi respondida com

antecedência. Já que a realidade agora desapareceu, e todo o significado junto com ela, não há sentido em pedir qualquer significado. Esse é um método que tem a vantagem indiscutível de descartar quaisquer questões incômodas com antecedência. Silencia todas as críticas possíveis e, de fato, liquida a base do pensamento racional em geral.

Essa linha de argumentação, que é apresentada como algo novo, não é – como todos os outros aspectos do pós-modernismo – nem nova, nem original. É apenas uma regurgitação do antigo argumento de Tertuliano no século III, que justificou os absurdos do dogma cristão ao afirmar, *Credo quia absurdum est*: “Acredito porque é absurdo”.

Na verdade, essa inclinação para o absurdo nos leva ao próprio cerne do pensamento pós-modernista, que rejeita todo pensamento racional. Deleuze e Guattari, muitas vezes retratados como a “ala esquerda” do pós-modernismo, levam esses absurdos a um nível totalmente novo:

“... a essência humana da natureza e a essência natural do homem tornam-se únicas dentro da natureza na forma de produção ou indústria, assim como o fazem na vida do homem como espécie. A indústria, então, não é mais considerada do ponto de vista extrínseco da utilidade, mas sim do ponto de vista de sua identidade fundamental com a natureza como produção do homem e pelo homem. Não o homem como o rei da criação, mas sim como o ser que está em contato íntimo com a vida profunda de todas as formas ou de todos os tipos de seres, que é responsável até mesmo pelas estrelas e pela vida animal, e que conecta incessantemente um órgão-máquina em uma máquina de energia, uma árvore em seu corpo, um seio em sua boca, o sol em seu ânus: o guardião eterno das máquinas do universo. Esse é o segundo significado de processo conforme usamos o termo: homem e natureza não são como dois opostos...”

Michel Foucault, amigo íntimo de Deleuze e Guattari, atropelou-se na pressa de elogiar esse absurdo: “... produziu-se uma tempestade de raios que levará o nome de Deleuze: um novo pensamento é possível; o pensamento é novamente possível”.

Então agora nós sabemos! Aparentemente, era quase impossível até mesmo pensar que Monsieur Deleuze nos iluminou com essas pérolas de sabedoria.

Toda a literatura pós-moderna está repleta dessa retórica pomposa, presunçosa e tosca que encobre suas teorias mal elaboradas. Mas essa última deve ganhar o prêmio. Agora, depois de ler as linhas acima, toda a humanidade pode dar um suspiro de alívio. Todos nós podemos começar a pensar.

Mas aqui está o problema: em que exatamente se supõe que devamos pensar?

DEFININDO O INDEFINÍVEL

Certamente vale a pena prestar atenção a uma filosofia que faz reivindicações tão grandiosas para si mesma. Portanto, nos armaremos de paciência e faremos todos os esforços para apreender qualquer significado que possa ser encontrado nela. O que exatamente é o pós-modernismo e o que está por trás dele? Aqui imediatamente colidimos com o primeiro problema. Dizem que é indefinível. É uma ideia que por definição se opõe a definições. Até agora isso não está claro.

O termo “pós-modernismo” foi cunhado pela primeira vez por Jean-François Lyotard em 1979, que o definiu como – em suas próprias palavras, “simplificando ao extremo” – “*incredulidade em relação às metanarrativas*”. O Oxford English Dictionary define “metanarrativa” como “um relato ou interpretação abrangente de eventos e circunstâncias que fornece um padrão ou estrutura para as crenças das pessoas e dá significado às suas experiências”.

Mas um momento! A própria definição de Lyotard também não é uma metanarrativa? Claro, é exatamente isso. Quando ele nos informa que devemos a todo custo evitar pensar sob certas formas que ele desaprova, ele não nos fornece uma teoria geral – um “relato ou interpretação abrangente de eventos e circunstâncias”? E, ao nos dizer que certas ideias devem ser evitadas, ele também não nos fornece “um padrão ou estrutura para as crenças das pessoas, dando sentido às suas experiências”?

A resposta a ambas as questões é inequivocamente afirmativa. Portanto, Jean-François Lyotard é acusado desde o início de uma contradição absurda ou de uma fraude flagrante. Estamos na presença de um tolo ou de um trapaceiro. Ou talvez ambos. É difícil decidir.

“SEM PROGRESSO”?

Os pós-modernistas também são conhecidos por sua rejeição da noção de progresso na história. Eles afirmam que o desenvolvimento da ciência e da filosofia não conhece progresso, e que existem apenas diferentes maneiras de interpretar o mundo. Além disso, esse é um mundo que nem mesmo corresponde às nossas interpretações dele. E, no entanto, os pós-modernistas apresentam sua escola de pensamento como a única que pode explicar essa situação. Se aceitarmos esse ponto de vista, qualquer ideia é tão boa quanto a seguinte, quer brote da mente de um xamã da idade da pedra, de um Aristóteles, de um Einstein ou de um Marx. Em nenhum momento a compreensão da humanidade sobre a natureza e a sociedade deu um único passo à frente – na verdade, não há “avanço” para o pós-modernista. Nada é progressivo, exceto, é claro, o pós-modernismo, que só agora emergiu, triunfante, para expor essa velha farsa de crença no progresso!

Em uma coisa podemos concordar prontamente. Certamente é verdade que, sob o sistema capitalista em seu período de decadência senil, nenhum progresso sério é possível para a raça humana. Mas temos o direito de tirar disso a conclusão de que o progresso em geral não existe ou que a história não passou por épocas em que deu passos gigantescos à frente? Não, não temos o direito de fazer tal coisa. Quem estuda o passado verá imediatamente que a sociedade humana conheceu períodos de grande avanço, caracterizados pelo rápido desenvolvimento das forças produtivas, da ciência e da tecnologia e pelo florescimento da arte e da cultura.

Também conheceu outros períodos caracterizados por estagnação, retrocesso, decadência e até recaídas na barbárie. A queda do Império Romano foi o início de centenas de anos de retrocesso na Europa, que foi corretamente chamado de Idade das Trevas. O Renascimento marcou uma virada no desenvolvimento da cultura em todas as esferas. Arte, ciência, literatura: todos experimentaram um renascimento notável (o significado literal do termo “Renascença”). Foi a época da ascensão da burguesia, portadora de uma nova e superior etapa da sociedade humana, uma época de descobertas que resgatou a humanidade das amarras do feudalismo, juntamente com o obscurantismo irracional da Igreja e as fogueiras da Inquisição.

Mais tarde, a burguesia revolucionária da França produziu o Iluminismo, que os pós-modernistas veem com especial aversão precisamente porque defendeu o pensamento racional e a ciência. Como o próprio nome indica, o pós-modernismo acredita que algo chamado modernismo chegou ao fim. O modernismo é o conjunto de ideias que emergiram do Iluminismo. Essa foi a época heroica do capitalismo, quando a burguesia ainda era capaz de desempenhar um papel progressista. Mas a época atual apresenta um quadro de decadência social, econômica, política e ideológica. O progresso humano realmente estagnou. As forças produtivas estão paralisadas pela crise mais profunda em trezentos anos. A cultura estagna e os frutos da ciência, longe de libertar a humanidade, ameaçam com o desemprego em massa e a catástrofe ambiental. A classe capitalista se tornou um obstáculo colossal ao progresso.

Com base no sistema atual, as perspectivas para a humanidade são realmente sombrias. Mas, em vez de concluir que é o sistema social do capitalismo que impede o progresso, os pós-modernistas concluem que o próprio progresso está descartado, pois nunca existiu. A classe dominante e seus parasitas de classe média nas universidades estão impregnados de um espírito de pessimismo. Eles lamentam o terrível estado da sociedade, mas, ao rejeitar a ci-

ência, o pensamento racional e o progresso em geral, eles apenas refletem a perspectiva de uma classe dominante degenerada e decrépita.

A desonestidade intelectual e a covardia são componentes essenciais do pós-modernismo. Ele adota toda uma série de manobras para confundir e desorientar o leitor, a fim de camuflar o seu real caráter reacionário.

DESONESTIDADE

Joseph Dietzgen disse uma vez que a filosofia oficial não é uma ciência, mas “*uma salvaguarda contra a social-democracia*” – e, por social-democracia, Dietzgen se referia ao movimento revolucionário da classe trabalhadora. A tarefa das ideias dominantes hoje é precisamente cobrir o abismo entre os interesses das massas e o status quo do capitalismo. Essa é a base fundamental para os truques, falácias e desonestidade extrema que caracterizam a filosofia burguesa em geral e o pós-modernismo em particular. Um desses truques é a constante repetição de afirmações contraditórias para encobrir seus rastros. Em uma entrevista de 1977, publicada sob o título Prison Talk [Conversas sobre Prisões], Foucault foi confrontado com uma pergunta estranhamente direta sobre sua rejeição ao conceito de “progresso”. Esse é um trecho dessa entrevista:

“Encontrei uma frase em Loucura e Civilização [na realidade, a citação é de História da Loucura] onde você diz que devemos ‘liberar cronologias históricas e ordenações sucessivas de todas as formas de perspectiva progressista.’”

Foucault respondeu da seguinte forma:

“Isso é algo que devo aos historiadores da ciência. Eu adoto a precaução metódica e o ceticismo radical, mas não agressivo, que torna um princípio não considerar o ponto no tempo em que estamos agora como o resultado de uma progressão teleológica que caberia reconstruir historicamente: aquele ceticismo em relação a nós mesmos e o que somos, o nosso aqui e agora, o que nos impede de supor que o que temos é melhor – ou mais do que – no passado. Isso não significa não tentar reconstruir

processos generativos, mas que devemos fazê-lo sem impor-lhes uma positividade ou uma valorização.”

Se fizermos o esforço para penetrar no mundo obscuro da linguagem foucaultiana, vemos que sua rejeição da imposição de “valorização” nos “processos geradores” da história nada mais é do que uma rejeição ao progresso. Em um ato de engano cínico, ele arrasta pelos cabelos o termo “teleológico” como um meio de confundir a questão.

Qualquer pessoa com o mínimo conhecimento sobre filosofia saberia que existe um mundo de diferença entre teleologia – uma palavra com conotações religiosas, que significa propósito predeterminado, que Marx nunca apoiou – e a ideia de que a história humana não é uma série de acidentes sem sentido, mas é regido por certas leis que se afirmam independentemente da vontade subjetiva de cada homem e mulher.

O entrevistador, para não se deixar intimidar tão facilmente, faz então a Foucault a pergunta mais natural após essa resposta: “*Mesmo que a ciência há muito compartilhe do postulado de que o homem progride?*”.

Foucault então responde:

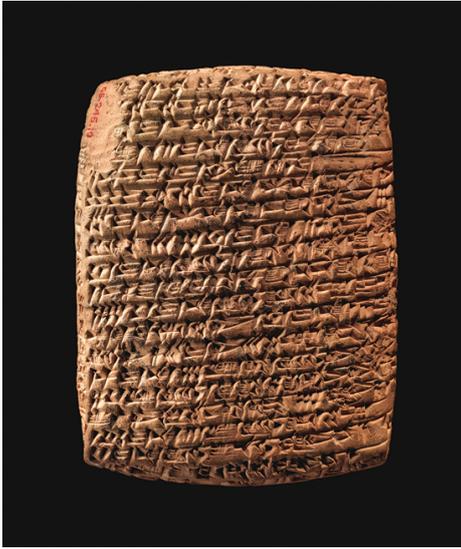
“Não é a ciência que diz isso, mas sim a história da ciência. E não digo que a humanidade não progride. Eu digo que é um método ruim colocar o problema como: ‘Como é que progredimos?’. O problema é: como as coisas acontecem? E o que acontece agora não é necessariamente melhor ou mais avançado, ou melhor compreendido, do que o que aconteceu no passado.”

Aqui vemos um caso clássico de percorrer todos os caminhos ao mesmo tempo. Tendo dito claramente (ou tão claramente quanto sua linguagem peculiar permite) que ele nega o progresso na história, ele então afirma calmamente o oposto: que ele não diz “a humanidade não progride”. Mas logo a seguir, ele acrescenta que “o que acontece agora não é necessariamente melhor ou mais avançado, ou melhor compreendido, do que o que aconteceu no passado”. Portanto, realmente não houve progresso.

ESTÁ SUFICIENTEMENTE CLARO?

Esse é um exemplo muito bom de como essas damas e cavalheiros se retorcem, giram e plantam bananeira brincando com as palavras para ocultar seu significado, assim como uma lula espirra jatos de tinta para confundir seus inimigos. Assim, se algum dia acusar Foucault de negar o progresso, o ponto focal da maioria de seus escritos, ele poderia sempre apontar para trás e dizer: “*ah não, uma vez eu disse isso; ‘Eu não digo que a humanidade não progride’”*.

A desonestidade intelectual e a covardia são componentes essenciais do pós-modernismo. Ele adota toda uma série de manobras para confundir e desorientar o leitor, a fim de camuflar o seu real



caráter reacionário. O que surpreende são a arrogância e a audácia desavergonhadas com que esse engodo é apresentado.

JOGOS DE LINGUAGEM

“Ora, às vezes acreditei em até seis coisas impossíveis antes do café da manhã” (Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas)

O pós-modernismo se baseia no princípio de que conceitos, ideias e a própria linguagem são “construções” subjetivas e arbitrárias. Assim, todo pensamento conceitual, incluindo a ciência, também é opressor. Não pode haver verdade objetiva. Nada é verdadeiro ou confiável. A única verdade reside na experiência individual, na “experiência vivida”, e isso só pode ser uma verdade pessoal.

Não contentes em jogar todo o pensamento racional e as “metanarrativas” na lata de lixo, alguns pós-modernistas chegam ao ponto de nos informar que, uma vez que a linguagem é uma construção opressora, a própria gramática deve ser abolida por ser opressora à liberdade humana. Uma vez que estejamos livres das amarras opressivas da gramática e da sintaxe, podemos subir ao paraíso da liberdade absoluta, onde poderemos nos comunicar uns com os outros de uma maneira inteiramente nova.

Mas a linguagem não é uma construção. Não foi inventada por ninguém. Ela evoluiu gradualmente ao longo de um período muito longo de tempo, centenas de milhares de anos na verdade, como resultado do desenvolvimento da sociedade humana. Isso também se aplica às leis do pensamento, que os pós-modernistas desejam destruir. Mas pelo que elas devem ser substituídas? Podemos gostar ou não das regras de gramática e sintaxe, seja a gramática da língua oficial ensinada nas escolas ou a gramática não canonizada, como os dialetos. No entanto, sem essas regras, a fala se torna completamente ininteligível ou, pelo menos, extremamente incoerente. Claro, os pós-modernistas têm um prego para cada buraco.

Em resposta à acusação de ininteligibilidade, Judith Butler, uma crença fervorosa pós-moderna, denuncia o “aprendizado das regras que regem o discurso inteligível”. De acordo com Butler, aprender essas regras é:

“uma inculcação da linguagem normalizada, onde o preço de não se conformar é a perda da própria inteligibilidade”. Ela prossegue dizendo que “não há nada de radical no bom senso. Seria um erro pensar que a gramática recebida é o melhor veículo para expressar visões radicais, dadas as restrições que a gramática impõe ao pensamento, na verdade, ao próprio pensável”.

Então agora você sabe! O “bom senso” não é radical, mas o absurdo é. Com base nisso, Butler parte em uma jornada para construir sua própria gramática, uma que de alguma forma não se “imponha” em seus pensamentos. Depois de fazer isso, ela embarca em todos os tipos de aventuras, pensando em coisas que são completamente “impensáveis” para nós que somos limitados pela linguagem dos meros mortais.

No entanto, surge a pergunta: como ela comunicará esses pensamentos impensáveis a meros mortais que ainda estão presos às restrições da “fala inteligível” e que não têm a menor ideia do que ela está falando? O método de Butler é puro sofisma. Em outras palavras, é um truque: “Minhas ideias não são ruins e incompreensíveis; você simplesmente não é avançado o suficiente para entendê-las”.

Dito isso, não é correto ir tão longe a ponto de afirmar que os textos pós-modernistas são incompreensíveis. O propósito da retórica complicada é fazer com que ideias muito antigas, estúpidas e reacionárias soem originais, sofisticadas e até radicais. É verdade que requer um pouco de esforço desvendá-las, mas há definitivamente uma agenda, e não é tão difícil de entender, uma vez traduzida de sua “linguagem especial” para a fala dos mortais comuns.

“NÃO HÁ NADA ‘FORA DO TEXTO’”

Jacques Derrida, um dos pós-modernistas mais influentes, disse a famosa frase que “não há nada fora do texto”. Com isso ele quer dizer que o significado – e, portanto, o conhecimento – não está relacionado à realidade objetiva, mas apenas a si mesmo. As palavras que usamos não estão de forma alguma relacionadas com as coisas que queremos significar. Em vez disso, qualquer palavra, de acordo com Derrida, só é definida por sua relação com outras palavras. Assim, para entender qualquer coisa, primeiro temos que entender todas as palavras que fornecem contexto às nossas palavras e, em

seguida, todas as palavras que fornecem contexto a essas palavras e assim por diante. Claro, isso é impossível e, portanto, somos informados que essa coisa passageira chamada “significado” será para sempre “adiada” e nunca totalmente apreendida.

É certamente verdade que o significado da linguagem de Derrida nunca pode ser totalmente compreendido, mas isso é outra questão. O que Derrida pretende é minar a noção de que podemos compreender a própria realidade objetiva. Em outras palavras, em última análise, não existe realidade “fora do texto”. Poderíamos ter uma palavra para cachorro ou gato, mas de acordo com ele, esses conceitos são apenas criações abstratas e subjetivas da mente humana e não têm qualquer relação com nenhum gato ou cachorro real e, portanto, perdem todo o significado.

Apesar dessas observações “profundas”, por muitos milhares de anos homens e mulheres continuaram a fazer uso da linguagem, despreocupados com as verdades superiores que os informam que um cachorro não é realmente um cachorro, um gato não é realmente um gato e que, na verdade, essa linguagem não é capaz de dizer absolutamente nada inteligível.

Longe de ser uma visão unilateral das coisas, como diria Derrida, sua filosofia mostra uma compreensão extremamente unilateral do conhecimento humano. Se nossos conceitos não refletem nenhuma verdade objetiva, e se o “significado” pode ser gerado e “desconstruído” pelos seres humanos à sua vontade, então como as pessoas podem se comunicar por texto ou por qualquer outro meio? Por que Derrida se preocupa em escrever textos, quando não há um objetivo ou base comum para a linguagem? E como podemos reconhecer que estamos todos experimentando a mesma realidade se, na medida em que tal realidade existe, estamos todos impedidos de acessá-la?

Essas inconsistências, entretanto, não pareceram incomodar Derrida. Como todos os pós-modernistas propriamente ditos, Derrida usa a inconsistência como uma medalha de honra. Sua noção mais famosa, “desconstrução”, é, no mínimo, a proposição de que “liberdade” consiste em quebrar a consistência e a coerência das ideias. Dessa forma, cada indivíduo pode construir e “desconstruir” sua própria realidade. Na verdade, é precisamente isso que Judith Butler, a feminista pós-moderna mais influente, afirma:

“‘Conceder’ a inegabilidade do ‘sexo’ ou sua ‘materialidade’ é sempre conceder alguma versão de ‘sexo’, alguma formação de ‘materialidade’. É o discurso em e através do qual essa concessão ocorre – e, sim, que a con-

cessão invariavelmente ocorre – ela mesma não formadora do próprio fenômeno que ela concede? [...] referir-se ingenuamente ou diretamente a tal objeto extra-discursivo exigirá sempre a delimitação prévia do extra-discursivo.”

O “discurso” é “formador do próprio fenômeno que concede”. O pensamento produz realidade. A realidade material, mesmo o sexo biológico, é “discursiva” e pode ser alterada naturalmente por meio do discurso. Mas certamente se o sexo biológico é apenas um produto do “discurso”, então o resto também é; assim como você e eu também. Mas então não podemos construir ou “desconstruir” minha realidade, ou eu a sua? ... Butler não diz nada a respeito.

Esta teoria não é moderna nem pós-moderna, mas bastante antiga. Estamos lidando com idealismo subjetivo – uma tendência que remonta aos primeiros dias da própria filosofia. O dogma principal do idealismo subjetivo é que não há realidade objetiva existindo independentemente dos pensamentos e sensações dos seres humanos.

A forma de argumento de Derrida é simplesmente uma cópia tosca da noção apresentada por Immanuel Kant no século 18 de que a consciência humana nunca pode realmente conhecer a realidade material, ou o que ele chamou de “*coisa em si*”. De acordo com Kant, a mente é abastecida com uma série de categorias de pensamento “a priori” – como espaço, tempo, substância etc. – que nos permitem reconhecer o mundo da aparência. Mas nossas mentes não são capazes de conhecer a realidade material como ela realmente é, “em si mesma”.

Derrida, entretanto, vai além de Kant e ridiculariza os conceitos em sua totalidade. Todos os conceitos gerais são, segundo ele, produtos da mente humana sem relação com a realidade objetiva. Essas ideias são ainda mais antigas do que Kant. No início do século 18, o Bispo George Berkeley apresentou os mesmos argumentos absurdos, embora de uma maneira muito mais convincente:

“É de fato uma opinião estranhamente prevalente entre os homens que casas, montanhas, rios e, em uma palavra, todos os objetos sensíveis têm uma existência, natural ou real, distinta de como são percebidos pelo entendimento”.

Mas há um problema com essa teoria que não pode ser facilmente eliminado. A lógica inescapável desse argumento é o solipsismo (do latim *solo ipsus*, só eu existo). Essa é a noção de que, uma vez que não podemos provar com certeza a existência de nada ou de ninguém além de nossa própria mente, devemos nos resignar a



John Smibert

ser nada mais além de prisioneiros solitários de nossos próprios mundos internos e tudo o mais deve ser uma invenção de nossa imaginação. Mas se for esse o caso, então Deus também deve ser apenas uma invenção da nossa imaginação.

De acordo com essa ideia, nada pode ser objetivo porque nada pode ser provado que existe. Tudo é apenas criação (“construção”) do pensamento. Isso, é claro, é refutado por milhares de anos de experiência e prática humana. Também é refutado pela história da ciência por pelo menos dois milênios e meio. Mas isso não preocupa os pós-modernistas que negam que qualquer progresso tenha ocorrido.

O Bispo Berkeley era um reacionário e um ferrenho defensor da Igreja. Seu objetivo declarado era travar uma luta contra a ciência, o pensamento racional, o ateísmo e o materialismo do Iluminismo. Em todos, exceto um deles (ateísmo), os pós-modernistas estão de pleno acordo com ele. Seu principal argumento estava voltado para o empirismo, uma forma subdesenvolvida de materialismo que predominava na época. Os empiristas sustentavam que todo conhecimento é, em última análise, obtido por meio da experiência dos sentidos. Isso é correto, mas unilateral. O argumento deles foi levado a um extremo absurdo pelo filósofo escocês David Hume, que acabou argumentando que, porque só podemos confiar na experiência dos sentidos, não podemos provar que existe algo além de nossa própria experiência dos sentidos.

Se aceitarmos as premissas dos idealistas subjetivos, só há uma saída para esse absurdo: o caminho proposto pelo Bispo Berkeley. Ou seja, que é a mente de Deus percebendo as coisas que dá às nossas ideias objetividade e aos seres huma-

nos um ponto de referência comum. Mas há outro caminho: o do materialismo e da ciência. À premissa de que todo conhecimento é obtido por meio da experiência dos sentidos devemos adicionar outra premissa, a de que uma realidade material objetiva existe independentemente de nossas ideias e experiências, e que os seres humanos são capazes de investigar essa realidade e descobrir suas características e leis de movimento internas. Isso é precisamente o que o pós-modernismo rejeita.

A VERDADE É POSSÍVEL?

Sabe-se comumente que uma ideia verdadeira é uma ideia que corresponde à realidade. Uma criança pequena pode pensar que é divertido brincar com fogo. Em breve perceberá que essa não é uma ideia correta. A partir de dolorosas tentativas e erros, com o tempo vai se formando a ideia de que se nos aproximarmos da maneira certa um fogo pode afinal ser muito útil e, em algumas situações, talvez até divertido. O fogo passa de uma “coisa em si” desconhecida a uma “coisa para nós”. Esse é o caminho geral dos seres humanos – da ignorância ao conhecimento.

Os pós-modernistas, entretanto, rejeitam essa noção. Eles rejeitam inteiramente a proposição de que as ideias podem ser verdadeiras ou falsas. Eles zombam de afirmações categóricas (embora nem sempre, como veremos) porque isso implicaria que algumas afirmações são mais verdadeiras do que outras. Assim, eles enchem seus escritos de afirmações vagas e extremamente equívocas, cheias de condicionalidades e longas explicações contraditórias.

De acordo com Foucault, o mais proeminente pós-modernista, não podemos

aspirar à verdade objetiva. Ou seja, não podemos aspirar a ideias, cujo conteúdo independe dos seres humanos. Ele afirma que, em última análise, a veracidade das ideias – o conhecimento, em outras palavras – não é derivada de nossa experiência da realidade material, mas sim do que ele chama de “poder”. Não é o poder no sentido em que normalmente o entendemos, como o poder do Estado ou o poder de uma classe sobre outra. “Poder”, no vocabulário de Foucault, significa essencialmente apenas conhecimento em geral. Assim, “poder” produz conhecimento e conhecimento produz “poder”. Ou, dito de outra forma, o conhecimento produz conhecimento. Essa é uma tautologia pura que não explica exatamente nada. Fundamentalmente, é o mesmo princípio apresentado por Derrida de que as ideias e conceitos gerais não refletem a realidade objetiva, mas apenas outras ideias e conceitos.

Foucault então nos diz que a verdade não é algo que podemos alcançar testando nossas ideias no mundo real. Em vez disso, a verdade é “produzida” pelo “poder”. E “regimes de verdade” são impostos à sociedade pelo “poder”. “Poder” nos diz o que é verdadeiro e o que é falso. No entanto, de acordo com Foucault, na realidade essas categorias de verdadeiro e falso não existem. Consequentemente, nada é verdadeiro e nada é falso. Uma das maneiras de descobrirmos isso, ele nos informa, é tomando LSD:

“Podemos ver facilmente como o LSD inverte as relações entre o mau humor, a estupidez e o pensamento: tão logo elimina a supremacia das categorias, arranca o terreno de sua indiferença e desintegra o lúgubre espetáculo da tola estupidez; e apresenta essa massa unívoca e a-categórica não apenas como variada, móvel, assimétrica, descentrada, espiralóide e reverberante, mas faz com que ela suba, a cada instante, como um enxame de eventos-fantasmas.”

Se pudermos tentar uma tradução dessa linguagem sem nexos, o que Foucault está nos dizendo aqui é essencialmente que as alucinações induzidas pelo LSD nos revelam que a realidade não é a forma como pensamos sobre ela normalmente. Um dia posso pensar que os elefantes são animais selvagens que vivem em zoológicos e regiões tropicais e no dia seguinte podem ser pequenas criaturas rosadas voando em círculos ao redor da minha cabeça. Quem pode dizer qual dessas ideias é verdadeira e qual é falsa?

Não podemos falar sobre a verdade de forma alguma, nem a minha verdade, nem a sua verdade. Há uma exceção, é claro. Um tipo de coisa que é absoluta e eternamente verdadeira, que são as decla-

rações gerais de Monsieur Foucault, como sua rejeição do conceito de verdade. Esse é mais um exemplo da autocontradição pós-modernista. Foucault nem mesmo percebe que está tentando nos fornecer uma prova da “veracidade” de seu conceito. Não era exatamente isso que deveria ser impossível?

Podemos realmente afirmar, como Foucault essencialmente o faz, que a verdade objetiva é uma ficção? Vamos ver. Posso acreditar que sou um pássaro e que posso voar, mas se pular da beira de um penhasco, essa ideia vai desabar comigo. Posso imaginar que sou um multimilionário. Mas se eu entrar em um banco exigindo sacar um milhão de libras, o gerente certamente me perguntará quanto LSD eu consumi. Se algum pós-modernista deseja provar que estamos errados, nós o convidamos educadamente a tentar um desses dois experimentos. A prática logo nos dirá quem está certo e quem está errado!

Na Europa, durante a Idade Média e até o século 18, era uma crença comum que a Terra foi criada por Deus alguns milhares de anos atrás. Mas a ciência dissipou totalmente essa crença. Hoje essa ideia só existe na base da fé. Rejeitar a verdade objetiva no final equivale a reduzir todo o conhecimento humano ao nível da fé e da superstição – isto é, nos traz de volta ao pântano da religião.

Ao contrário da fé, toda a ciência se baseia na proposição de que um mundo natural existe independentemente de nossas ideias e que nossas ideias são capazes de refletir fenômenos naturais. A verdade, portanto, existe objetivamente, isto é, independentemente das mentes dos seres humanos individuais. Negar isso é o mesmo que negar a ciência, o que, como veremos, é exatamente o que os pós-modernistas fazem.

CONHECIMENTO SUBJETIVO E OBJETIVO

O pós-modernismo eleva a subjetividade a um princípio absoluto. Disto deduz que o pensamento em geral é limitado e parcial, portanto, não pode atingir a verdade objetiva. Para o acadêmico tacanho, o mundo está parado na ponta do seu nariz, ou pelo menos na porta da sala do seminário. O professor universitário produz apenas palavras. Essas são a soma total de seu mundo, seu ambiente natural o único ambiente que ele conhecem. É isso que explica a obsessão dos pós-modernistas por palavras e linguagem. Também explica a extrema estreiteza de sua visão e a pobreza de seu pensamento.

Mas o pensamento vai além do “sujeito”. As grandes teorias científicas e filosóficas da história não são meramente produto de grandes mentes individuais;

elas são a expressão máxima do desenvolvimento do pensamento humano em suas respectivas sociedades. Quando falamos sobre o pensamento humano, não falamos dos meandros de uma mente individual, mas sim sobre o pensamento humano em geral, coletivamente.

É verdade que cada ser humano individual, por natureza, tem uma visão parcial e limitada. Mas, tomada como um todo, a humanidade pode superar as limitações do indivíduo testando coletivamente a objetividade de cada proposição a partir de uma miríade de ângulos e aplicando-a na vida real. Os pensamentos dentro da cabeça de um indivíduo não pertencem apenas a ele todas as nossas teorias e linguagem são produtos do desenvolvimento social humano como um todo, transmitido de uma geração para a seguinte. Nem é a relação entre sujeito e objeto puramente uma questão de contemplação abstrata. A raça humana reage ao mundo real ativamente, não passivamente.

Os seres humanos transformam o mundo por meio do trabalho coletivo e assim se transformam. É esse processo incessante de criação, que encontra sua expressão máxima na marcha progressiva da ciência, que os pós-modernistas desejam negar, mas que é um fato evidente. É uma marcha incessante da ignorância ao conhecimento. O que não sabemos hoje, com certeza saberemos amanhã. Nesse sentido, o pensamento humano não é apenas capaz de objetividade, mas também é ilimitado e absoluto. Nenhum conhecimento está fora de seu alcance.

Marx explicou em suas Teses sobre Feuerbach que *“a questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas uma questão prática. É na práxis que o ser humano tem que comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da práxis é uma questão puramente escolástica”*.

Levantar a questão de se a verdade pode ser objetiva ou não, como fazem os pós-modernistas, desconectada da atividade humana real, equivale a uma especulação vazia. O pensamento é uma expressão da prática e, em última análise, é na prática que as ideias são testadas. O desenvolvimento das ideias serve para melhorar nossa prática. Da mesma forma, no curso dessa atividade, os elementos objetivamente verdadeiros de todas as ideias são determinados e separados de seus lados falsos ou exagerados.

VERDADE RELATIVA E ABSOLUTA

Mas o fato de que as ideias podem ser provadas objetivamente verdadeiras significa que as ideias humanas, a partir do

momento em que são pensadas, exaurem a verdade para sempre? Claro que não. Do ponto de vista materialista, é inútil falar em alcançar a verdade absoluta no sentido de um conhecimento final da totalidade de nosso universo. A humanidade é capaz de descobrir as leis da natureza em todos os níveis. Os constantes avanços da ciência e da tecnologia modernas são prova disso. Mas a humanidade nunca chegará a um ponto em que descubra tudo o que há para descobrir. Para cada problema que a ciência resolve e para cada nível da natureza que o homem domina, surgem novos caminhos e novos problemas.

A história da ciência nos mostra esse processo em uma série interminável de teorias, ora em ascensão, ora em declínio em face de outras mais avançadas. Mas aqui o pós-modernismo, mais uma vez, tira uma conclusão exagerada e unilateral de uma observação formalmente correta. Ele deduz que, uma vez que todas as teorias são substituídas em um determinado estágio, nenhuma ideia é verdadeira; toda verdade é relativa e arbitrária.

Em seus livros *Loucura e Civilização* e *História da Loucura* – que pretendem ser tratamentos históricos da psiquiatria – Foucault nos apresenta uma série de ideias e métodos que foram usados na psiquiatria no passado, mas que desde então se mostraram falsos. Na verdade, eles seriam considerados extremamente reacionários se aplicados pelos psiquiatras de hoje. Com base nisso, ele tenta minar a reivindicação da ciência de uma verdade objetiva em geral.

Essa é uma tendência geral em todas as “histórias” de Foucault. É como se ele esperasse que a ciência fosse o santo graal da verdade eterna absoluta desde o início e, decepcionado com o que descobriu, concluiu que é necessário descartar completamente toda ciência e noção de verdade. Ele arma um espantinho e, em seguida, o deruba sem esforço. Mas a ciência nunca se preocupou em possuir a verdade absoluta. Ela se propõe um objetivo muito mais modesto: descobrir a verdade passo a passo, pela aplicação paciente do método científico real da observação e experimentação.

Os pós-modernistas olham para a ciência de períodos anteriores com desprezo. Claro, é fácil criticar um período menos avançado do seu próprio ponto de vista. Revela uma atitude ignorante e covarde, como um adulto ridicularizando uma criança por não falar da mesma maneira refinada e confiante que ele. Mas as ideias de diferentes estágios históricos não são acidentais. Elas refletem as capacidades da sociedade humana em cada estágio e, como tal, são absolutas para aquele período. Ou seja, são as verdades mais elevadas que a sociedade poderia atingir naquele momento particular.

As verdades particulares descobertas por uma dada sociedade não são obtidas arbitrariamente. Não seria possível que Newton desenvolvesse a mecânica quântica. A mecânica newtoniana formou um elo necessário que mais tarde levou às descobertas da mecânica quântica. Em última análise, o pensamento – tendo o pensamento científico como sua expressão máxima – reflete o nível de desenvolvimento da sociedade de seu tempo. Mas, por sua vez, também desenvolve a sociedade como um todo, de modo que, em determinado momento, esse próprio desenvolvimento leva ao surgimento de formas de pensamento novas, mais complexas e mais avançadas. Esse é o processo sem fim da ignorância ao conhecimento; das formas inferiores às superiores da verdade.

Isso não significa que as velhas ideias sejam descartadas como puro absurdo. Ao contrário, seu núcleo racional torna-se um elemento necessário para o avanço da ciência. Para cada nível da natureza que os humanos aprendem a dominar, o caminho se abre para um nível mais profundo. O desenvolvimento da mecânica newtoniana foi uma grande conquista para a humanidade. Foi um dos primeiros grandes avanços introduzidos pela ascensão do capitalismo e desempenhou um papel importante no desenvolvimento da ciência e da sociedade como um todo. Mas a ciência não parou aí; depois da mecânica clássica, veio a mecânica quântica. A mecânica quântica não invalidou a mecânica clássica, ao contrário, ela a pressupôs, assim como a mecânica quântica formará a base de avanços ainda maiores para a ciência no futuro e preparará o terreno para ir além da própria mecânica quântica. A mecânica quântica permanecerá válida para um certo nível, mas além disso, teorias mais avançadas emergirão.

Ao contrário do que os pós-modernistas imaginam, a história do pensamento científico não é uma busca desafortunada por alguma verdade última elusiva, saltando de uma teoria acidental para outra. É um processo sem fim de compreensão cada vez mais profunda da natureza e das leis que a governam. Por meio de incontáveis tentativas e erros, cada teoria é finalmente testada, seus elementos acidentais, subjetivos e falsos peneirados, seus limites definidos e seu verdadeiro núcleo incorporado ao estoque do conhecimento humano, preparando o caminho para novas e mais avançadas ideias para tomar seu lugar.

Cada teoria não é isolada e diametralmente oposta às outras. Em vez disso, todos eles formam diferentes estágios do desenvolvimento dialético do conhecimento humano como um todo – uma progressão infinita de formas inferiores de verdade para formas superiores.

“METANARRATIVAS”

Visto que os pós-modernistas rejeitam a noção de verdade, eles identificam o inimigo número um naqueles que aceitam a verdade. Voltemos por um momento a A Condição Pós-Moderna, onde Jean-François Lyotard tenta definir o significado de “pós-moderno”:

“Usarei o termo moderno para designar qualquer ciência que se legitime com referência a um metadiscurso desse tipo fazendo apelo explícito a alguma grande narrativa, como a dialética do Espírito, a hermenêutica do significado, a emancipação do sujeito racional ou de trabalho, ou a criação de riqueza simplificando ao extremo, defino pós-moderno como a incredulidade em relação às metanarrativas. Essa incredulidade é, sem dúvida, um produto do progresso nas ciências; mas esse progresso, por sua vez, a pressupõe. À obsolescência do aparelho metanarrativo de legitimação corresponde, mais notavelmente, a crise da filosofia metafísica e da função universitária, que em parte dependia dela. A função narrativa está perdendo suas funções, seu grande herói, suas grandes jornadas, seu grande objetivo.”

Aqui temos um exemplo absolutamente inestimável do jargão ininteligível do pós-modernismo. Lembre-se de que, para nosso benefício, Lyotard está “simplificando ao extremo”. Isso é muito bom, porque do contrário estaríamos correndo um sério risco de realmente entender o que ele está tentando dizer, que é que o pós-modernismo rejeita todas as escolas de pensamento que tentam desenvolver uma visão de mundo única e coerente.

A rejeição de uma cosmovisão coerente decorre logicamente da rejeição da existência de uma realidade objetiva independente da mente. Se você negar que uma realidade objetiva e, portanto, uma verdade objetiva existe independentemente de nossas mentes, então nunca poderá haver teorias que se apliquem universalmente. Cada indivíduo desenvolverá suas próprias teorias aplicáveis à sua realidade particular. Nesse caso, “metanarrativas” equivaleriam de fato ao formalismo e ao esquematismo de impor as leis do meu mundo ao seu ou vice-versa. Mas os piores culpados desse crime específico seriam os próprios pós-modernistas.

A rejeição das metanarrativas é em si a metanarrativa mais tosca e abrangente possível. E nos é apresentada sem uma única prova ou argumento real! O que essencialmente nos exige é aceitar as metanarrativas pós-modernistas na base da fé cega. O pós-modernismo é a única metanarrativa verdadeira. Todas as outras estão erradas porque o pós-modernismo diz isso. Esse é precisamente o tipo de intimidação intelectual e “opressão” contra

as quais os pós-modernistas protestam com tanta veemência. E é a base de seus ataques históricos a qualquer um que levante uma objeção séria ao que eles dizem. Isso não é diferente de qualquer outro dogma religioso.

Os marxistas são criticados pelos pós-modernistas por serem dogmáticos e se oporem à incorporação de outras ideias à teoria marxista. Para algumas pessoas, isso pode parecer uma boa ideia. Por que se ater a uma filosofia quando você pode escolher entre as melhores ideias que existem, independentemente de qual filósofo ou escola de pensamento as desenvolveu? Mas esse é o ponto principal. Os pós-modernistas não dizem que devemos escolher as melhores ideias. Não existem ideias boas ou más, verdadeiras ou falsas, lembra-se? Não se trata de ter ideias corretas, mas de insistir em que nossas ideias devem ser incoerentes. Pela primeira vez na história da filosofia, o “caldo dos indigentes do ecletismo”, como Engels chamou, é elevado à condição de princípio orientador de uma escola de pensamento.

Os pós-modernistas culpam os marxistas por não terem “a mente aberta” para outras escolas de pensamento. Mas, na realidade, ocorre exatamente o oposto! Essas damas e cavalheiros estão obcecados em ser novos e originais (embora isso esteja longe de ser o caso). Eles agem como se a história começasse e terminasse com eles mesmos. O marxismo, por outro lado, não pretende se destacar como algo completamente alheio às filosofias anteriores. Não afirmamos que as ideias do socialismo científico surgiram puramente do gênio criativo particular de Karl Marx e Friedrich Engels.

O marxismo é uma síntese do cerne racional de todas as filosofias anteriores, cada uma com base nos avanços de épocas anteriores. Ele forma um todo unificado e harmonioso. Ele contém em si todos os elementos mais valiosos e duradouros das primeiras escolas de pensamento – a filosofia grega antiga, a filosofia clássica alemã, os materialistas franceses do Ilu-

minismo, a economia política inglesa e as brilhantes antecipações dos socialistas utópicos anteriores. Todos esses, de uma forma ou de outra, continham verdades e percepções valiosas, refletindo diferentes lados e aspectos da mesma realidade objetiva única.

Ao longo da história do desenvolvimento da ciência e do pensamento no decorrer de milhares de anos, a imagem que surgiu, e que se torna mais clara a cada dia, é a de um único mundo material interconectado, que opera de acordo com suas próprias leis inerentes de movimento e desenvolvimento. Essa é a base para a cosmovisão unificada do marxismo e de qualquer teoria científica real. A investigação sistemática dessas leis em diferentes níveis da natureza é o objetivo principal de qualquer ciência. Tudo isso é um anátema para os pós-modernistas que se opõem a toda e qualquer forma de pensamento sistemático.

“ANTICIÊNCIA”

Ao se opor às metanarrativas, é precisamente a essa investigação sistemática e a ciência em geral que os pós-modernistas se opõem. Vejam como Foucault critica com escárnio “a tirania dos discursos globalizantes com sua hierarquia e todos os seus privilégios de uma vanguarda teórica”, e como ele clama por uma “... luta contra a coerção de um discurso teórico, unitário, formal e científico”. Na verdade, Foucault define seu método principal, a “genealogia”, como nada mais nada menos do que “anticiência”:

“O que [a genealogia] realmente faz é acolher as reivindicações de atenção de conhecimentos locais, descontínuos, desqualificados e ilegítimos contra as reivindicações de um corpo unitário de teoria que os filtraria, hierarquizaria e ordenaria em nome de alguns conhecimentos verdadeiros e de algumas ideias arbitrárias do que constitui uma ciência e seus objetos. Genealogias não são, portanto, retornos positivistas a uma forma de ciência mais cuidadosa ou exata. Elas são precisamente anticiência.”

O que é isso senão uma declaração de guerra contra a ciência e o pensamento racional e uma defesa do obscurantismo? O que é pior, essas ideias reacionárias são propagadas como a forma mais radical de pensamento. Luce Irigaray, por exemplo, é notável por sua rejeição à teoria da relatividade de Einstein, com o fundamento de que é “sexista”, provavelmente porque Albert Einstein teve a infelicidade de ter nascido do gênero masculino. Seu ensaio de 1987 é intitulado *Le Sujet de la Science Est-il Sexué?* [O sujeito da ciência é sexuado?]. Ponderando essa questão, ela escreve o seguinte:

“Talvez seja. Trabalhem a hipótese de que é, na medida em que privilegia a velocidade da luz sobre outras velocidades que nos são vitalmente necessárias. O que me parece indicar a possível natureza sexuada da equação não é diretamente seu uso para armas nucleares, mas sim por ter privilegiado o que vai mais rápido...”

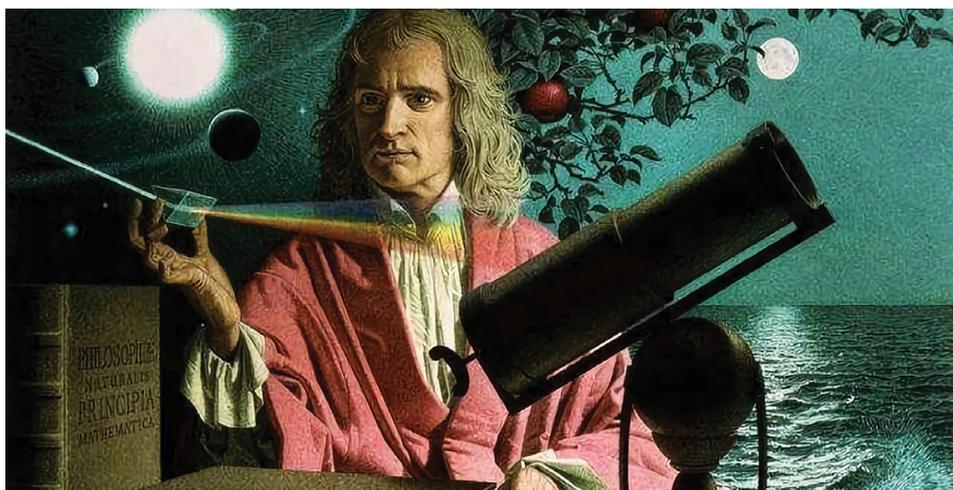
Em outro lugar, Irigaray continua sua diatribe contra o pobre Einstein:

“Mas o que a poderosa teoria da relatividade faz por nós, exceto estabelecer usinas nucleares e questionar nossa inércia corporal, essa condição necessária da vida?”

De acordo com o raciocínio complicado de Irigaray, a velocidade é uma característica predominantemente masculina e, portanto, a “fixação” de Einstein com a velocidade em sua equação é “sexista”. Precisamente por que razão os machos deveriam estar mais obcecados com a velocidade e não as fêmeas é um mistério que só Irigaray pode explicar. Pelo que sabemos, tanto para um homem quanto para uma mulher é igualmente difícil atingir a velocidade da luz.

Aqui, a natureza anticientífica irracional do pós-modernismo fica exposta em toda a sua glória nua e tosca. A teoria da relatividade, que é um dos pilares mais básicos da ciência moderna, é ridicularizada como “sexista”, porque seu autor, Albert Einstein, era um homem.

Por trás da rejeição aparentemente inocente de meras “metanarrativas” e “discursos globalizantes” envolta em uma retórica que soa radical, o pós-modernismo estabeleceu uma verdadeira inquisição anticientífica e anticultural global. Aqui “conhecimentos locais, descontínuos, desqualificados, ilegítimos” – significando ideias místicas desacreditadas que jazem no material residual da história da filosofia – são promovidos, enquanto as maiores teorias e mentes que a humanidade já conheceu são condenadas sem pestanejar. Se essas ideias algum dia fossem implementadas na vida real, isso significaria a reversão completa de toda a civilização.





Ambrogio Lorenzetti: Alegoria do Bom Governo, c. 1328. Palácio Público de Siena

ANTIMARXISTA

Enquanto o pós-modernismo permanece como o mais alto desenvolvimento da irracionalidade, o marxismo é a mais alta forma de pensamento científico. E é precisamente porque é a filosofia mais consistente e científica que ela atrai a ira particular dos pós-modernistas. É interessante notar que a principal objeção de Foucault ao marxismo é que ele é científico. Aqui está o que ele escreve: “Se temos alguma objeção contra o marxismo, é o fato de que poderia ser efetivamente uma ciência”.

Em outra parte do mesmo texto, ele afirma:

“Nem basicamente importa tanto que essa institucionalização do discurso científico esteja incorporada em uma universidade ou, mais geralmente, em um aparelho educacional, em uma instituição teórico-comercial como a psicanálise ou no quadro de referência que é fornecido por um sistema político como o marxismo; pois é realmente contra os efeitos do poder de um discurso considerado científico que a genealogia deve travar sua luta.”

Aqui, vemos as verdadeiras cores do pós-modernismo – uma ideologia anticientífica e contrarrevolucionária, que se opõe ao marxismo no nível mais fundamental. Às vezes ouvimos que devemos combinar ideias pós-modernas e marxistas. Mas elas são radicalmente incompatíveis. Foucault reconhece isso quando escreve que “não é que essas teorias globais não tenham fornecido nem continuem a fornecer de uma forma bastante consistente ferramentas úteis para a pesquisa local: o marxismo e a psicanálise são as provas disso. Mas acredito que essas ferramentas só foram fornecidas com a condição de que a unidade teórica desses discursos fosse, de alguma forma, suspensa ou pelo menos reduzida, dividida, derrubada, caricaturizada, teatralizada ou o que você quiser. Em cada caso, a tentativa de pensar em termos de uma totalidade se revelou de fato um obstáculo para a pesquisa”.

O marxismo e o pós-modernismo são compatíveis apenas na medida em que a “unidade teórica” do marxismo é destruída; assim que o marxismo deixar de ser uma ciência, assim que o marxismo deixar de ser verdadeiro e assim que deixar de ser materialista ... em outras palavras, assim que o marxismo deixar de ser marxismo.

Rejeitar a noção de realidade objetiva e verdade objetiva, em última análise, não conduz a nada mais que a uma maquiagem e a uma defesa do status quo. Porque se o progresso é impossível, é inútil lutar por uma sociedade melhor

O marxismo está em oposição irreconciliável ao pós-modernismo. Somos materialistas e permanecemos firmes com base na verdade e na ciência. Acreditamos que existe apenas um único mundo material interconectado, que sempre existiu e que não é a criação de um deus nem do “poder” de Monsieur Foucault. A vida é um produto deste mundo material e os humanos são a forma de vida mais avançada. Através da nossa atividade, somos capazes de descobrir as leis da natureza e manipulá-las em nosso benefício, mas também estamos sujeitos a essas leis e, portanto, ao mudar o nosso mundo também mudamos a nós mesmos.

A consistente teoria materialista do conhecimento afirma que o conhecimento é, em última análise, derivado da experiência dos sentidos. Nossos sentidos são pontes para este mundo externo, não barreiras. Do contrário, o que faz nossos sentidos alimentar nossas mentes com

essas informações e não com aquelas? Não mudamos o mundo mudando a linguagem ou nossos modos de pensar. Não é no “texto” nem no “discurso”, mas no mundo real, material, que se encontra a verdade. Podemos mudar o mundo de certa maneira e nossos sentidos nos dizem se tivemos êxito. É interagindo com o mundo que descobrimos, testamos e aperfeiçoamos nossas ideias e, finalmente, atribuímos a elas validade objetiva.

Esses são os princípios básicos da ciência. Separar-se deles equivale a tomar o curso em direção à religião e ao misticismo. Os pós-modernistas não apenas divergiram da ciência, como também lançaram uma luta contra a própria essência da ciência. O fato de que essas ideias reacionárias estão sendo disseminadas como evangelho em universidades, escolas e através da mídia em todo o mundo revela o estado podre do capitalismo hoje. É um sistema cuja existência não é mais compatível com os interesses da grande maioria da raça humana.

Rejeitar a noção de realidade objetiva e verdade objetiva, em última análise, não conduz a nada mais que a uma maquiagem e a uma defesa do status quo. Porque se o progresso é impossível, é inútil lutar por uma sociedade melhor. E, se não houver uma verdade objetiva, não podemos dizer que a exploração, a pobreza, a opressão e a guerra são “ruínas” – é tudo apenas uma questão de perspectiva. Os defensores do pós-modernismo acabam se tornando apologistas do capitalismo. Uma filosofia verdadeiramente revolucionária só pode ser uma filosofia inteiramente científica e materialista, que olha a realidade de frente. Somente a compreensão mais clara e precisa das leis da natureza e da sociedade pode mostrar uma saída para o beco sem saída do capitalismo e da sociedade de classes. Nas palavras de Karl Marx, que deu o veredicto final esmagador sobre toda a filosofia burguesa:

Os filósofos apenas interpretaram o mundo de maneiras diferentes. A questão, entretanto, é mudá-lo.

MUITA CONVERSA SOBRE NADA:

“NARRATIVA DE ESQUERDA” OU LUTA DE CLASSES?

Yola Kipcak



A ideia de que a esquerda precisa de uma melhor “narrativa” – e a noção conexas de que precisamos de algum tipo de “populismo de esquerda” – têm ocupado a atenção de partidos e organizações de esquerda em toda a Europa e mais além. Para citar um exemplo, Jörg Schindler, secretário-geral do Partido de Esquerda na Alemanha, escreveu:

“Para estarmos na vanguarda do movimento climático – ao qual pertencemos – precisamos de uma narrativa de esquerda convincente”.

Katja Kipping, presidente do mesmo partido, explicou:

“Acredito que precisamos de um populismo de esquerda para deixar claro que existem alternativas. E devemos fortalecer os padrões de explicação alternativos e contrariar a narrativa [da chanceler alemã Angela Merkel]... com uma narrativa diferente”.

Finalmente, em um evento em 2019 em Viena, organizado por “Transform Europe” – um projeto do Partido de Esquerda Europeu, formado por organizações como SYRIZA, Die LINKE, Rifondazione Comunista e Bloco de Esquerda – no qual os Jovens de Esquerda, o Partido Comunista da Áustria e outros estavam presentes, o termo “narrativa de esquerda” foi usado com liberalidade durante a discussão de duas horas. Estes são apenas pequenos exemplos que testemunham até que ponto essas ideias se enraizaram na esquerda em diversos países.

A ideia de uma “narrativa de esquerda” já existe há muito tempo nos círculos universitários. No entanto, isso só começou realmente a decolar em popularidade com o repentino aumento no apoio a novos partidos de esquerda, como o SYRIZA na Grécia e o Podemos na Espanha, que se tornaram pontos de referência para grande parte da esquerda internacionalmente. Figuras proeminentes em ambos os partidos encheram seus discursos com referên-

cias a esse conceito há alguns anos. E, de fato, a ideia tem seus “teóricos”, dos quais um dos mais proeminentes é a acadêmica belga Chantal Mouffe.

Junto com seu falecido parceiro, Ernest Laclau, Mouffe tentou desenvolver uma teoria de um “populismo de esquerda” baseado em narrativas. Na lista de agradecimentos ao seu último livro, *For a Left Populism* [Por um Populismo de Esquerda], Mouffe faz questão de creditar Iñigo Errejón (de Podemos) e Jean-Luc Mélenchon (de La France Insoumise) por suas contribuições e conversas pessoais.

O QUE HÁ POR TRÁS DA “NARRATIVA”?

Fundamental para a teoria de Mouffe de que precisamos construir um “populismo de esquerda” baseado em uma “nova narrativa de esquerda”, é a ideia de que a realidade é feita de narrativas – ou seja, de histórias. De acordo com essa noção, se os políticos conseguirem lançar as experiências do povo em termos emocio-

nais – efetivamente “enquadrando narrativas” – isso, por sua vez, influenciaria as ações do povo, produzindo assim a própria realidade.

A realidade, então, não é composta de uma existência material objetiva que forma a base de nossas idéias. Pelo contrário, são as nossas idéias que moldam o mundo. Assim, o capitalismo não é um sistema econômico do qual surgiu uma classe trabalhadora e uma classe capitalista, mas sim uma narrativa, uma construção. Mouffe chama sua abordagem teórica de “antiessencialista”. Isso significa que, segundo ela, não existe um mundo objetivo, real (o que ela chama de “essência”) que corresponda aos nossos conceitos. Ela acredita que “a sociedade sempre se divide e se constrói discursivamente por meio de práticas hegemônicas”, e que “nunca é a manifestação de uma objetividade mais profunda”.

Daí decorre que não existem classes reais na sociedade. A classe trabalhadora é apenas uma das muitas identidades criadas por narrativas, discursos e linguagem: “É por meio da representação que se formam os sujeitos políticos coletivos; eles não existem de antemão”.

O objetivo de uma narrativa de esquerda – de um populismo de esquerda – é, portanto, construir uma identidade coletiva, dizendo às pessoas que elas compartilham interesses e que as “elites” são suas inimigas. É uma *“estratégia discursiva de construção de uma fronteira política dividindo a sociedade em dois campos e convocando a mobilização do ‘oprimido’ contra ‘aqueles no poder’”*.

Em um livro publicado recentemente, *“Deeply Red and Radically Colorful - For a New Left Narrative”*, de Julia Fritzsche, nos é dito que tal narrativa *“deve antes de tudo se conectar nas experiências diárias das pessoas, ‘pegá-las’. Deve dar a impressão de que a narrativa corresponde a experiências compartilhadas. Não importando se eles realmente tiveram essas experiências”*.

Não é de se admirar, então, que sempre que os defensores das narrativas de esquerda falam sobre mudanças sociais, de ação prática, as lutas de classes ou a ação de classe estão visivelmente ausentes. Se eles falam sobre elas, é apenas como uma reflexão secundária, como um acréscimo adicional mais ou menos agradável. Em vez disso, eles nos convocam para “articular”, “falar sobre”, “representar”, “mostrar” etc.

É neste contexto que devemos considerar os comentários de um expoente dessas idéias da socialdemocracia austríaca, Max Lercher. Lercher argumentou que a socialdemocracia precisa de um novo congresso fundador como um recomeço para o partido e escreveu:

“O que um trabalhador industrial tcheco e um mineiro da Estíria têm em comum? Ou um reformador social vienense e um socialista radical hún-

garo? ... Afinal, somos pessoas diferentes e temos pontos de vista diferentes. E isso é uma coisa boa. Mas em Hainfeld, [o local da fundação do Partido Operário Socialista Democrático Austríaco em 1888], conseguimos chegar a um acordo sobre algumas idéias centrais comuns. E um partido para consolidar essas idéias foi fundado.

“A nova classe trabalhadora são todos aqueles que não têm um acesso justo à prosperidade. Isso também inclui pequenas e médias empresas. Aqui, podemos definir uma nova linha de conflito” (Grifo nosso).

Notemos aqui que, para Lercher, em primeiro lugar, a base da unidade não são os interesses de classe compartilhados, mas as idéias. E, em segundo lugar, que para ele as linhas de conflito na sociedade não são objetivamente dadas, mas podem ser “definidas”, de modo que, de repente, “pequenos e médios” capitalistas também fazem parte da classe trabalhadora!

Do ponto de vista marxista, um operário tcheco e outro da Estíria têm muito em comum – ambos realizam trabalho assalariado, são explorados por um capitalista e, portanto, são objetivamente parte da classe trabalhadora. No entanto, se você assumir que nossas identidades são construídas por histórias apaixonantes e emocionais, a conclusão lógica é que o capitalismo não pode ser derrubado pela luta de classes contra os capitalistas, mas apenas escrevendo novas histórias.

Essa história então se torna poderosa (“hegemônica”) nas mentes das pessoas. Como Mouffe escreve:

“[Toda] ordem existente é, portanto, suscetível de ser desafiada por práticas contra-hegemônicas, práticas que tentam desarticulá-la para instalar outra forma de hegemonia”.

E Fritzsche concorda:

“As narrativas não serão a maneira mais rápida de sair das difíceis condições dos dias de hoje ... Uma nova narrativa de esquerda terá fissuras e buracos, mas, no longo prazo, é a única maneira de sair do presente opressor.”

Na verdade, isso significa uma rejeição da revolução, uma recusa do rompimento com o sistema dominante. Os proponentes da narrativa de esquerda, Lercher, Herr & Cia., de forma consciente ou não, assumem uma posição decididamente não marxista. Mouffe é uma antimarxista consciente. Ela escreve que “o mito do comunismo tem que ser abandonado”, alegando que já havia falhado na prática por causa de seu suposto reducionismo de classe, ou seja, que reduz todas as lutas às lutas de classes, enquanto Mouffe e seus companheiros consideram a classe trabalhadora apenas um entre outros movimentos como feminismo, ambientalismo, ativismo LGBT etc.

Ela afirma ainda: “sempre haverá antagonismos, lutas e uma parcial opacidade do social”. Com isso, ela simplesmente quer dizer que a desigualdade, a opressão e assim por diante são inevitáveis e nunca podem ser totalmente superadas. É nessa base pessimista que ela propõe sua “prática anti-hegemônica”. É uma alternativa ao comunismo; embora ela admita que “nunca se alcançaria uma sociedade totalmente liberada e que o projeto emancipatório não poderia mais ser concebido como a eliminação do Estado”. Em seu apêndice teórico, ela afirma categoricamente que sua abordagem “exclui a possibilidade de uma sociedade além da divisão e do poder”. Em suma, por trás de sua linguagem complexa e radical, ela rejeita a revolução e abraça o reformismo. A ideia de opor lutas, como as das mulheres e pessoas LGBT à luta de classes é precisamente uma tentativa de uma abordagem colaboracionista de classe. Ou seja, unir-se a setores das classes capitalista e média, para lutar por uma forma “mais justa” de capitalismo.

Alguns dos proponentes mais ousados da ideia de uma “narrativa de esquerda” podem criticar o capitalismo, mas a ideia de removê-lo continua a ser a coisa mais distante de suas mentes. “A crítica inteligente ao capitalismo é adequada, temos de abordar esta questão”, diz Lercher e, na mesma entrevista, afirma com mais precisão: “O que precisamos é de um mercado de trabalho parcialmente estatal que esteja em conformidade com o mercado e que seja sem fins lucrativos”.

Essa mistura confusa de capitalismo com medidas de controle pouco entusiastas é como tentar transformar um tigre em vegetariano. É mais utópico do que qualquer ideia socialista de uma economia nacionalizada, planejada, controlada pela classe trabalhadora.

Podemos ver claramente aqui como a base filosófica dessas idéias leva à justificativa de que o próprio capitalismo é intocável. É por isso que é tão importante para os marxistas firmarem-se em uma base filosófica firme, revelando a indiferença reformista e contrapondo uma resposta revolucionária.

“TORNAR-SE O ESTADO”

A orientação principal dos proponentes da chamada “narrativa de esquerda” não é para a luta de classes contra o capitalismo, mas para as demandas democráticas. “Temos que ousar por mais democracia”, escreve Lercher em seu artigo “Para que precisamos da socialdemocracia hoje?”. A então presidente da Juventude Socialista Austríaca, Julia Herr, disse:

“A social-democracia nos anos 1970 lutou para democratizar o sistema econômico e distribuir de maneira justa a riqueza obtida. Então, de alguma forma, em algum ponto, perdemos a confiança”.

O *think tank* Institut Solidarische Moderne (ISM), intimamente associado ao Partido de Esquerda Alemão, explica que as questões sociais “devem ser colocadas radicalmente, em um sentido ainda a ser definido, como questões de democracia”. De acordo com o ideólogo do ISM e membro do conselho da Fundação Rosa Luxemburgo do Partido de Esquerda, Thomas Seibert, a verdadeira luta é pela “verdadeira” democracia. E Mouffe escreve:

“O problema com as sociedades democráticas modernas, em nossa opinião, era que seus princípios constitutivos de ‘liberdade e igualdade para todos’ não foram colocados em prática ... A ‘democracia radical e plural’ que defendemos pode, portanto, ser concebida como uma radicalização das instituições democráticas existentes ...”

A perspectiva apresentada aqui é uma de status quo! A superestrutura existente de instituições “democráticas”, que tem se mostrado repetidamente manipulada em favor da classe dominante, não deve ser abolida, dizem, mas apenas “melhorada”. Enquanto isso, a verdadeira causa de tal desigualdade e exploração – o capitalismo – nem mesmo é reconhecida como tal.

Uma linha divisória crucial aqui é nossa concepção do Estado e suas chamadas instituições democráticas. Para os revolucionários, a clareza sobre a natureza do Estado é vital. É uma questão de vida ou morte para um movimento revolucionário. Há uma diferença decisiva entre querer abolir o Estado por meio da revolução e acreditar que o Estado pode ser transformado e modelado de acordo com os interesses dos oprimidos. A última visão invariavelmente se traduz em colaboração com o Estado existente e, portanto, com os interesses de classe a que serve.

Comparemos então a compreensão marxista do Estado com a dos defensores das “narrativas de esquerda”. Mouffe e os outros “narradores de esquerda” entendem o Estado nos seguintes termos:

“[...] uma cristalização das relações de forças e como terreno de luta. [...] Vistos como uma superfície para intervenções agonísticas, esses espaços públicos podem fornecer o terreno para avanços democráticos importantes. É por isso que uma estratégia hegemônica deve se engajar com os diversos aparatos do Estado para transformá-los, de modo a fazer do Estado um veículo de expressão das múltiplas demandas democráticas. [...] Em certo sentido, tanto o tipo de política revolucionária quanto o de hegemônica podem ser chamados de ‘radicais’, pois implicam uma forma de ruptura com a ordem hegemônica existente. No entanto, essas rupturas não são da mesma natureza e não é apropriado colocá-las na mesma categoria, rotulada de ‘extrema esquerda’, como costuma ser o caso. Ao contrário do que muitas vezes se afirma, a estra-



tégia populista de esquerda não é um avatar da ‘extrema esquerda’, mas uma forma diferente de encarar a ruptura com o neoliberalismo por meio da recuperação e radicalização da democracia”.

Como podemos ver, Mouffe é muito clara na diferenciação entre uma abordagem “revolucionária” e sua própria abordagem, que ela chama de “hegemônica”. Para ela, o Estado é uma rede de instituições e “funções” que não correspondem a um interesse comum. Há espaço, portanto, para que o populismo de esquerda o influencie, transforme e desloque.

Para os marxistas, ao contrário, o Estado não é um terreno neutro de luta, mas um instrumento da classe dominante que precisa ser esmagado e substituído por um Estado operário. Tendo suprimido a velha ordem capitalista e limpo o terreno para uma sociedade comunista sem classes, este Estado operário irá definir enquanto as classes na sociedade também desaparecem. Esse ponto de vista é ridicularizado como “simplista demais” por teóricos pós-modernos como Mouffe. Mas, ao analisar o surgimento histórico do Estado e o propósito para o qual os Estados se desenvolveram, podemos dizer com absoluta confiança que essa definição apreende a essência do que é o Estado.

Marx e Engels explicaram como o Estado apareceu historicamente com o surgimento da sociedade de classes. A sociedade de classes surgiu à medida que a humanidade desenvolvia as forças produtivas necessárias para produzir mais do que o necessário para a sobrevivência imediata. Pela primeira vez na história, uma pequena camada da sociedade não teve que trabalhar da mesma maneira que antes. Mas a produção não era avançada o suficiente para que toda a sociedade desfrutasse desse privilégio. Isso criou as condições para as classes sociais. Surgiram classes dominantes que possuem os meios de produção e classes oprimidas que são exploradas e produzem a riqueza que é apropriada pela classe dominante.

Esses interesses de classe antagonísticos, no entanto, precisam ser administrados. Os oprimidos devem ser levados a acreditar que a ordem atual das coisas é intocável e quem ousar questioná-la deve ser punido. Ao mes-

mo tempo em que os próprios opressores devem ser impedidos de se consumirem por meio de uma guerra perpétua entre eles. O Estado nasceu justamente para isso. Engels explicou:

“Mas para que esses antagonismos, classes com interesses econômicos conflitantes, não se consumam a si mesmas e à sociedade em lutas infrutíferas, um poder, aparentemente acima da sociedade, tornou-se necessário para moderar o conflito e mantê-lo dentro dos limites da ‘ordem’; e este poder, surgido da sociedade, mas colocando-se acima dela e cada vez mais alienando-se dela, é o Estado”.

Em última instância, o Estado é, portanto, um órgão opressor composto por corpos especiais de homens armados (militares e policiais), prisões, tribunais e assim por diante, que parece estar acima da sociedade, mas que fundamentalmente defende o sistema econômico que deu origem a isto. Com a ascensão da burguesia como classe dominante e do capitalismo como modo de produção dominante em escala mundial, a burguesia também criou seu próprio Estado.

A “democracia liberal” que Mouffe defende é o produto de revoluções realizadas no interesse da própria burguesia. Acreditar, como ela e os outros “narradores de esquerda” acreditam, que esta forma de Estado é a definitiva, melhor e última instituição que existirá, e que, portanto, não deve ser tocada, é adotar uma visão completamente a-histórica. Significa também defender o instrumento da atual classe dominante: os capitalistas.

Naturalmente, o fato de que o Estado é um instrumento opressor da classe dominante nem sempre é claramente visível. Seu verdadeiro caráter é conscientemente encoberto pelos capitalistas. Seria impossível, para não dizer ineficiente, que os capitalistas governassem apenas pela força e pela repressão. Os oprimidos são a maioria na sociedade. Se a maioria dos oprimidos entendesse esse fato, a sociedade capitalista enfrentaria sua queda.

Em tempos normais, na medida em que podem fazê-lo, a classe dominante tenta manter uma face de justiça, de “igualdade de

oportunidades” etc. Os capitalistas, portanto, geralmente preferem Estados que tenham eleições livres, que garantam alguma liberdade da imprensa, vários partidos políticos e assim por diante. Esses Estados também permitem certa margem de manobra. Mas em nenhuma circunstância a classe dominante permitirá que seu papel fundamental como proprietária dos meios de produção seja questionado. O Estado existe precisamente para defender este papel.

Não é de admirar que, literalmente, o único direito consagrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU que não é constantemente desconsiderado e violado, mas sim cuidadosamente protegido com toda a força da lei, é o Artigo 17: “todos têm o direito à propriedade”. E “ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade”. Em última instância, esse é precisamente o objetivo do Estado, de suas leis e de todo o sistema de justiça. É também por isso que os marxistas explicam que o Estado burguês deve ser esmagado pela revolução. Está fundamentalmente ligado à burguesia e ao seu domínio de classe.

Do ponto de vista marxista, reconhecemos a democracia como um regime político, uma superestrutura política, que se eleva sobre o sistema capitalista. O capitalismo produz diferentes tipos de regimes: burgueses democráticos e, também, ditaduras. No entanto, todos eles são variedades de Estados capitalistas, conectados por meio de mil fios à burguesia. Foi por uma boa razão que Marx e Engels escreveram no Manifesto Comunista:

“O executivo do Estado moderno é apenas um comitê para administrar os assuntos comuns de toda a burguesia”.

Naturalmente, a forma de um regime – que é como o aparelho de Estado se manifesta concretamente – certamente molda a extensão de nossas liberdades e os direitos que as pessoas têm. É por isso que a luta por demandas democráticas como “uma cabeça, um voto” desempenhou um papel tão importante na história do movimento revolucionário. Os marxistas avançam e apoiam de forma consistente as demandas democráticas, que podem mobilizar a grande maioria da sociedade contra a classe dominante e forjar a unidade dos oprimidos e explorados, facilitando assim as melhores condições para o desenvolvimento da luta de classes.

É os marxistas não desconsideram ou ignoram as eleições democráticas. Elas podem servir como um importante indicador do estado de espírito da sociedade, e a participação neles pode ser usada como um meio na luta de classes. Mas as contradições centrais do capitalismo – a exploração da classe trabalhadora pelos capitalistas; as constantes crises e guerras – continuam a existir sob todo tipo de regime burguês, por mais democrático que seja. É precisamente por isso que “liberdade e

igualdade para todos” não podem ser implementadas dentro do capitalismo.

Para os revolucionários, as eleições e a representação parlamentar podem ser usadas para apresentar ideias políticas revolucionárias a um público de massa. Também podem ser usadas para expor a hipocrisia da classe capitalista e suas instituições. Por exemplo, se os revolucionários no parlamento exigirem que a verdadeira igualdade e justiça social sejam estabelecidas pela expropriação da grande indústria e dos bancos – ou seja, desafiando a propriedade dos capitalistas sobre os meios de produção – todo o establishment seria utilizado para combater essa demanda.

Se necessário – como mostraremos abaixo – eles irão desconsiderar a “democracia” e as maiorias no parlamento, e esquecer todas as suas conversas anteriores sobre “liberdade”, a fim de salvar o capitalismo. Se os revolucionários simplesmente parassem por aí, erguendo as mãos e dizendo: “Bem, não há nada que possamos fazer sobre isso, simplesmente não vencemos ainda a batalha hegemônica dentro do Estado”, eles não seriam revolucionários de forma alguma. Eles seriam reformistas. Mas é exatamente isso o que os “narradores de esquerda” sugerem. Ao aceitar os limites do capitalismo e de sua superestrutura política, a democracia burguesa, eles não podem ir além disso.

Os revolucionários, por outro lado, veem a atividade das massas como o elemento-chave para superar esses limites e mudar a sociedade. Os parlamentos e as eleições são apenas um elemento útil para fortalecer e fomentar a sua atividade. Lenin apontou que “muitas, senão todas, as revoluções” mostram a grande utilidade de “uma combinação da ação de massa fora de um parlamento reacionário com uma oposição dentro dele que simpatiza com (ou, melhor ainda, que apoia diretamente) a revolução”. Ao mesmo tempo, ele explica:

“Ação das massas, uma grande greve, por exemplo, é mais importante do que a atividade parlamentar em todos os momentos, e não apenas durante uma revolução ou em uma situação revolucionária”.

A abordagem dos marxistas ao Estado pode, portanto, ser resumida da seguinte maneira: é um instrumento opressor da classe dominante. Deve ser abolido e substituído por um Estado operário. Depois de uma revolução socialista bem-sucedida, eventualmente todas as formas de Estado desaparecerão, junto com as classes. Mas isso não significa que consideramos os direitos democráticos e as liberdades, aqui e agora, desnecessários. Pelo contrário, lutamos por essas liberdades e as utilizamos. Mas, ao mesmo tempo, não semeamos ilusões de que a democracia pode resolver a

causa fundamental da opressão, da pobreza e da desigualdade. Isso só pode ser feito com a abolição do capitalismo.

Os teóricos da “narrativa de esquerda” rejeitam decididamente a teoria marxista do Estado e concentram seus principais argumentos na questão da democracia. Segundo eles:

“É claro que não há uma relação necessária entre o capitalismo e a democracia liberal. É uma pena que o marxismo tenha contribuído para essa confusão ao apresentar a democracia liberal como a superestrutura do capitalismo”.

A “infeliz confusão” reside, na verdade, inteiramente em meio aos filósofos da linguagem. Para eles, os Estados são apenas construções “discursivas” – instituições que podem ser alteradas por “novas narrativas”. O Estado, dizem eles, é um “terreno de luta”. E, a fim de “rearticular” este “terreno”, presumivelmente neutro e independente de classe, é preciso se tornar parte dele. “O objetivo não é a tomada do poder do Estado”, eles nos dizem, “mas o de ‘se tornar’ o Estado”.

É mais uma vez evidente por que razão essa teoria é tão popular entre os reformistas. Tornar-se parte do aparato estatal – de preferência com o mínimo possível de interferência das massas – é a razão existencial dos reformistas. No “terreno de luta” representado pelo aparato estatal, o objetivo passa a ser o de formar uma parceria em igualdade de condições com os capitalistas para chegar a um acordo de melhorias para os eleitores.

Max Lercher descreve isso da seguinte maneira:

“A social-democracia deve mostrar ao capital o seu lugar e domar os mercados. [...] Tenho em mente um estado de bem-estar social que distribui a prosperidade de uma forma justa e deixa algum espaço de manobra”.

Mas cuidado! No confronto com o inimigo de classe (um termo que eles não utilizariam) é importante “que o conflito, quando surja, não tome a forma de um ‘antagonismo’ (luta entre inimigos)”, ao invés disso, “o oponente não é considerado um inimigo a ser destruído, mas um adversário cuja existência é considerada legítima”.

Isso é apenas “parceria social” e equilíbrio entre interesses de classe traduzidos para a linguagem acadêmica. Se fosse possível obter constantes reformas e melhorias por meio de um “trabalho paciente e pacífico dentro de um novo paradigma” (conforme Fritzsche), a maioria da classe trabalhadora certamente não teria nada contra isso.

No entanto, o problema é que o capitalismo – por causa de suas próprias contradições – é repetidamente lançado em crises. A austeridade brutal por parte dos neoliberais “malignos” não surge de uma necessidade repentina de infligir sofrimento humano. É o resultado das pressões do sistema capitalista, no qual um aumento dos lucros (e este é,

afinal, o único propósito dos capitalistas) só é possível por meio de ataques mais duros e intensos à classe trabalhadora.

Não é, como diz Herr, que a social-democracia tenha repentinamente “perdido a confiança” desde os anos 1970. O reformismo tocou com os limites objetivos do capitalismo. Hoje, simplesmente não há mais espaço para reformas significativas e duradouras dentro do capitalismo.

A RESPONSABILIDADE DA LIDERANÇA

As massas gregas já viveram para ver a dolorosa realidade dos limites do reformismo. Em resposta à crise que atingiu o país de forma particularmente forte depois de 2012, as massas se envolveram em lutas ferozes ao longo de muitos anos. Primeiro, houve protestos massivos em praças públicas. Então a classe trabalhadora se lançou à luta e liderou numerosas greves e greves gerais. Quando tudo isso falhou em produzir resultados (principalmente por causa do papel obstructivo da liderança sindical), as massas gregas expressaram sua raiva nas urnas votando no partido de esquerda, SYRIZA, apoiado em um programa antiausteridade.

Em um curto período, no entanto, o líder do SYRIZA, Alexis Tsipras, subordinou o país à ditadura da União Europeia (UE) e à austeridade imposta pelo FMI. Esta foi uma traição aberta ao voto do referendo de julho de 2015, que rejeitou de forma esmagadora os termos impostos pela Troika para um resgate, com 61% dos votos “Não”. Isso significou a destruição dos padrões de vida das massas. Contra a vontade do povo grego, o capitalismo e seus fiéis representantes na UE fizeram avançar sua agenda.

O que os “populistas de esquerda” têm a dizer sobre esta derrota?

“A luta do SYRIZA foi perdida porque apenas uma resistência de proporções significativas nos países centrais da zona do euro poderia ter alcançado as ideias do SYRIZA. Só assim, eles poderiam ter alcançado um avanço e transformar a crise econômica e política da Grécia em uma crise de toda a UE”.

E:

“Infelizmente, o SYRIZA não foi capaz de implementar seu programa antiausteridade por causa da resposta brutal da União Europeia que reagiu com um ‘golpe financeiro’ e forçou o partido a aceitar os ditames da Troika”.

A “resposta brutal” da UE não foi nenhuma surpresa. Mesmo assim, Tsipras ainda passou meses se reunindo com o papa e importantes chefes de governos europeus para “discursivamente” ganhá-los para o seu lado. Quando não conseguiu “convencê-los”, ele passou a capitular à Troika, traindo as expectativas da vasta maioria do povo grego que estava se mobilizando em apoio ao programa

antiausteridade do SYRIZA. Os camaradas gregos da CMI, que faziam parte do comitê central do SYRIZA naquela época, escreveram o seguinte imediatamente após as eleições:

“Sem ilusões em negociar com o capital europeu e suas instituições! Nossos oponentes são os interesses capitalistas, locais e estrangeiros, que se escondem por trás de Troika, e não seus funcionários tecnocratas. Nosso único verdadeiro aliado é a classe trabalhadora europeia! O SYRIZA deve apelar agora por um programa europeu de ação em massa para fazer da Europa uma vasta “Puerta del Sol”! [Uma referência ao movimento de indignados que eclodiu em toda a Espanha em 2011-12]”

Eles sugeriram todo um conjunto de medidas para a Grécia, como o cancelamento da dívida do Estado e a nacionalização dos bancos – medidas que atingiram o cerne da questão: romper com o capitalismo ou submeter-se à vontade da Troika.

A afirmação de que todos os tipos de fatores “infelizes” são responsáveis pela derrota do SYRIZA – tudo menos, de fato, a liderança do próprio partido – é típica do reformismo. Em situações políticas críticas, o papel da liderança é decisivo. Os líderes têm a atenção das massas e a autoridade para propor e organizar os próximos passos corretos. Após a derrota de um movimento de massa, é de vital importância estudar de perto o papel da liderança. Eles tiveram as ideias corretas? Por que não se atreveram a dar os passos necessários? Se ignorarmos essas questões, contribuiremos para encobrir os maus líderes e para disfarçar o papel que desempenharam na derrota. O resultado é jogar a culpa pelas derrotas nas próprias massas lutadoras.

Fritzsche, por exemplo, tem o seguinte a dizer sobre os fracassos não apenas do movimento dos Coletes Amarelos na França e do movimento “Ocupe”, mas até mesmo da Primavera Árabe:

“Eles falharam porque pessoas potencialmente interessadas os acharam muito acadêmicos, ou porque acharam suas tendas legais e bonitas, mas que o capitalismo era de alguma forma melhor. Porque os ocupantes das praças desistiram para voltar ao trabalho, ou porque ocuparam lugares onde não incomodavam. E no final, também porque, se eles eram perturbadores, a polícia e os militares os expulsavam para fora das praças, os espancavam e os prendiam”.

Isso é cinismo puro. As massas em países como Egito ou Tunísia literalmente arriscaram suas vidas, superaram as divisões sectárias e estavam dispostas a dar tudo para alcançar a liberdade. Note-mos também que o movimento dos Coletes Amarelos não só atingiu seu objetivo inicial de derrotar o aumento regressivo do imposto de combustível de Macron,

mas os trabalhadores e jovens envolvidos aprenderam mais através do movimento sobre o papel do Estado e da “democracia” burguesa do que puderam colher todos os livros sobre “narrativas de esquerda” juntos. A linha de argumento de Fritzsche é extremamente conveniente para políticos que não querem confrontar os capitalistas. É muito reconfortante para aqueles que desejam explicar sua própria inação e hesitação traidora culpando a “falta de hegemonia na sociedade”.

IDEIAS REVOLUCIONÁRIAS – PRÁTICAS REVOLUCIONÁRIAS

O conceito de narrativa de esquerda é um bom exemplo da conexão entre ideias filosóficas e prática política. A “narrativa” aparentemente radical das figuras discutidas aqui é na verdade uma cobertura para políticas reformistas, que não representam qualquer ameaça ao capitalismo. Como esse conceito pressupõe que não há realidade fora da narrativa, a “narrativa da esquerda” leva a muito palavreado e a nada mais.

Os proponentes de uma nova “narrativa de esquerda” querem “falar sobre” os problemas dos explorados e oprimidos e trazer votos para os partidos reformistas, mas apresentam poucas sugestões ou demandas concretas. As poucas demandas que levantam se limitam a questões exclusivamente democráticas ou constituem pouco mais do que esperanças piedosas de um Estado de bem-estar social. Tais demandas não são necessariamente erradas em si mesmas, mas não colocam ênfase na necessidade da luta de classes contra os capitalistas para alcançá-las. Quando essas demandas suaves são então destruídas em face da oposição real da classe dominante – como vimos tão claramente com o SYRIZA – a responsabilidade é depositada sobre os ombros das massas; ou então, a “hegemonia do neoliberalismo” é responsabilizada pelo resultado.

Se os defensores da “narrativa de esquerda” conscientemente promovem as premissas filosóficas de sua teoria (como Mouffe faz), ou se eles inconscientemente pegam esse conceito como útil para justificar suas próprias inações, é irrelevante. A tarefa dos revolucionários é descobrir essas ideias e a prática que flui delas, e contrapor soluções reais para a miséria do capitalismo. Esta é a razão pela qual os marxistas dão tanta importância às questões filosóficas.

Em última instância, as ideias são uma expressão dos interesses de classe na sociedade e um guia para a ação. Devemos perguntar: certas ideias ajudam a classe dominante, elas jogam poeira nos olhos dos trabalhadores e ativistas de esquerda? Ou elas nos ajudam a mudar a sociedade?

Vamos confrontar a realidade de olhos abertos. Vamos lutar por um mundo sem exploração e opressão – por uma derrubada revolucionária do capitalismo.

O MITO DE GRAMSCI, "O OCIDENTAL" (PARTE 2)

FALSA CONSCIÊNCIA DA "ACADEMIA GRAMSCIANA"

Francesco Giliani



Os contemporâneos “gramsciólogos”⁴⁸ deformaram Gramsci mais do que Togliatti tinha feito junto com Vacca, Ragionieri, Badaloni, Gruppi e companhia. Certamente, o mais recente trabalho de “despolitização” do pensamento gramsciano não teria sido possível se durante algumas décadas nosso stalinismo não tivesse modelado com infinita paciência, e enormes meios à sua disposição, um Gramsci na imagem e semelhança das voltas e contravoltas do PCI.

Caindo no grotesco, certas pretensões intelectuais confundiram até mesmo o sanguinário – mas certamente pouco astuto – ditador chileno Pinochet, que chegou a afirmar que:

“A doutrina do comunista Antonio Gramsci é o marxismo de forma atualizada... é perigosa porque penetra na consciência do povo e sobretudo na consciência dos intelectuais”⁴⁹ Esta é uma tese bastante fantasiosa. No uso acadêmico de Gramsci, de fato, encontramos muito

poucos vestígios de subversividade. A tendência predominante é a de distinguir Gramsci do marxismo, destacando-o da tradição revolucionária da qual ele fazia parte. Gramsci é apresentado em termos bem resumidos por Emanuel Saccarelli “como o sofisticado marxista ocidental (não culpado do reducionismo atribuído a uma ortodoxia não especificada e ‘vulgar’), como o teórico competente da superestrutura (já se inclinando para aquela virada cultural e linguística abraçada por grandes setores da academia contemporânea), ou, talvez mais surpreendentemente, como o incesto teórico de uma virada pós-marxista”⁵⁰

Às vezes, esta reinterpretação de Gramsci não mantém nem mesmo um mínimo de senso de proporção. Especialmente quando é forçada a explorar o Gramsci político. Assim, por exemplo, Anne Showstak Sassoon, uma acadêmica autoritária, descreveu o governo de Tony Blair como um “projeto gramsciano” em um volume dedicado à ascensão do Novo Trabalhismo,

e Tony Blair como o “príncipe moderno” gramsciano da era contemporânea⁵¹. Poeira estelar...

Outros intérpretes de renome de Gramsci, como Vacca, Cornel West ou Adam Przeworki, pertencem ou pertenceram a essa tradição social-democrata contra a qual Gramsci lutou toda sua vida, mesmo em seus anos de prisão. Mas pouco resta da oposição de Gramsci ao reformismo em seus estudos.

Da remoção de Gramsci como quadro político vem a fixação dos acadêmicos nos escritos gramscianos que eles consideram mais familiares, em detrimento do jornalismo político, das reportagens de congressos ou circulares partidárias. Os escritos da prisão, por outro lado, podem parecer mais familiares a um acadêmico, embora isso se deva principalmente às condições trágicas em que foram produzidos: isolamento político (mesmo da maioria dos presos políticos do PCdI), censura fascista e, em certa etapa, declínio físico e desânimo humano. Gramsci é transformado

em uma figura que ele teria ridicularizado, em um intelectual resignado ou confiante no poder corrosivo da crítica cultural.

A produção carcerária de Gramsci foi separada de suas escolhas políticas. Suas discordâncias com o partido e a IC foram uma oportunidade para desenvolver a ideia de que Gramsci, no final de sua vida, havia se afastado da militância revolucionária para se tornar nada mais do que um brilhante acadêmico, um “teórico” crítico sobre o qual escrever livros e encomendar teses de doutorado. Como observa Saccarelli, nas universidades:

“[...] Lemos Gramsci da maneira como leríamos, digamos, Michel Foucault. Brennan identifica a origem da maioria dos erros nesta operação. A característica dos revolucionários, dos intelectuais do partido, como era Gramsci, é ignorada”⁵².

O temperamento e as reflexões de Gramsci, mesmo amargas, causadas pela decepção com a evolução do partido e da Internacional a qual ele havia dedicado sua vida consciente, transformaram-se no abandono das ideias. Um Gramsci renegado a ser recebido fora da família comunista. Mas Gramsci nunca procurou uma maneira de abandonar a militância política. A mesma ruptura com o partido, na prisão, não foi o prólogo de uma aproximação com outras tendências políticas.

Livre de laços políticos com o movimento operário, a última geração de “gramsciólogos” conseguiu se dedicar à transfiguração do conceito de hegemonia. Aceitando tacitamente a interpretação de Togliatti da guerra de posição como a única estratégia para o Ocidente capitalista e não como uma variante tática complementar da guerra de movimento, os “gramsciólogos” partem do pressuposto não comprovado de que em Gramsci o conceito de hegemonia é dissociado da perspectiva da tomada do poder pela classe trabalhadora. Em essência, Gramsci, durante seus longos anos na prisão, teria meditado sobre o entusiasmo dos anos 20 e entendido que a revolução era um fenômeno possível apenas no Oriente “atrasado”. Outra variante da distorção do conceito de hegemonia é aquela assumida pelo obreirismo de Mario Tronti. Como Alessandro Giardiello corretamente observa, na verdade:

“Com a autonomia do político, o obreirismo descobriu o uso do capital e do poder pela classe trabalhadora. A classe trabalhadora era o poder: segundo Tronti, o erro da social-democracia não era pensar que podia administrar a máquina estatal capitalista, mas subordinar-se a sua iniciativa. Uma nova hierarquia deve nascer dentro do trabalho, não de valores, mas de poderes, uma distribuição de força diferente no terreno da política direta. A hipótese se tornou a de uma aliança de produtores e uma nova

NEP (Nova Política Econômica), uma gestão da economia capitalista sob a liderança política dos trabalhadores que usaram a máquina estatal (burguesa) para derrotar o atraso da sociedade italiana, para promover a reforma do Estado e retomar o desenvolvimento”⁵³.

Desvinculado da luta da classe trabalhadora por sua própria emancipação e da humanidade, o conceito de hegemonia se torna uma essência espiritual.

Voltando a Gramsci, não estamos interessados em saber se ele previu o adiamento do ataque revolucionário mundial ao capitalismo por um período maior do que o pensado por Lenin, Trotsky, Bordiga – esta última hipótese, entretanto, seria difícil de sustentar – ou quem quer que seja. Quem se importa, alguém diria. A tese acadêmica generalizada a ser identificada e oposta é que a reflexão do prisioneiro sobre a derrota do movimento operário, incapaz de se opor à ascensão do fascismo, tinha se estendido à necessidade de redefinir a missão histórica do proletariado. Nos escritos de Gramsci do período 1921-26 não há nada que sugira tal tese. Pelo contrário, a pena de Gramsci vibra ao denunciar as responsabilidades políticas subjetivas e até mesmo a covardia pessoal dos reformistas à frente do PSI e da CGL.

Desvinculado da luta da classe trabalhadora por sua própria emancipação e da humanidade, o conceito de hegemonia se torna uma essência espiritual. Tendo desaparecido as relações de força e dominação entre as classes, os “gramsciólogos” percorrem milhares de páginas sobre a “reforma intelectual e moral” e as maravilhas da luta cultural.

As páginas de Gramsci sobre o conceito de hegemonia dizem algo mais. Em primeiro lugar, é bom ressaltar que a teoria da hegemonia não é exposta sistematicamente, mas está dispersa e fragmentada em dezenas de notas históricas, políticas e literárias.

Com esse conceito, Gramsci indica uma parte integrante do domínio de classe ou da supremacia ideológica de uma classe sobre as outras por meio de aparatos específicos (Igreja, partidos, família, jornais, escola, universidade). A hegemonia indicaria o que complementa a ditadura no sentido estrito, ou seja, os aparelhos repressivos do Estado.

Por razões de estudo, Gramsci separa artificialmente os dois elementos e analisa

especificamente o chamado momento de hegemonia. Os intelectuais são, portanto, analisados por Gramsci como os “escrivães” da classe dominante para o exercício do domínio cultural-ideológico. Nada nos Cadernos nos leva a considerar o Estado outra coisa que não seja:

“[...] Todo o complexo de atividades práticas e teóricas pelas quais a classe dominante não apenas justifica e mantém sua dominação, mas consegue obter o consentimento ativo dos governados”⁵⁴.

O proletariado também, para Gramsci, deve ter seus próprios intelectuais para difundir sua visão de mundo. Seu lugar de agrupamento deve ser o Partido Comunista. Sem um partido, nenhuma classe é capaz de ganhar posições hegemônicas. Em Gramsci não existe uma classe intelectual progressista separada da classe trabalhadora.

GRAMSCI E TROTSKY: HEGEMONIA, FRENTE ÚNICA E ASSEMBLEIA CONSTITUINTE À SOMBRA DO “SOCIAL-FASCISMO”

O Gramsci dos Cadernos possuía uma qualidade preciosa aos olhos do stalinismo. De fato, nos Cadernos de Notas estão espalhados alguns julgamentos bastante negativos, embora grosseiros e imprecisos, sobre Trotsky.

Em vários pontos dos Cadernos, Gramsci acusa Trotsky de “cadornismo político”⁵⁵, ou seja, de sempre e em princípio tomar medidas políticas na ofensiva, sem ser capaz de adaptar seu pensamento político aos altos e baixos concretos da luta de classes. Este limite presumido está ligado por Gramsci à teoria trotskista de Revolução Permanente, que foi colocada na mira da restauração stalinista a partir de janeiro de 1924. Gramsci cita:

“§ Passado e presente. Passagem da guerra manobrada (e do ataque frontal) para a guerra de posicionamento também no campo político. Esta me parece ser a questão mais importante da teoria política, colocada pelo período do pós-guerra, e a mais difícil de ser resolvida corretamente. Está ligado às questões levantadas por Bronstein [Trotsky], que, de uma forma ou de outra, pode ser considerado o teórico político do ataque frontal em um período em que ele é apenas uma causa da derrota.”⁵⁶

Sobre o mesmo tema, central para a reflexão dos Cadernos, Gramsci se explica melhor. Dada a importância da passagem, nós a citamos extensivamente:

“§ Guerra de posição e de manobras ou guerra frontal. Resta saber se a famosa teoria de Bronstein sobre a permanência do movimento não é o reflexo político da teoria da guerra manobrada (lembre-se da observação do ge-



fraudulentos de Moscou até que, em 1938, Bukharin foi esmagado por eles.

Gramsci não poderia deixar de ter conhecimento de que Trotsky havia elaborado o documento político mais importante da IC sobre as táticas da frente única. No entanto, apresentado como a figura paradigmática da guerra do movimento, Trotsky tornou-se nas notas de Gramsci o teórico do assalto frontal sempre e em qualquer caso. A Trotsky, portanto, Gramsci atribuiu as posições do líder comunista húngaro Bela Kun em 1921, quando este sugeriu e teorizou a desastrosa “ação de março” do KPD, baseada na confusão entre o putchismo e a ação revolucionária em massa⁶². O mesmo Bela Kun para quem um Lenin furioso cunhou a expressão ofensiva “fazer ‘kunerie’”. Apesar de tudo isso, é Trotsky que figura nos Cadernos como “o bruto”⁶³. Minimizar o significado desta escolha, reduzindo-a a um estratagema, não presta nenhum serviço à verdade.

Por outro lado, pode-se concordar com Bergami, que escreve sobre a “artificialidade da crítica de Gramsci”, que “pré-constrói uma condenação da abstração e da profecia inconclusiva das concepções de Trotsky como manchadas pelo napoleonismo anacrônico e antinatural”⁶⁴. Pelo contrário, a explicação de Gramsci sobre a guerra de posição e sobre a situação nos países capitalistas avançados contém ecos do relatório de Trotsky sobre a frente única no 4º Congresso Mundial da IC, do qual o próprio Gramsci participou.

Como, então, devemos julgar as notas de Gramsci, que identificam Trotsky, em contraste com Lenin, como o teórico das desastrosas guerras de movimento, do ataque da “arma branca”?

Ou era uma capitulação política completa ou Gramsci queria manter suas críticas a uma viragem tática da IC longe das críticas gerais à degeneração da URSS e da IC feitas por Trotsky e pela Oposição de Esquerda desde 1923. Esta última, como já mencionado, nos parece a hipótese mais racional. Também porque leva em consideração, para enquadrar a posição de Gramsci em relação à IC, não apenas uma questão – seja a carta de outubro de 1926, as críticas ao social-fascismo ou algo mais –, mas todo o caminho conhecido por nós.

Algumas reconstruções sustentam que para Lenin, como teórico da hegemonia, deveria realmente ser combatido por Bukharin, e não Trotsky, como teórico de sua asfixia. A este respeito, há uma referência crítica nos Cadernos de Notas a Bukharin que, em 1921 como em 1931, defendeu posições teóricas ultra esquerdistas. A crítica de Gramsci à tentativa de Bukharin de sistematizar e popularizar o marxismo através do Manual de Sociologia Popular reforça esta percepção, ampliando a visão da inadequação e do declínio teórico do marxismo na URSS. Nessas passagens, Gramsci analisa os

neral cossaco Krasnov), em última instância, o reflexo das condições gerais-econômico-culturais-sociais de um país no qual as estruturas da vida nacional são embrionárias e liberadas e não podem se tornar ‘trincheiras ou fortalezas’. Neste caso, pode-se dizer que Bronstein, que aparece como um ‘ocidentalista’, era ao contrário um cosmopolita, isto é, superficialmente nacional e superficialmente ocidental ou europeu. Em contraste, Ilici era profundamente nacional e profundamente europeu. [...]

Parece-me que Ilici [Lenin] tinha compreendido que era necessário passar da guerra de manobras, vitoriosamente aplicada no Oriente em 1917, à guerra de posição, que era a única possível no Ocidente, onde, como observa Krasnov, num curto espaço de tempo os exércitos podiam acumular infinitas quantidades de munições, onde as estruturas sociais ainda eram em si mesmas capazes de se tornarem trincheiras armadas. Isto me parece significar a fórmula da ‘frente única’ que corresponde à concepção de uma frente única da Entente sob o comando único de Foch. Só que Ilici não teve tempo de aprofundar sua fórmula, mesmo levando em conta que ele só poderia aprofundá-la teoricamente, enquanto a tarefa fundamental era nacional, ou seja, exigia um reconhecimento do terreno e uma fixação dos elementos de trincheira e fortaleza representados pelos elementos da sociedade civil etc.⁵⁷

Tomadas literalmente, as críticas de Gramsci a Trotsky nos Cadernos de Notas reproduzem o relato padronizado de Trotsky propagado pelo stalinismo. Segundo Saccarelli, essas notas, escritas entre 1930 e 1932, seriam “uma tela protetora construída pelo autor para evitar o perigo de sua dura crítica à doutrina stalinista do Terceiro Período”⁵⁸. Quando comparado com Lenin, Trotsky é apresentado como “um internacionalista abstrato e um aventureiro ultra esquerdistas”⁵⁹ incapaz de conectar os princípios gerais do marxismo com a situação concreta e as

peculiaridades nacionais, bem como avesso à fineza tática da frente única.

No mesmo registro, Bergami havia afirmado que:

[...] A oposição, estabelecida no Caderno 7 (1930-1931), entre Trotsky, um defensor da guerra de movimento permanente, e Lenin, um defensor da guerra de posição como solução estratégica adequada para o refluxo da revolução no Ocidente, não explica o desenvolvimento do pensamento de Trotsky na história do Partido Bolchevique e da Terceira Internacional até 1926”⁶⁰.

De fato, Trotsky fez um bloco com Lenin, nos 3º e 4º congressos mundiais da IC, para convencer a maioria dos delegados da necessidade de uma reorientação tática encarnada na política de frente única. As afirmações de Gramsci, portanto, estão completamente erradas. E muito forçadas são as conclusões de Saccarelli quando escreve que Trotsky era uma “tela protetora” para Gramsci.

Como se pode ignorar, de fato, que a crítica ao “esquerdismo” da política do Terceiro Período, acompanhada de um distanciamento das teses de Trotsky, foi precisamente a posição tomada pela “direita” e a oposição bukhariana⁶¹ do Comintern? Essa corrente, em 1930, formou a Internationale Vereinigung der Kommunistischen Opposition (IVKO, Oposição Comunista Unificada Internacional), liderada pelo grupo alemão em torno de Heinrich Brandler e August Thalheimer, antigos líderes do Partido Comunista Alemão.

É provável que o desenvolvimento político de Gramsci tenha ido nessa direção também por causa do seu passado recente como líder na IC de Zinoviev, e isso explicaria muito bem a necessidade de marcar uma clara linha de separação entre ele e Trotsky. O IVKO, por outro lado, permaneceu extremamente crítico em relação às teses de Trotsky e não condenou os julgamentos

escritos filosóficos de Bukharin e escreve que o crescente fatalismo e determinismo mecanicista da ideologia oficial da URSS foi um sintoma da passividade prevalecente e sinalizou que os “subalternos” do passado não agiriam como uma força social consciente de suas tarefas. Por outro lado, Gramsci salientou que quando o silêncio, e não o tumulto, caracterizava a vida do partido, isto era uma indicação não da verdadeira unificação da multiplicidade, mas de sua supressão de cima para baixo.

Em uma nota de abril de 1932, Gramsci analisou o fenômeno da escrita “estatolatra”, que era um processo necessário para uma classe, o proletariado, incapaz de viver uma vida independente e livre antes da conquista do poder político. Mas teria sido um problema, continuou Gramsci, se a “estatolatra” tivesse se tornado entrincheirada e perpétua porque cada iniciativa continuava a ser determinada por funcionários do Estado.⁶⁵ Além deste ponto de análise – certamente significativo porque foi escrito enquanto na URSS o aparelho burocrático estatal concentrava cada vez mais poder às custas da classe trabalhadora – Gramsci não foi mais longe.

Não existem notas gramscianas sobre o tema da progressiva extinção do Estado, um tema central no pensamento de Lenin, pelo menos desde o Estado e a Revolução e desde as Teses de Abril até suas últimas intervenções políticas. Muito menos reflexões que sugerem uma proximidade com as teses sobre o processo de degeneração burocrática e “termidoriana” da Revolução Russa. Em outras palavras, os Cadernos de Notas e a evolução política de Gramsci até 1926 não nos permitem de forma alguma afirmar que as críticas a Trotsky, incorretas e injustas, podem ser interpretadas de forma substancialmente diferente da letra do texto, como afirmam numerosos estudiosos, mesmo da extrema esquerda.⁶⁶ Lembremos, por outro lado, que a tradição dos marxistas, quando submetidos a duras condições de prisão e censura, sempre foi a de expressar uma parte de seu próprio pensamento, mas nunca algo que eles não compartilhavam. Ficaríamos surpresos se Gramsci se comportasse de uma maneira diferente desta modalidade.

O testemunho explosivo de Ercole Piacentini⁶⁷, companheiro de prisão de Gramsci, sobre as reflexões de Gramsci sobre o stalinismo como o “termidor” da Revolução Russa, que é precisamente o nó teórico fundamental sobre o qual a oposição de esquerda russa e internacional se agruparam, não é encontrado nos Cadernos.

A crítica ao regime soviético permanece esmagada sobre as peculiaridades do Terceiro Período, que foi apenas uma das expressões programáticas do stalinismo. Além disso, o stalinismo, longe de adotar uma postura sectária – lembramos já em 1925-1927 seu oportunismo em relação ao Kuomintang chinês ou aos

líderes dos sindicatos britânicos durante a greve geral de nove dias de 1926 – tinha como regra uma orientação oposta, adiando a luta pelo socialismo para um futuro indefinido e distante.

O stalinismo foi sectário apenas no terreno das táticas e em uma fase estreita de sua história – o social-fascismo do período 1929-1934 – e atuou, ao invés disso, como uma força em favor da colaboração de classe de forma orgânica, primeiro com as frentes populares e depois com os governos de unidade nacional durante a Segunda Guerra Mundial.

Não existem notas gramscianas sobre o tema da progressiva extinção do Estado, um tema central no pensamento de Lenin, pelo menos desde o Estado e a Revolução e desde as Teses de Abril até suas últimas intervenções políticas.

A própria crítica de Gramsci à coletivização forçada, além disso, depende da condenação do abandono do trabalho paciente de hegemonia, incluindo compromissos e sacrifícios por parte da classe trabalhadora, iniciada com a NEP, para Gramsci a base autêntica do regime soviético e o ponto de partida para suas críticas de 1924-1926 ao suposto “corporativismo” da Oposição de Esquerda.⁶⁸

As notas dos Cadernos sobre Trotsky requerem, portanto, tanto quanto e mais do que outros tópicos, um conhecimento da história política de Gramsci e uma hipótese sobre sua evolução em relação aos debates do movimento comunista internacional.

O que sabemos com certeza é que a liderança stalinista do PCI escondeu a famosa Carta de Outubro de 1926, julgada por Togliatti como muito branda, na qual Gramsci tomou uma posição, em nome da Secretaria do Partido, a favor de Stalin contra a Oposição Unificada de Trotsky, Kamenev e Zinoviev. O primeiro a publicar essa carta em 1938 no *Nuovo Avanti!* foi Angelo Tasca, que nesse meio tempo havia rompido com o PCdI da direita.

Nesse texto, Gramsci apenas criticou os excessos de Stalin na gestão da batalha contra a Oposição Unificada, seu desejo de “subjugar”, e parecia estar se iludindo que

poderia continuar o trabalho de distanciar o PCI da abordagem extremista do Bordiga, como Lenin e especialmente Trotsky lhe haviam proposto durante sua estada em Moscou em 1922-1923, permanecendo parcialmente acima da briga nas questões que estavam inflamando a IC. Este parece ser o sentido da crítica a Bordiga, que se moveu teimosamente de um “ponto de vista internacional”, enquanto Gramsci manteve a primazia, naquela época, de “um ponto de vista nacional”, mostrando que ele foi permeado por um certo “provincialismo” ao expor o problema do conflito na URSS.

Outros líderes comunistas, especialmente na Europa, já eram naqueles anos mais claros e lúcidos na análise dos germes do stalinismo e na tentativa de se opor frontalmente a ele – pensemos no grupo líder do PC polonês ou do PC francês de 1923-1924.

As táticas de Gramsci em 1926 podem ser explicadas. Por um lado, sem dúvida, Gramsci teve medo de dividir, nas avaliações sobre a evolução da URSS e da Internacional Comunista, a unidade política laboriosamente conquistada pelo grupo executivo do PCdI formado em 1923-1924 na polêmica contra a esquerda bordigiana, então considerada solidária com Trotsky. Por outro lado, ele compartilhou as teses políticas da maioria do Partido Comunista em torno da fração de Stalin e se iludiu, não sendo nada claro sobre a profundidade social do conflito dentro do Partido Comunista, em poder contribuir para sua atenuação.

Após a guerra, graças ao testemunho de camaradas que o haviam conhecido na prisão, tornou-se cada vez mais difícil encobrir os desacordos de Gramsci com o partido e a IC. Na verdade, houve uma verdadeira ruptura.

O líder trotskista Pietro Tresso, expulso do Birô Político do PCdI em 1930, escreveu que a expulsão de Gramsci por sua oposição à volta ao “social-fascismo” era um fato, mas não foi tornada pública porque era prática estabelecida não expulsar ninguém em caso de diferenças políticas enquanto na prisão ou no exílio. O próprio Bordiga, por exemplo, foi expulso apenas no final de seus três anos de confinamento.

Entretanto, a própria natureza do principal conflito político entre Gramsci e a IC, ou seja, a teoria do “social-fascismo” e a renúncia na Itália à palavra de ordem da Assembleia Constituinte, serviu posteriormente para consolidar a ideia de um Gramsci que, se não foi leal a Moscou e a Stalin, o foi por ter sido o precursor da escolha “democrática” subsequente das Frentes Populares – impressa na memória política dos intelectuais progressistas como o ponto de viragem “pluralista” da IC, mas, na realidade, realizado em todo o mundo ao som de expurgos, julgamentos políticos e eliminações físicas perpetradas diretamente pela NKVD de Stalin.

O que Gramsci disse na prisão sobre a necessidade da palavra de ordem democrática da assembleia constituinte em uma provável fase de transição na qual, após a queda do fascismo, a revolução proletária não teve força para se impor imediatamente, não foi diferente, no método seguido, do que os bolcheviques fizeram ao avançar as palavras de ordem transitórias nos oito meses entre as revoluções de fevereiro e outubro. Neste ponto, fica clara a fidelidade de Gramsci às Teses de Lyon do 3º Congresso do PCdI de 1926.

Gramsci também salientou que na assembleia constituinte os comunistas teriam que demonstrar na prática a natureza absolutamente ilusória de uma transformação socialista por meios institucionais e parlamentares. Assim, em 1933, o comunista Athos Lisa informou à sede do PCdI sobre as posições tomadas por Gramsci na prisão:

*“As perspectivas revolucionárias na Itália devem ser fixadas no número de duas, ou seja, a perspectiva mais provável e a menos provável. Agora, na minha opinião, a mais provável é a do período de transição. Portanto, as táticas do partido devem ser orientadas para este objetivo, sem medo de parecer não revolucionárias. Ela deve adotar, diante dos outros partidos na luta contra o fascismo, a palavra de ordem da ‘Assembleia Constituinte’ não como um fim em si, mas como um meio. A ‘Assembleia Constituinte’ representa a forma de ação no seio da qual podem ser colocadas as reivindicações mais sentidas da classe trabalhadora, no seio da qual a ação do partido pode e deve ocorrer, através de seus representantes, que devem ter a intenção de desvalorizar todos os projetos de reforma pacífica, mostrando à classe trabalhadora italiana que a única solução possível na Itália reside na revolução proletária.”*⁶⁹

Se, no entanto, se apagar esse Gramsci e expandir para um vácuo a imagem de um homem refletindo isoladamente sobre o “soco no olho” que o social-fascismo era para ele, então é possível pintar um Gramsci que rompe com o aventurismo ultraesquerdista da IC para aterrissar em posições social-democratas. Os estudiosos da orientação bordiguista vêm argumentando isso há décadas, cometendo um erro oposto e espelhado àqueles que tentaram construir à força uma analogia entre Gramsci e Trotsky.⁷⁰

Para completar a operação, porém, também foi necessário apagar da memória a correspondência sobre a questão da Assembleia Constituinte entre Trotsky e os três ex-membros do Bureau Político do Partido Comunista, que fundaram a Oposição de Esquerda Italiana em 1930. Nesses textos são expressos conteúdos políticos compatíveis com os de Gramsci, pelo menos como relatado por Athos Lisa, e a ideia, reivindicada no período pós-guerra por Leonetti, de que o momento decisivo de 1930 havia

enterrado definitivamente o “partido de Gramsci”, no programa, no método de análise e também no de direção. Em relação ao futuro período de transição após a queda do fascismo na Itália, Trotsky escreveu a Tresso, Leonetti e Ravazzoli em maio de 1930:

“(3) Isto é seguido pela questão do período de ‘transição’ na Itália. Antes de mais nada, deve ser claramente estabelecido: de transição de quê para quê? Período de transição da revolução burguesa (ou ‘popular’) para a revolução proletária, é uma coisa. O período de transição da ditadura fascista para a ditadura proletária, é outra coisa. Se pensarmos na primeira concepção, a questão da revolução burguesa surge antes de tudo e é uma questão de inserir nela o papel do proletariado, após o que somente a questão do período de transição para uma revolução proletária surgirá. Se pensarmos na segunda concepção, então será colocada a questão de uma série de batalhas, revoltas, reversões de situações, reviravoltas abruptas, que juntas constituem as diferentes etapas da revolução proletária. Estas etapas podem ser numerosas. Mas em nenhum caso elas podem conter dentro delas uma revolução burguesa ou seu feto misterioso, a revolução ‘popular’.”

Isso significa que a Itália não pode, por um certo período, voltar a ser um Estado parlamentar ou se tornar uma ‘república democrática’? Acredito – em perfeito acordo com você, penso eu – que esta eventualidade não está excluída. Mas então não resultará como fruto de uma revolução burguesa, mas como um aborto de uma revolução proletária insuficientemente madura ou prematura:

“[...] A vitória do fascismo foi o resultado de nossa derrota na revolução proletária de 1920. Somente uma nova revolução proletária pode derrubar o fascismo. Se desta vez também não está destinada a triunfar (fraqueza do Partido Comunista, manobras e traições dos social-democratas, dos maçons, dos católicos), o estado de transição que a contrarrevolução burguesa será então forçada a estabelecer, sobre as ruínas de seu poder sob a forma de fascismo, não pode ser nada mais que um Estado parlamentar e democrático. [...]” (4)

Mas será que isso significa que nós, comunistas, rejeitamos a priori todo objetivo democrático, toda palavra de ordem de transição ou de preparação, parando estritamente apenas na ditadura proletária? Isso seria demonstrar um sectarismo doutrinário vaidoso. Não acreditamos por um momento que um simples salto revolucionário seja suficiente para soldar o que separa o regime da ditadura do proletariado.

Não negamos em absoluto a fase de transição com suas exigências transitórias, incluindo as exigências da democracia. Mas é precisamente com a ajuda destas palavras



de ordem de transição, das quais brota sempre o caminho para a ditadura do proletariado, que a vanguarda comunista terá que conquistar toda a classe trabalhadora e que esta última terá que unificar em torno dela todas as massas exploradas da nação. E aqui não excludo sequer a possibilidade de uma Assembleia Constituinte, que em certas circunstâncias poderia ser imposta pelos acontecimentos, ou, mais precisamente, pelo processo de despertar revolucionário das massas oprimidas:

*“[...] Se a crise revolucionária surgisse, por exemplo, no decorrer dos próximos meses (sob o impulso da crise econômica, por um lado, sob a influência revolucionária vinda da Espanha), as grandes massas trabalhadoras, tanto operárias como camponesas, seguiriam corretamente suas demandas econômicas com palavras de ordem democráticas (como liberdade de imprensa, de coalizão, de sindicatos, de representação democrática no Parlamento e nos municípios). Isso significa que o Partido Comunista terá que rejeitar essas exigências? Pelo contrário. Terá de imprimir neles o aspecto mais ousado e categórico possível. Pois não se pode impor a ditadura do proletariado às massas populares. Só se pode consegui-lo conduzindo a batalha – a batalha até o fim – para todas as reivindicações, exigências e necessidades transitórias das massas, e à frente dessas massas”*⁷¹.

Independentemente disso, Gramsci tinha desenvolvido uma reflexão sobre a situação na Itália semelhante à de Trotsky e dos três líderes comunistas italianos que deveriam se juntar à Oposição Internacional de Esquerda em 1930. Com relação à sua expulsão do PCdI, no entanto, não se pode excluir que Gramsci tenha expressado uma opinião contrária. Na verdade, teria sido o medo de uma ruptura virulenta que sugeria a seu irmão mais velho, Gennaro Gramsci, manter em silêncio para o partido a resposta recebida de Antonio a respeito da expulsão dos três, assim como a nova linha do PCdI. Em 1965, pouco antes de sua mor-

te, diz-se que Gennaro Gramsci contou o conteúdo político dessa conversa ao jornalista-biógrafo Giuseppe Fiori nestes termos:

“ele não justificou sua expulsão e rejeitou a nova linha da Internacional, compartilhada por Togliatti em sua opinião de forma precipitada demais”⁷².

As avaliações concordantes sobre a natureza da revolução que derrubaria o regime fascista na Itália são de extrema relevância, mas, é claro, elas não apagam o que foi dito sobre o entendimento geral desse período histórico. Basta dizer que a única referência direta nos Cadernos sobre bonapartismo ligada ao desenvolvimento histórico da URSS identificou o embrião de uma tendência nessa direção nas posições expressas por Trotsky durante o debate de 1920 sobre a função dos sindicatos após a tomada do poder.⁷³

As condições prisionais obviamente não ajudaram Gramsci a formar uma opinião profunda. O clima histérico da caça aos opositores, responsabilidade do stalinismo, penetrou também nas prisões e no confinamento e deu o golpe final a qualquer discussão coletiva entre comunistas presos pela repressão fascista. Por outro lado, fazer de Gramsci um “semitrotskista” ou um “trotskista inconsciente” seria uma operação arbitrária e não prestaria nenhum serviço nem a Gramsci nem ao trotskismo.

HEGEMONIA: O PASSADO DE UM CONCEITO MARXISTA

Muitos intelectuais, entre os quais Norberto Bobbio, sugeriram que o conceito de hegemonia é uma inovação gramsciana, mas não é este o caso. Uma história concisa do conceito é essencial para desvendar a questão e compreender que leituras e debates Gramsci teve por trás dele.

A expressão hegemonia, no nascente movimento marxista russo, foi usada já na década de 1880 para definir o papel da classe trabalhadora na luta contra o czarismo. Tanto para Plekhanov quanto para Axelrod, mas também para Lenin, o termo indicava a necessidade do proletariado se engajar em uma luta política, em polêmica com as tendências economicistas, e sua supremacia sobre outras classes na revolução burguesa contra o czarismo. Pouco depois da divisão de 1903 entre bolcheviques e mencheviques, Lenin acusou estes últimos de abandonarem a ideia de hegemonia – “o aspecto mais grosseiro do reformismo na socialdemocracia russa”⁷⁴ – subordinando-se politicamente à liderança da capital russa (Non la capitale russa - Mosca – ma il capitale economico russo) na revolução burguesa-democrática contra o czarismo.

No início do século 20, esse debate mudou para a Alemanha, no coração do movimento operário. Kautsky contrastou a “es-

tratégia de atrito”, indefinidamente longa e central para o Ocidente, com a de derrubada. O atrito teria sido próprio do Ocidente a partir da derrota da Comuna de Paris em 1871 – e aqui há uma coincidência com as referências gramscianas nos Cadernos. A ocasião histórica para que este debate se incendiasse foi a Revolução Russa de 1905 – quando os soviets, formas avançadas de poder proletário, apareceram pela primeira vez – que Kautsky queria a todo custo exorcizar e considerar um fenômeno típico das sociedades atrasadas e não universalizável.

Para Kautsky, que confiou no advento do socialismo por meio de uma sucessão de eleições até que uma maioria parlamentar fosse alcançada, Rosa Luxemburgo respondeu com dureza. Para o “papa” da Internacional Socialista, o ataque frontal da Revolução Russa de 1905 foi produto do atraso daquela sociedade, a greve geral foi uma forma “primitiva e amorfa” de luta, inapropriada no Ocidente, onde teria dado à reação um pretexto para reprimir o movimento operário, de outra forma destinado a uma ascensão irresistível e gradual.

Lenin, em 1910, interveio no debate ao lado de Luxemburgo. Ele denunciou a rígida oposição proposta por Kautsky entre a Rússia czarista e a Europa das democracias parlamentares como a racionalização de uma capitulação ao eleitoralismo. Luxemburgo também criticou a “antítese rígida entre a Rússia revolucionária e a Europa ocidental parlamentar”, vendo nela as raízes de uma orientação oportunista.

Para Rosa, as greves na Rússia em 1905, das quais o Conselho dos Delegados dos Trabalhadores em Petersburgo havia surgido, foram:

“[...] Tão pouco ‘amorfas e primitivas’, que podem de fato ser comparadas, por ousadia, violência, solidariedade de classe, tenacidade, realizações materiais, objetivos progressistas e resultados organizacionais, a qualquer movimento sindical na Europa Ocidental”.

Rosa aprofundou ainda mais o golpe ao resumir o raciocínio de Kautsky desta forma:

“Em resumo, o horizonte das próximas eleições do Reichstag sorri com tantas promessas que estaríamos pecando em leviandade criminosa se pensássemos em qualquer greve de massa, tendo diante de nós uma certa vitória, colocada ‘no bolso’ pelo boletim de voto”⁷⁵.

Após a Revolução de Outubro, o termo hegemonia caiu em desuso entre os bolcheviques. A fórmula bolchevique de “ditadura democrática dos trabalhadores e camponeses” dentro do sistema capitalista não havia se materializado. A perspectiva da hegemonia do proletariado em uma revolução democrática também caiu. A controvérsia teórica que tinha visto os



conceitos de hegemonia e ditadura do proletariado se oporem uns aos outros também chegou ao fim.

Nos documentos da IC, a palavra de ordem da hegemonia foi usada para indicar a tarefa do proletariado de dirigir, ou seja, exercer a liderança, sobre os outros setores explorados da população na luta contra o capitalismo. No 4º Congresso Mundial da IC (1922), o termo foi estendido ao domínio da burguesia sobre o proletariado quando a primeira conseguiu reduzir a ação do segundo a um quadro corporativo, ou seja, a uma divisão entre a luta política e a luta sindical.⁷⁶

Da leitura dos Cadernos fica claro que Gramsci partiu dessa tradição política e até mesmo lexical, em particular da ideia da necessidade do proletariado se aliar a outros setores explorados. Adotando um conceito formulado por Trotsky, Gramsci claramente distinguiu a ditadura do proletariado, a ser exercida contra os inimigos de classe mesmo pela força, e hegemonia, a ser exercida sobre o campesinato cuja “boa vontade e entusiasmo” deve ser capaz de estar ao lado do proletariado.

No entanto, não teria faltado, nos Cadernos, uma nota na qual Gramsci descartou errônea e apressadamente a Teoria da Revolução Permanente – o prisma da distorção stalinista é evidente – como um abandono da busca de uma aliança entre os trabalhadores urbanos e os camponeses, ou seja, como um abandono do conceito de hegemonia.⁷⁷

EM QUE SE TRANSFORMOU ESSE CONCEITO NOS CADERNOS?

Se em algumas passagens a hegemonia parece ser prerrogativa da sociedade civil, em oposição à dominação ou coerção própria do Estado, em outros textos a hegemonia é analisada como síntese de consensos obtidos através dos chamados órgãos privados (nem sempre), mas baseados na ordem burguesa (escolas, igrejas, rádio, universidades etc.) e na coerção. No regime parlamentar burguês, observou Gramsci, a hegemonia deveria ser alcançada preferencialmente “sem

o consentimento da força sobreposta”.⁷⁸ Entretanto, se a hegemonia é entendida como consentimento-coerção, então ela se move dentro do próprio Estado e, no máximo, Gramsci teria mantido uma diferença de nuance ao distinguir hegemonia política – isto é, estatal – e civil. O que parece indiscutível é que Gramsci não formulou uma teoria orgânica.

Nos Cadernos, as palavras Estado, sociedade civil e hegemonia estão sujeitas a uma mudança conceitual. Qual é o fio condutor destes termos? A reflexão, em Gramsci, passa da questão das alianças sociais do proletariado, especialmente no “Leste”, para a análise das estruturas do poder político burguês no “Oeste”, ou seja, nos países do capitalismo avançado. No entanto, continua sendo verdade que a configuração principal destes termos, para o destino póstumo do pensamento de Gramsci, acabou sendo a oposição entre o Oriente, onde “o Estado é tudo” e a guerra de posição é apropriada, e o Ocidente da guerra de manobras, onde o Estado é uma “casca exterior” em relação à sociedade civil que é “robusta e capaz de resistir a fortes choques”.

Mas, como raciocinaram os maliciosos gramsciólogos, se no Ocidente a hegemonia prevalece sobre a coerção como modo de expressão do poder da burguesia, então é “a ascendência cultural da classe dominante que, no fundo, garante a estabilidade da ordem capitalista”.⁷⁹ E aqui muitos gramsciólogos estão ansiosos para ir mais longe e atacar a teoria marxista do Estado como um órgão de dominação de classe, enquanto muito mais profundo foi Lenin quando observou que os czares governavam pela força enquanto a burguesia britânica e francesa o fazia por engano, bajulação, parlamento e concessões democráticas destinadas a preservar o essencial, ou seja, a santidade da propriedade privada.

Mas se, como o social-democrata Tamburrano⁸⁰, quando quer-se fazer Gramsci dizer mais do que ele escreve, então vai-se

além do próprio Gramsci para afirmar, como reformistas com uma pincelada de pós-modernismo, que o Estado essencialmente não é mais, no Ocidente, um órgão de repressão de classe como era na Rússia czarista e que o poder se concentra mais nos meios de informação do que nos meios de produção.

Se, no Ocidente, o poder do capital tivesse tomado a forma de hegemonia cultural, seríamos induzidos a reconhecer como válido o velho dogma reformista sobre a viabilidade da rota eleitoral para o socialismo. Mas este ponto de vista, nunca expresso por Gramsci, esquece de considerar que as condições “normais” de subordinação ideológica das massas são baseadas em uma coerção, às vezes silenciosa e pouco visível, que a torna possível: o monopólio da violência legal por parte do Estado. Sem esta prerrogativa material, o sistema de controle cultural se tornaria imediatamente frágil.

Em Gramsci, a reflexão sobre a hegemonia torna-se principalmente uma referência à solidez e articulação do domínio burguês no Ocidente capitalista. Uma tendência para um maior grau de consentimento dos oprimidos pode reduzir as expressões marcantes do domínio coercitivo da burguesia, como, aliás, foi penetrantemente ilustrado por Lenin em Esquerdismo, uma Doença Infantil do Comunismo. Lenin tinha analisado, desde o Imperialismo (1916), que um dos efeitos políticos desta nova fase do capitalismo era a formação, nos países imperialistas, de uma “aristocracia operária” graças às migalhas dos superlucros coloniais. Este conceito foi retomado em 1920 em O Esquerdismo:

“Em países mais avançados que a Rússia, aquele certo caráter reacionário dos sindicatos se manifestou, e sem dúvida teve que se manifestar, com muito mais força do que no nosso. Os mencheviques russos encontraram (e em muito poucos sindicatos ainda encontram) o apoio dos sindicatos por causa da estreiteza

*corporativa, do egoísmo e do oportunismo profissional. Os mencheviques do Ocidente “aninharam-se” muito mais firmemente nos sindicatos; no Ocidente, surgiu uma camada de corporativistas, mesquinhos, egoístas, sórdidos, interesseiros, pequeno-burgueses, imperialistas, ‘aristocratas da classe trabalhadora’, escravizados e corrompidos pelo imperialismo. Este fato é inegável. A luta contra os Gompers, contra os senhores Jouhaux, Henderson, Merrheim, Legien e associados na Europa Ocidental é infinitamente mais difícil do que a luta contra nossos mencheviques, que representam um tipo social e político absolutamente homogêneo”.*⁸¹ (grifo nosso)

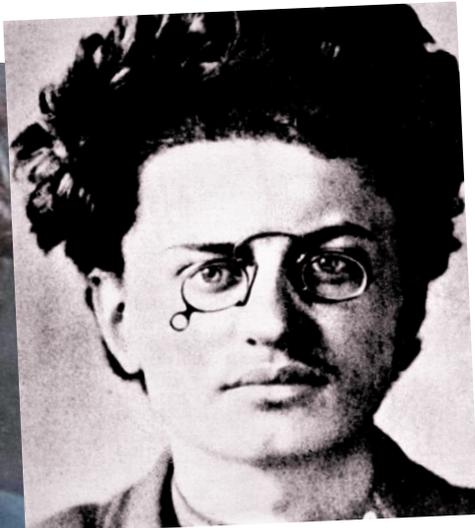
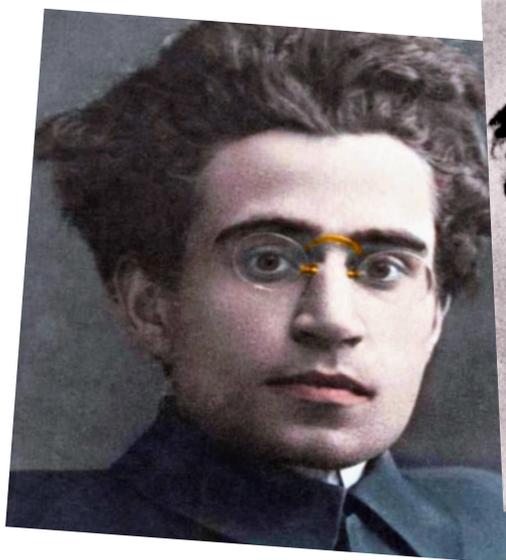
Gramsci esboçou uma análise das características dos sistemas políticos dos países capitalistas avançados, que eram mais capazes de resistir a eventos de ruptura, como crises econômicas e guerras. Nesses contextos, argumentou Gramsci, seria improvável que o proletariado fizesse um ataque frontal à burguesia sem uma longa e difícil guerra de posição – na verdade, a construção da relação de força no nível subjetivo. Nisto, vale a pena repetir, Gramsci não inovou com respeito às conquistas teóricas dos quatro primeiros congressos mundiais (1919-1922) da Internacional Comunista.

GRAMSCI TROTSKY: AS NOTAS SOBRE A REVOLUÇÃO PERMANENTE, OU MELHOR, SOBRE A GUERRA DE MANOBRAS E GUERRA DE POSIÇÃO (E FRENTE ÚNICA)

A situação é mais complicada se considerarmos o fragmento dos Cadernos sobre a Revolução Permanente. A expressão, na nota de Gramsci, refere-se ao discurso de Marx à Liga dos Comunistas, em 1850, quando ele colocou a hipótese de um salto drástico das revoluções burguesas de 1848 para as revoluções proletárias. Esta hipótese, segundo Gramsci, foi apagada da história com a derrota da Comuna de Paris em 1871. A partir deste momento, segundo ele, a estratégia política de ataque frontal pareceria adotável apenas nos países coloniais e atrasados e não nas democracias burguesas do Ocidente.

A hegemonia torna-se o princípio explicativo das estruturas de poder de classe nas democracias burguesas estáveis típicas do Ocidente. A guerra de manobras se tornaria uma estratégia residual, atual nas margens do desenvolvimento capitalista. Pelo contrário, no Ocidente, onde o Estado é apenas a “trincheira externa” do domínio de classe, o núcleo central é a sociedade civil, ela própria externa à esfera econômica, ao contrário do uso comum do termo em Hegel, mas também em Marx.

Entretanto, a sombra de Trotsky aparece novamente, apresentada como a proponente de uma doutrina que se tor-





nou abstrata e ultrapassada. Como já foi observado, a doutrina da Revolução Permanente é descrita de forma caricatural:

“Com relação à palavra de ordem ‘jacobina’ lançada por Marx para a Alemanha em 48-49, sua complicada fortuna deve ser observada. Tomada, sistematizada, elaborada, intelectualizada pelo grupo Parvus-Bronstein, manifestou-se inerte e ineficaz em 1905 e depois: foi uma coisa abstrata, para um gabinete científico. A corrente que se lhe opôs nesta manifestação intelectualizada, por outro lado, sem utilizá-la ‘de propósito’, na verdade a empregou em sua forma histórica, concreta, viva, adaptada ao tempo e ao lugar, como brotando de todos os poros da sociedade que precisavam ser transformados, de uma aliança entre duas classes com a hegemonia da classe urbana. No primeiro caso, temperamento jacobino sem o conteúdo político apropriado, tipo Crispi; no segundo caso, temperamento e conteúdo jacobino de acordo com as novas relações históricas, e não de acordo com um rótulo intelectualista”⁸²

Em Gramsci, a análise do Estado e a questão da tática da frente única estão ligadas. O Estado, entretanto, é definido de forma oscilante entre três nuances não coincidentes: às vezes seria uma entidade em uma relação “equilibrada” (ao contrário do Oriente) com a sociedade civil, às vezes a “casca externa e quase desnecessária” da sociedade civil, mas em outros lugares também uma “estrutura maciça” que aniquila a autonomia da sociedade civil. Além disso, se em algumas notas o Estado se opõe à sociedade civil, em outras, mais recentes, Gramsci parece incluir a sociedade civil no Estado. Não se escapa da impressão de uma certa confusão.

Da teia de notas gramscianas, segundo Anderson, uma linha geral de conexão e interpretação surgiria: hegemonia civil = guerra de posição = frente única. A cadeia de equivalências é convincente e parece indicar a convicção gramsciana de que a tática da

frente única deveria ser adotada não como uma tática, mas como uma estratégia para toda uma época histórica.

Ao preparar seu argumento sobre as táticas revolucionárias mais adequadas para o Ocidente capitalista avançado, Gramsci havia se referido ao debate estratégico entre os comandos militares supremos durante a Primeira Guerra Mundial. O alvo imediato de sua crítica era o chamado cadornismo, uma espécie de análogo no campo político do ultraesquerdismo que era o alvo de Gramsci. Foi assim que ele formulou a questão:

“A observação do General Krasnov (em seu romance) de que a Entente (que não queria uma vitória imperial russa, para que a questão oriental não fosse definitivamente resolvida em favor do czarismo) impôs uma guerra de trincheiras do Estado-Maior russo (absurda, dado o enorme desenvolvimento da frente do Báltico até o Mar Negro), com grandes áreas pantanosas e arborizadas) enquanto a única opção possível era a guerra de manobras, é uma mera bagatela. Na realidade, o exército russo tentou a guerra de manobras e avanços, especialmente no setor austríaco (mas também na Prússia Oriental) e teve sucessos brilhantes mesmo que efêmeros. A verdade é que não se pode escolher a forma de guerra que se quer, a menos que se tenha uma superioridade esmagadora sobre o inimigo, e é bem sabido quantas perdas foram custeadas pela obstinação do comando geral do exército em não querer reconhecer que a guerra de posição foi “imposta” pelas relações gerais das forças opostas. [...] A mesma redução deve ocorrer na arte e na ciência política, pelo menos no que diz respeito aos estados mais avançados, onde a ‘sociedade civil’ se tornou uma estrutura muito complexa, resistente às ‘irrupções’ catastróficas do elemento econômico imediato (crises, depressões etc.); as superestruturas da sociedade civil são como o sistema das trincheiras na guerra moderna. Assim como na guerra moderna, um feroz ataque de artilharia parecia ter destruído todo o sistema defensivo do adversário, mas só tinha destruído sua

superfície externa e no momento do ataque e do avanço os atacantes se viram diante de uma linha defensiva que ainda era eficiente, assim acontece na política durante grandes crises econômicas; nem as tropas atacantes, como resultado da crise, se organizam rapidamente com o tempo nem adquirem um espírito agressivo; por outro lado, os atacantes não se desmoralizam ou abandonam suas defesas, mesmo no meio dos escombros nem perdem a fé em sua própria força e em seu próprio futuro. É claro que as coisas não permanecem como estão, mas o que é certo é que falta o elemento de rapidez, de tempo acelerado, de marcha progressiva e definitiva como os estrategistas do cadornismo político esperariam. O último evento desse tipo na história da política foram os eventos de 1917. Eles marcaram uma virada decisiva na história da arte e da ciência política”⁸³

(Destaque nosso)

As últimas linhas desta passagem, juntamente à observação sobre o fracasso do avanço do Exército Vermelho sobre Varsóvia em agosto de 1920, levantam a questão de um possível conflito entre a estratégia dos bolcheviques em 1917 – que também utilizaram o método da frente única durante aquele ano crucial – e uma estratégia correta nos países capitalistas avançados? Em uma passagem posterior, Gramsci parece proceder a um tratamento teórico deste ponto, contrastando acentuadamente Oriente e Ocidente:

“No Oriente, o Estado era tudo; a sociedade civil era primordial e gelatinosa; no Ocidente, entre o Estado e a sociedade civil havia uma relação correta, e no tremor do Estado podia-se discernir imediatamente uma estrutura robusta da sociedade civil. O Estado era apenas uma trincheira avançada, atrás da qual havia uma cadeia robusta de fortalezas e casamatas; mais ou menos, de Estado para Estado, é claro, mas isto exigia precisamente um reconhecimento cuidadoso de caráter nacional”⁸⁴

As conclusões desta nota “No Oriente o Estado era tudo; a sociedade civil era primordial e gelatinosa; no Ocidente existia uma relação justa entre o Estado e a sociedade civil e no tremor do Estado podia-se ver imediatamente uma estrutura robusta da sociedade civil. O Estado era apenas uma trincheira avançada, atrás da qual se encontrava uma robusta cadeia de fortalezas e casamatas.” são a passagem mais usada pelos comentaristas que apoiam a ruptura de Gramsci com a visão da Internacional Comunista no início. Curiosamente, tal oposição entre Oriente e Ocidente também havia sido proposta por Bordiga em seu discurso em fevereiro de 1926 – preparado também junto com Trotsky e no qual o comunista napo-

litano se opôs a Stalin e Bukharin – ao 4º Plenário do Executivo da IC:

“O desenvolvimento na Rússia não nos dá, portanto, experiências de fundamental importância sobre como o proletariado está derrubando o moderno Estado capitalista, liberal, parlamentar, que existe há muitos e muitos anos e possui uma grande capacidade de defesa. [...] Devemos saber atacar e conquistar o Estado burguês moderno, um Estado que se defende ainda mais efetivamente através da luta armada do que a autocracia czarista, e que, além disso, se defende com a ajuda da mobilização ideológica e da educação derrotista do proletariado pela burguesia. Este problema na história do Partido Comunista Russo não se coloca”⁸⁵

Ao contrário do quadro que emergiria das referências enigmáticas de Gramsci, Trotsky não era de modo algum, nem mesmo no campo da doutrina militar, um “teórico ofensivo”. Respondendo a Frunze, no debate dentro do Exército Vermelho, Trotsky sublinhou assim o tipo de conexão existente entre o plano político e militar:

“Infelizmente não faltam entre nossos recêm-cunhados doutrinários aqueles ingênuos defensores da ofensiva que, sob a insígnia de uma teoria militar, procuram introduzir nos círculos de nosso exército as mesmas tendências ‘ultraesquerdistas’ unilaterais que já tiveram que se expressar no Terceiro Congresso da Internacional sob o disfarce da teoria ofensiva: considerando que (!) vivemos em uma época revolucionária, é justamente por esta razão (!) que o Partido Comunista deve implementar a política da ofensiva. Traduzir as concepções de ‘ultraesquerda’ para a linguagem da teoria militar é multiplicar seus erros”⁸⁶

Trotsky criticou as posições daqueles que fizeram da manobra ou da posição um princípio absoluto: “A vitória não pode ser alcançada sem uma ofensiva. Mas a vitória pertence a quem ataca quando é necessário atacar, e não a quem ataca primeiro”⁸⁷. Após o debate com os “teóricos ofensivos”, Trotsky desenvolveu suas posições precisamente sobre a provável distinção entre as futuras guerras civis entre as classes do Ocidente e do Oriente, sem qualquer “rudeza” e mantendo uma abordagem revolucionária. Para Trotsky, era altamente provável que no Ocidente o uso da guerra posicional fosse maior do que na Rússia:

“Em países altamente desenvolvidos, com grandes centros populacionais, com uma Guarda Branca já emoldurada militarmente, a guerra civil pode – e em muitos casos sem dúvida assumirá – um caráter muito menos dinâmico, muito mais rígido, ou seja, um caráter semelhante à guerra posicional”⁸⁸

A estas notas, Trotsky acrescentou que não se deve entender que a guerra entre classes no Ocidente poderia ser reduzida a uma



pura guerra de posições. Não existe tal esclarecimento nos Cadernos de Gramsci. Isto o tornou interpretável e forçado pela academia gramsciniana.

A respeito das críticas de Gramsci à teoria de Trotsky sobre a Revolução Permanente, assinalemos que toda a formação do comunista salvo após a fundação do PCdI, e em particular uma carta escrita por Gramsci em fevereiro de 1924, de Viena, sugerem uma excelente compreensão do debate que irrompeu na URSS após a morte de Lenin e também uma certa inclinação inicial para a perspectiva política de Trotsky⁸⁹, que foi abandonada rapidamente.

Como explicar, então, que nos Cadernos Gramsci critique a posição de Trotsky, fazendo dela uma caricatura que a assimile a um desejo de exportar a revolução napoleônica, ou seja, através de meios militares e burocráticos?

Não temos como entender se Gramsci havia mudado de posição e, de forma intelectualmente pouco clara, desfigurou a posição com a qual ele argumentava, ou se ele havia decidido se encobrir ou se a causa era outra. A verdadeira contradição parece estar em Gramsci e é fundamental ajustá-la ao seu gosto anos ou décadas depois.

A caracterização de Gramsci de Revolução Permanente como uma espécie de “teoria ofensiva” não tem fundamento. Gramsci atribui a Trotsky as posições dos “teóricos ofensivos” que animaram, especialmente no Terceiro Congresso Mundial da IC (1921), uma dura oposição de esquerda contra Lenin e Trotsky.

De fato, foram estes dois últimos que foram os primeiros a argumentar, dentro da IC, que o capitalismo havia entrado numa fase de relativa estabilização após os fracassos da onda revolucionária de 1917-1920 e que isto deveria implicar uma mudança tática, antes de tudo na Europa Ocidental, para conquistar pacientemente a maioria do proletariado

organizado. A tática da frente única serviu a este propósito e a oposição a ela não veio de algum suposto “marxista oriental”, mas precisamente de setores importantes dos jovens PCs da Europa ocidental⁹⁰, incluindo a Itália e incluindo o próprio Gramsci, que considerou esta escolha uma reaproximação de princípio com a social-democracia e, portanto, uma traição.

Na Alemanha, a discussão havia assumido um aspecto dramático em 1921 porque a aplicação da teoria da ofensiva, inspirada em Moscou por Bela Kun e Bukharin (então ainda à esquerda do partido), havia provocado a tragédia da “ação de março” quando, após a provocação do Ministro do Interior prussiano e social-democrata Hosing que ocupou militarmente as áreas de mineração da Alemanha central onde a KPD tinha alguns de seus bastiões, a liderança comunista entrou na ofensiva em uma ação insurrecional que expôs dezenas de milhares de comunistas à repressão impiedosa do Estado. Nesta ocasião, as críticas extremamente duras à passagem demasiado mecânica da guerra de posição para a guerra de movimento vieram de Lenin e Trotsky, que na Alemanha haviam manifestado abertamente seu apoio às posições da ala direita do partido, favoráveis à frente única e lideradas até março de 1921 por Paul Levi, que foi expulso da IC por causa da forma como ele havia se distanciado imediatamente e publicamente da “ação de março”⁹¹

Tudo isso, Gramsci sabia e não por rumores. Durante sua estadia em Moscou entre o verão de 1922 e novembro de 1923, foi o próprio Trotsky que discutiu intensamente com ele para provocar seu desprendimento da fração do Bordiga. Gramsci, embora ainda em bloco com a esquerda do partido⁹², foi de fato considerado um dos elementos sobre os quais se concentrar para superar o sectarismo da fase nascente do PCdI. Portanto, sente-se uma certa decepção ao comentar certas posturas rudes contidas nos Cadernos.

GRAMSCI HOJE

É necessário dar a Gramsci o que é de Gramsci, sem medo de destacar também seus erros. A tarefa é dificultada pela infinita literatura gramsciana, um verdadeiro cober-tor ideológico polimórfico que impede de reconhecer-lo como comunista. Os Cadernos se prestaram mais do que qualquer outra escrita à deformação de toda a figura de Gramsci, fortemente embalsamada em uma densa e toda coerente rede de lugares comuns reformistas e liberais.

Separar Gramsci do bando de especialistas que o incendeiam é um dever elementar para os marxistas revolucionários. Isso não deve nos impedir, em nenhuma circunstância, de ver os Cadernos pelo que eles são, mesmo quando sua desorganização se esforça para nos comunicar o sentido geral desse trabalho inacabado ou quando uma prosa que por vezes é muito indireta – o resultado do desejo de zombar da censura? De atrito? De regressão do pensamento? – indica uma reflexão não muito cristalina.

No entanto, será sempre útil ter em mente que Gramsci, concebendo durante seu exílio a ideia de uma história de intelectuais na Itália, buscou primeiro o conselho

de Amadeo Bordiga e propôs a ele uma discussão sistemática de seu trabalho. Mais do que muitas elucubrações sofisticadas, este episódio indica que Gramsci pretendia, com o trabalho dos Cadernos, contribuir para o desenvolvimento do marxismo como uma teoria revolucionária em seu campo preferido. Nesses termos, já em 1923, ele havia identificado uma lacuna na produção teórica do movimento operário na Itália:

*“Basta pensar: em mais de 30 anos de sua existência, o Partido Socialista não produziu um livro que estude a estrutura econômico-social da Itália. Não há livro que estude os partidos políticos italianos, seus vínculos de classe, seu significado”.*⁹³

Portanto, nada sugere que Gramsci quisesse “superar” Marx e Lenin, considerando-os demasiado estreitos para fazer as superestruturas ideológicas dependerem da estrutura econômica, o verdadeiro mantra dogmático de legiões de intelectuais pós ou ex (ou nunca) marxistas dos quais as últimas três ou quatro décadas foram regurgitantes.

Entretanto, é verdade que, após a crise da Revolução Russa e da Internacional Comunista, foi Trotsky quem desenvolveu o marxismo e o colocou à altura dos novos desafios. A partir daí, ainda hoje, as novas gerações de revolucionários terão que se formar em preparação para as batalhas iminentes que nos esperam.

Não atentos às sutilezas, especialmente se inerentes à história do movimento comunista internacional, os chamados gramscianos se lançaram como loucos às críticas à transposição mecânica no Ocidente da guerra do movimento adotada pelos bolcheviques no “Oriente” e fizeram dela um fetiche. O objetivo, afinal, é quebrar a ligação de Gramsci com Lenin e a Revolução de Outubro. Apresentar outubro de 1917 como um golpe de Estado vai na mesma direção. Tal ponto de vista, que é rude e reacionário, ignora o fato de que para os bolcheviques tomarem o poder era necessário ganhar hegemonia nos conselhos de trabalhadores, camponeses e soldados, órgãos de massa que em fevereiro de 1917 eram esmagadoramente liderados por reformistas.

Mas há também uma ignorância mais profunda na eliminação do fato de que os líderes bolcheviques foram quase todos treinados – mas não Stalin – em amplos horizontes culturais e de vida e não estavam nada relacionados ao conceito ambíguo de “Oriente”, conhecendo quatro ou cinco línguas, participando dos debates da então Internacional Socialista e em contato com o movimento operário da Alemanha, Inglaterra, França, Itália, Suíça, Estados Unidos etc., ou dos países para os quais haviam emigrado.

Além disso, o que indicavam os artigos de Lenin e Trotsky de 1922-23 sobre a importância do trabalho cultural não, para usar termos gramscianos, a identificação da necessidade de aprofundar a hegemonia do proletariado sobre as classes aliadas?⁹⁴

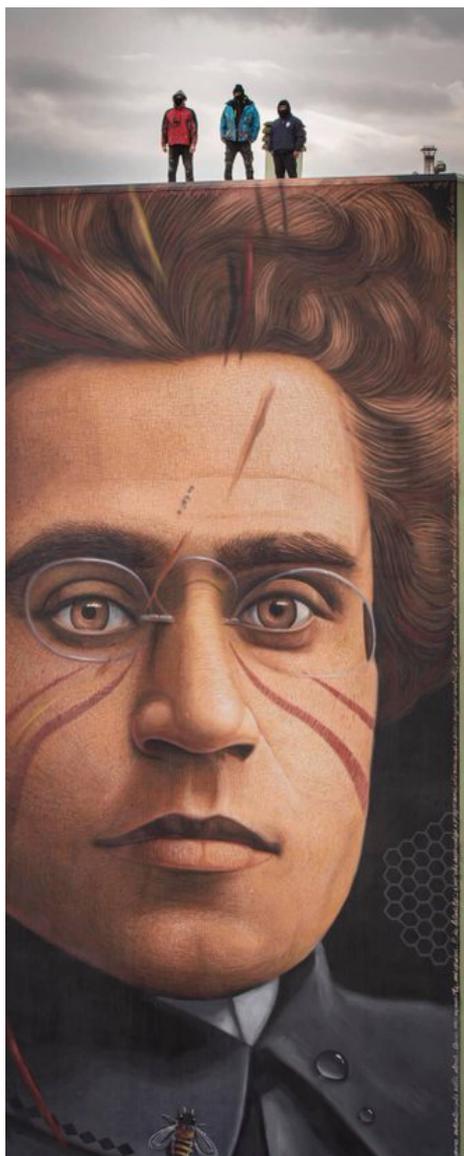
É grotesco que os “gramscianos”, em grande parte ignorantes da história do movimento comunista, acabem atribuindo como traço distintivo do “seu” Gramsci, um fino conhecedor dos complexos mecanismos – ai de mim não defini-los desta forma – da sociedade ocidental, um requinte que, na realidade, ele amadureceu na Internacional Comunista. De fato, durante alguns anos Gramsci pensou, juntamente a uma boa parte do PCI, que a IC era muito manobrável e não estava suficientemente ancorada nos princípios teóricos gerais e unificadores do marxismo.

Mas isto, para os “gramscianos” acadêmicos, é um livro fechado. Como o Gramsci comunista. O único que existiu. Aquele que Pietro Tresso lembrou na revista dos trotskistas franceses:

“Os camaradas que saíram da prisão também nos informaram que, há dois anos, Gramsci havia sido expulso do partido, uma expulsão que a liderança havia decidido manter escondida pelo menos até que Gramsci pudesse falar livremente. Isto foi para poder explorar a personalidade de Gramsci para seus próprios fins. Em todo caso, os burocratas stalinistas fizeram de tudo para enterrar Gramsci politicamente, antes que o regime de Mussolini fosse fisicamente bem sucedido.

Gramsci está morto, mas para o proletariado, para as jovens gerações que chegam à revolução através do inferno fascista, ele permanecerá sempre aquele que, durante os últimos 20 anos, melhor do que qualquer outro, encarnou os sofrimentos, as aspirações e a vontade dos pobres trabalhadores e camponeses da Itália. Ele continuará sendo um exemplo de retidão moral e honestidade intelectual absolutamente inconcebível para o clã stalinista de bajuladores cuja palavra de ordem é ‘sobreviver’.

*Gramsci morreu, mas depois de testemunhar a decomposição e morte do partido que ele havia ajudado poderosamente a construir, e depois de ouvir em seus ouvidos os tiros carregados por Stalin que derrubaram toda uma geração de velhos bolcheviques. Gramsci morreu, mas depois de saber que outros velhos bolcheviques, como Bukharin, Rikov e Rakovski, já estavam prontos para o abate. Gramsci morreu de ataque cardíaco, talvez não saibamos o que mais contribuiu para matá-lo: se os 11 anos de sofrimento nas prisões de Mussolini ou os tiros de pistola que Stalin havia disparado na nuca de Zinoviev, Kamenev, Smirnov, Piatakov e seus camaradas nas masmorras da Ghepeu Adeus Gramsci”.*⁹⁵



Notas:

[48] A este respeito, uma crítica penetrante da produção acadêmica contemporânea sobre Gramsci está em E. Saccarelli, *Gramsci e Trotsky, na Sombra do Stalinismo. The Political Theory and Practice of Opposition*, Routledge, Londres 2008, pp. 21-86.

[49] Citado em J. Buttigieg, *International Gramsci Society Newsletter*, março de 1993.

[50] “Como o admiravelmente sofisticado marxista ocidental (inocente do reducionismo de alguma ortodoxia vulgar não especificada), como o teórico hábil da superestrutura (já se inclinando para aquela virada cultural e linguística que define grandes seções da academia contemporânea), ou, talvez mais espantosamente, como ele próprio o incesto teórico de uma virada pós-marxista”, Saccarelli, *op. cit.*, p. 23.

[51] Cf. A. S. Sassoon, “From realism to creatividade: Gramsci, Blair and Us”, in A. Coddington e M. Perryman (a c. di), *The Moderniser’s Dilemma: Radical Politics in the Age of Blair*, Lawrence & Wishart, Londra, 1998, p. 160.

[52] “Nós lemos Gramsci da maneira que podemos ler, digamos, Michel Foucault”. Brennan identifica muito do que está errado com tal operação. Ela ignora a distinção de revolucionários, de intelectuais do partido como Gramsci”, Saccarelli, *op. cit.*, p. 25.

[53] A. Giardiello, “Operaismo. La disfatta di un’utopia letale”, *Falcemartello*, nº 1, 2015.

[54] A. Gramsci, Caderno 15, Nota de rodapé 10.

[55] Por Luigi Cadorna, um general italiano da Primeira Guerra Mundial, conhecido por lançar uma série de ofensivas frontais contra as sólidas linhas de defesa austríacas no Isonzo e Karst, que resultaram em fracassos sangrentos.

[56] A. Gramsci, Caderno 6, Nota 138.

[57] A. Gramsci, Caderno 7, Nota 16.

[58] “Dispositivo de proteção projetado pelo autor para neutralizar o perigo de sua crítica feroz ao Terceiro Período Stalinista”, Saccarelli, *op. cit.*, p. 83.

[59] “Flippant internationalist and an ultra-left adventurer”, *ibid.*, p. 82.

[60] G. Bergami, *Gramsci comunista critico*, Franco Angeli, Milão 1981, p. 76.

[61] De Nikolai Ivanovich Bukharin, um líder bolchevique que, após defender posições extremistas de esquerda nos primeiros anos após a Revolução de Outubro, havia se tornado o expoente principal da direita no partido e na Internacional.

[62] Em março de 1921, o Partido Comunista Alemão lançou uma tentativa imprudente de insurreição, conduzida em um momento desfavorável e sem o apoio necessário das massas.

[63] “Como o vilão”, Saccarelli, *op. cit.*, pp., p. 82.

[64] G. Bergami, *op. cit.*, p. 77.

[65] Cf. “Para alguns grupos sociais, que antes da ascensão à vida estatal independente não tiveram um longo período de desenvolvimento cultural e moral

próprio (como na sociedade medieval e nos governos absolutos foi possível pela existência jurídica de estados ou ordens privilegiadas), um período de estatolatria é necessário e até oportuno: esta ‘estatolatria’ não é nada mais que a forma normal de ‘vida estatal’, de iniciação, pelo menos, à vida estatal autônoma e à criação de uma ‘sociedade civil’ que não foi historicamente possível criar antes da ascensão à vida estatal independente. Entretanto, esta ‘estatolatria’ não deve ser abandonada a si mesma, não deve, especialmente, tornar-se um fanatismo teórico e ser concebida como “perpétua”: deve ser criticada, precisamente para que se desenvolva e produza novas formas de vida estatal, nas quais a iniciativa de indivíduos e grupos é “estatal” mesmo que não seja devido ao “governo de funcionários” (tornando a vida estatal “espontânea”); A. Gramsci, Caderno 8, Footnote 130. Sobre o mesmo tema, declinado na análise da ação individual, ver também A. Gramsci, Caderno 8, Nota 142.

[66] Além do já mencionado Saccarelli, cf. P. Anderson, *Ambiguità di Gramsci*, cit.; F. Benvenuti-S. Pons, “L’Unione Sovietica nei ‘Quaderni del carcere’”, em G. Vacca (ed.), *Gramsci e il Novecento*, Carocci, Roma 1999, pp. 108-109 e 119. Mais recentemente, uma tentativa cheia de forças para harmonizar Gramsci e Trotsky foi feita por J. Dal Maso, *El marxismo de Gramsci*, Ediciones IPS, Buenos Aires, 2016.

[67] Cf. E. Piacentini, “Con Gramsci in carcere”, teste. Coletado por P. Giannotti, em *Rinascita*, a. XXXI (1974), n. 42, p. 32; D. Gamba, “In prigionie con Gramsci. Storia di Ercole Piacentini combattente della libertà”, Pascal Editrice, 2005.

[68] Gramsci, em particular, havia compartilhado as críticas feitas em 1925 por Bukharin, defensor de um aprofundamento da NEP, da Teoria da Revolução Permanente. Siveda N. Bukharin, “The Theory of Permanent Revolution”, *Revisão Comunista*, a. V, n. 10, fevereiro 1925.

[69] Relatório de Athos Lisa escrito em Paris em nome de Togliatti em 22 de março de 1933, publicado originalmente em *Rinascita* em 12 de dezembro de 1964, está agora em A. Lisa, *Memórias. In carcere con Gramsci*, prefácio de U. Terracini, Feltrinelli, Milão 1973, p. 88.

[70] Cf. C. Riechers, *Gramsci e le ideologie del suo tempo*, Graphos, Genoa 1993; A. Peregalli (ed.), *Il comunismo sinistra e Gramsci*, Dedalo libri, Bari 1978. Peregalli (ed.), *Il comunismo di sinistra e Gramsci*, Dedalo libri, Bari 1978.

[71] L. Trotsky, *Escritos sobre a Itália*, Erre Emme, Roma, 1990, II ed. revista e ampliada, pp. 187-189.

[72] G. Fiori, *Vita di Antonio Gramsci*, Laterza, Bari 1966, p. 292.

[73] “A tendência de Leo Davidovi [Trotsky] estava ligada a este problema. Seu conteúdo essencial foi dado pela “vontade” de dar supremacia à indústria e aos métodos industriais, de acelerar por meios coercivos a disciplina e a ordem na produção, de adaptar os costumes às necessidades do trabalho.

Teria necessariamente florescido em uma forma de bonapartismo, por isso, foi necessário quebrá-lo inexoravelmente. Suas soluções práticas estavam erradas, mas suas preocupações estavam certas. Neste desequilíbrio entre a prática e a teoria, existe o perigo. Isto já havia se manifestado antes, em 1921. O princípio da coerção no mundo do trabalho estava certo (discurso proferido no volume sobre Terrorismo e pronunciado contra Martov), mas a forma que havia assumido estava errada: o “modelo” militar havia se tornado um preconceito funesto, os exércitos do trabalho falharam”, A. Gramsci, Caderno 4, nota de rodapé 52.

[74] V. I. Lenine, *Complete Works*, Editori Riuniti, Roma, vol. XVII, p. 215.

[75] R. Luxemburg, *Escritos Seleccionados*, Einaudi, Turim, p. 345.

[76] P. Anderson, *Ambiguities of Gramsci*, *op. cit.*, pp. 29-30.

[77] Cf. A. Gramsci, Caderno 1, Nota 44.

[78] Citado em P. Anderson, *Ambiguities of Gramsci*, *op. cit.*, p. 39.

[79] *Ibid.*, p. 43.

[80] N. Tamburrano, *Gramsci*, Sugarco, Milão 1977.

[81] V. Lenin, *Esquerdismo, a doença infantil do comunismo*, editorial AC, Milão 2003.

[82] A. Gramsci, Caderno 1, Nota 44.

[83] A. Gramsci, Caderno 13, Nota 44.

[84] A. Gramsci, Caderno 13, Nota 44.

[85] A. Bordiga, *Scritti scelti*, Feltrinelli, Milão 1975, pp. 190-191.

[86] L. Trotsky, *Escritos Militares*, Nova York, p. 47.

[87] *Ibid.*, p. 88.

[88] *Ibid.*, pp. 84-85.

[89] P. Togliatti (ed.), *La formazioone del gruppo dirigente del PCI nel 1923-1924*, cit., pp. 187-189.

[90] Deve-se ressaltar também que, na época, duas figuras como Korsch e Lukacs, que mais tarde se tornaram parte da elite do “marxismo ocidental”, se opuseram às táticas da frente única a partir de posições ultra-esquerdas e imbuídas de um profundo voluntarismo sobre “fazer como a Rússia fez”, sem ter realmente estudado em profundidade a dinâmica de outubro.

[91] A análise de Levi sobre a ação de março, traduzida para o inglês, está agora em P. Levi, *In the steps of Rosa Luxemburg*, ed. by David Fernbach, *Historical Materialism Books*, London 2011.

Em junho de 1922, por exemplo, Gramsci defendeu a posição crítica do Bordiga na frente única na segunda reunião do executivo ampliado da Terceira Internacional.

[93] A. Gramsci, *A Voz da Juventude*, 1-11-1923.

[94] Cf. L. Trotsky, *Revolution and Daily Life*, Savelli, Roma, 1972.

[95] Blasco [Pietro Tresso], “Un grandmilitant est mort... Gramsci”, *La luttedes classes*, no. 44, 14-5-1937.



OS BOLCHEVIQUES E A JUVENTUDE (PARTE 3)

Evandro Colzani



Após analisar o alvorecer do Partido Bolchevique, com seus jovens dirigentes, os embates da juventude contra a guerra imperialista de 1914 e o sacrifício e heroísmo daqueles que formaram o Exército Vermelho para defender a Revolução Russa de 1917, vamos acompanhar o trágico destino da geração que tombou nas mãos da camarilha burocrática que traiu a Revolução de Outubro. Contudo, também veremos como foram bravos os revolucionários que permaneceram fiéis aos seus princípios, analisaremos a riqueza histórica deixada para que possamos seguir o trabalho iniciado por eles.

Anteriormente, pudemos acompanhar as principais conclusões de Lenin acerca da juventude e entender como ele lidava com ela. Nesta terceira e última parte, nos debruçaremos sobre o trabalho de Leon Trotsky, revolucionário desde muito cedo, que lutou ombro a ombro com jovens trabalhadores que se alistaram no Exército Vermelho e que dedicou uma grande parte da sua vida para ganhar a juventude para as fileiras da revolução.

A JUVENTUDE CONTRA A BUROCRACIA

O triunfo do governo dos soviets em outubro de 1917 foi apenas o início da Revolução Russa. Os primeiros anos da revolução foram de grandes esperanças, havia um entusiasmo crescente na classe operária e na juventude que acompanhavam apaixonadamente os desdobramentos da luta de classes na arena mundial. O principal temor da burguesia a partir daquele momento era que esse processo se espalhasse pela Europa e pelo mundo. Para os bolcheviques, a vitória da classe operária na Alemanha, Polônia, Hungria, Itália, isto é, o triunfo da revolução em escala internacional era a esperança de salvação da nascente União Soviética. Em 1922, o proletariado soviético derrotou os Exércitos Brancos e saiu vitorioso da guerra civil. Se, por um lado, os trabalhadores puderam respirar aliviados pelo fim da guerra, por outro, se depararam com um país devastado. As jovens gerações que em um primeiro momento

se agarraram com todas as suas forças para defender a revolução da invasão branca, após a guerra se lançaram na árdua tarefa de reconstruir a nascente república soviética. Mas as condições econômicas em uma Rússia atrasada, arrasada pela guerra imperialista e afogada em uma guerra civil já resultaram no extremo cansaço da classe operária e consequentemente na degeneração que se manifestou com mais força nos anos posteriores. Entre março e abril de 1918, Lenin escreveu:

“O elemento da desorganização pequeno-burguesa (que terá de se manifestar em maior ou menor medida em cada revolução proletária e que na nossa própria revolução deve emergir com grande vigor dado o caráter pequeno-burguês do país, seu atraso e a consequências da guerra reacionária) também deve deixar sua marca nos soviéticos (...). Há uma tendência pequeno-burguesa que visa transformar os soviéticos em “parlamentares”, isto é, em burocratas”⁴¹

A produção industrial, apesar de apresentar um aumento de 46% em relação a 1921, era de apenas um quarto dos níveis pré-guerra. A população das cidades também sofreu uma queda considerável, sendo que Petrogrado havia perdido 57,5% de seus habitantes de 1917 a 1920 e Moscou, 44,5%.

Quatro anos após a revolução, a Rússia apresentava o paradoxo de um Estado operário, baseado em uma revolução proletária, mas que via, segundo Bukharin, a “desintegração do proletariado”². Se em 1919 havia 3 milhões de operários industriais, em 1920 não havia mais de 1,5 milhão e em 1921 esses números não passaram de 1,2 milhão. Os avanços da indústria pesada e estatal foram tímidos nesse período e os preços dos produtos industriais dispararam. As iniciativas da Nova Política Econômica (NEP) causaram uma queda relativa do nível de vida do proletariado industrial e geraram uma série de contradições que culminaram em greves dos operários.

Não é o objetivo deste artigo explicar cada detalhe dos problemas econômicos da nascente União Soviética no início dos anos 1920, há uma vasta bibliografia sobre o tema, mas é preciso compreender que esse é um dos elementos centrais no desenvolvimento e fortalecimento de uma casta de privilegiados. A partir da miséria que assolava o país, as condições objetivas para o florescimento do que há de pior em uma revolução foram criadas.

Além da questão econômica, há o fator político fundamental da luta de classes a nível mundial. A Revolução Alemã



Trotsky, Natália e Leon Sedov, em Alma Ata

iniciada em 1918 atingiu níveis dramáticos entre 1922 e 1923. A jovem geração russa recebia entusiasmada as notícias dos desdobramentos desse processo, entretanto, como explicou o historiador marxista Pierre Broué, a derrota sem luta dos comunistas alemães, condenou:

“(...) e desta vez por muito tempo - a revolução russa ao isolamento. A desilusão que ocorre, após a apresentação da vitória revolucionária como certa e imediata pelos líderes russos, representará um sério fardo sobre o moral, a confiança e a atividade dos militantes. Este sentimento geral vai ser um fator determinante no conflito, cuja explosão a vista de todos foi retardada pela espera ansiosa dos acontecimentos”³.

Junto com a desilusão e o abatimento, o isolamento da revolução em condições de atraso extremo resultou no aumento da desigualdade, da corrupção, da burocracia e do privilégio. Se a Revolução Alemã tivesse êxito, a situação na Rússia poderia ter sido completamente diferente. Com a ascensão da burocracia, os soviets progressivamente deixaram de ser um órgão de poder e o debate foi cerceado, iniciou-se o período de perseguições, execuções e exílios forçados.

Mas este desenvolvimento não aconteceu do dia para a noite e muito menos sem resistência. Como vimos, Lenin já havia identificado o surgimento da burocracia no seio do Partido Bolchevique ainda na guerra civil e nos anos subsequentes realizou um combate aberto a esta tendência. A partir de 1923, Lenin não conseguiu mais participar ativamente dos embates devido às complicações de sua saúde e, em 1924, veio a óbito. O principal enfrentamento à burocracia liderada inicialmente por Stalin, Kamenev e Zinoviev foi protagoni-

zado pela Oposição de Esquerda, criada em 1923. A Plataforma da Oposição deu início às lutas contra a burocracia e defendia os princípios leninistas da democracia operária e o internacionalismo revolucionário. Os membros da oposição se identificavam como bolcheviques-leninistas, mas eram chamados por seus inimigos pejorativamente de trotskistas.

A oposição logrou vitórias importantes no início de sua existência, conquistando a maioria das células de Moscou, incluindo a maioria das células do Exército Vermelho, todavia, com os métodos burocráticos já em vigor, essa vitória importante resultou em apenas três delegados para o congresso do partido de 1923.

Em outubro de 1924 surge a linha partidária e doutrina do “socialismo em um só país”, a justificativa teórica da contrarrevolução. No mesmo ano, a oposição deixou de existir formalmente e só retomou suas atividades em 1926, com uma série de novos problemas econômicos assolando o país.

Trotsky tentou dialogar diretamente com os operários, seu objetivo era se basear na classe trabalhadora. Mas o desânimo e a apatia reinavam entre eles. Essa situação se agravou ainda mais em 1927, com a derrota da Revolução Chinesa, que contribuiu novamente para a desilusão e desorientação dos trabalhadores enquanto os burocratas se tornavam mais confiantes e insolentes.

Na prática, Trotsky e os demais membros da Oposição de Esquerda ganharam em maior quantidade a camada mais jovem da nascente União Soviética:

“Com relação à idade, os membros da oposição eram jovens e mesmo muito jovens; 85% tinham menos de 35 anos de idade [...]. Em Kharkov, de 259 membros excluídos em 1927, havia 196 trabalhadores, 70% dos quais com menos de 30 anos, 38% com menos de 25”⁴

Pierre Broué apresenta o perfil dessa juventude em “Los Trotskistas en la URSS (1929-1938)”:

“O grosso da Oposição e de seus quadros de 1930 estava formado por homens e mulheres ainda jovens, a geração de 1917. Em sua maioria estas pessoas eram operárias, estudantes secundaristas, quando aderiram ao partido nesse ano de 1917 e combateram nos anos da guerra civil como soldados ou como comissários políticos. Estes jovens - a flor e a nata do partido bolchevique - reencontraram-se depois de 1920 nas faculdades operárias e foram os quadros desta juventude estudantil-operária que nutriram o grosso da Oposição

de 1923. Alguns deles estiveram entre os mais brilhantes e melhores alunos deste Instituto de Professores Vermelhos, cujo objetivo era o de reunir a elite dos jovens quadros bolcheviques, a fim de formá-los em todos os domínios da investigação política e social. Eram, no fundo, muito representativos desta camada social original nascida da revolução de Outubro, a “intelectualidade operária” muito conhecedora da técnica e da construção econômica, ao mesmo tempo em que apaixonadamente a serviço da revolução mundial.”⁵

Mas, ainda assim, entre esses jovens, havia uma camada da classe operária que tinha energias para lutar junta da oposição:

*“Estamos falando, portanto, de um movimento da juventude proletária. Os jovens que lutam nas fileiras da Oposição são aqueles que eram adolescentes, inclusive crianças, na época da revolução, cuja maré ainda os conduzia: a parte mais dinâmica da sociedade, seu futuro; o resultado profundo, a pegada mais duradoura da revolução”*⁶

Com o triunfo da camarilha burocrática, o Partido Bolchevique se converteu em uma parte do aparato do Estado. Em sua cabeça, estava Josef Stalin, o coveiro da revolução, como bem disse Trotsky. O fim dos anos 1920 e início dos 30 é marcado pelo fim da democracia interna no partido, o início da perseguição, exílio e extermínio físico dos opositores. A burocracia realizava zigue zagues políticos e levava a classe operária a nível mundial, principalmente sob a orientação da Internacional Comunista burocratizada, a derrotas contínuas na China, Alemanha, Espanha etc.

A GERAÇÃO DE 1917

Para dar um exemplo da qualidade dessa camada juvenil que atuou na Oposição de Esquerda, podemos resumidamente falar de Ivan Smirnov, três anos mais novo que Trotsky, jovem ferroviário que tinha apenas 18 anos quando conheceu o Partido Operário Socialdemocrata Russo (POS DR). Preso e, em seguida, exilado pelo regime czarista, Ivan atuou durante dois anos como militante profissional em uma fábrica com 10 mil operários. Com o estouro da guerra imperialista foi convocado em 1915, mas dentro das fileiras do Exército conseguiu construir uma organização bolchevique clandestina com 400 soldados. Foi membro do V Exército, um importante destacamento do Exército Vermelho, durante a guerra civil. Com pouco mais de 35 anos, participou junto de Larissa Reissner e Trot-

sky na defesa Sviiajsk e da retomada de Kazan, um dos episódios cruciais da revolução que garantiu a sobrevivência do Estado soviético em seu nascimento. Ivan Smirnov foi um destacado dirigente da Oposição de Esquerda na Rússia, mesmo após o exílio de Trotsky em 1929. Em 1934 foi preso pela NKVD (que depois se tornará a KGB), sob a falsa acusação de planejar o assassinato de Stalin. Com o início do Grande Expurgo e dos Processos de Moscou (1936-1938), Smirnov foi acusado de organizar um centro trotskista conspiratório subversivo e fuzilado em 1937. Não foram apenas alguns, mas milhares de “Smirnovs” que conheceram o marxismo na sua juventude, que eram capazes de dialogar, mobilizar e organizar os operários, que influenciavam sozinho centenas e até milhares de trabalhadores, camponeses e soldados, que o stalinismo exterminou:

“Da geração mais velha cujas fileiras nos juntamos no final do século passado no caminho para a revolução, todos, sem exceção, foram varridos de cena. Aquilo que as prisões czaristas de trabalhos forçados e exilados severos, as durezas da emigração, a guerra civil e as doenças não conseguiram realizar, nos últimos anos foi conseguido por Stalin, o pior flagelo da revolução. Após a destruição da geração anterior, o melhor setor da geração seguinte,

isto é, a geração que despertou em 1917 e que recebeu seu treinamento nos 24 exércitos da frente revolucionária, foi igualmente destruída. Também esmagado sob os pés e completamente obliterado estava a melhor parte da juventude, os contemporâneos de Leon [Sedov].”⁸

A luta contra o “trotskismo”, isto é, contra a Oposição de Esquerda, constituiu uma etapa decisiva no desenvolvimento e instauração do totalitarismo stalinista e foi contra os bolcheviques-leninistas, jovens e adultos, que se desenvolveu o sistema do aparato policial da GPU e dos Gulags⁷. Quando Trotsky fala da melhor parte da juventude, os contemporâneos de Leon Sedov, seu filho, assassinados pelo stalinismo, ele está se referindo a toda a geração que ainda muito nova testemunhou ou atuou diretamente na Revolução de Outubro.

Lev Lvovich Sedov, filho de Leon Trotsky, nasceu em 1906, enquanto seu pai estava preso após ter dirigido o Soviete de Petrogrado durante a Revolução de 1905. Sedov tinha apenas 11 anos quando os trabalhadores tomaram o poder na Rússia, participou das incontáveis manifestações que ocorreram em 1917, brigou na escola por questões políticas, “inclusive com o filho de Kerensky. Aparentemente, as brigas ocorriam diariamente. Visitou seu pai na prisão após



Membros da Komsomol na Fábrica de Seda Sverdlov, 1920. Diretório de arquivo principal de Moscou (Glavarkhivlma Ata)

a caça às bruxas de julho contra os bolcheviques. Nessa base seu futuro tomou forma⁹. Logo começou a participar da União da Juventude Comunista (Komsomol), criada em 1918.

Quando os debates acerca da burocratização da União Soviética iniciaram, Leon Sedov se juntou à Oposição de Esquerda, combateu pelo internacionalismo e na defesa da democracia operária. A partir do momento em que a camarilha burocrática tratou de aparelhar a Komsomol e suprimir a possibilidade de um debate crítico em seu seio, Sedov continuou o combate nos terrenos em que eram possíveis trabalhar. Esteve intimamente ligado a Trotsky, não por conta das relações sanguíneas, mas pela sua atuação política.

No período em que Trotsky ainda estava na Rússia, mas sob forte vigilância da polícia secreta de Stalin, Sedov ficou responsável por romper esse isolamento. Entre abril e outubro de 1928, ele conseguiu fazer chegar a Trotsky “aproximadamente mil cartas e documentos políticos e cerca de 700 telegramas”. Nesse mesmo período, foram enviados “550 telegramas e nada menos que 800 cartas políticas, incluindo uma série de obras substanciais, como a *Crítica ao Projeto de Programa da Comintern*, entre outras.”¹⁰ Trotsky ainda acrescenta que sem o seu filho, ele não teria realizado nem a metade de seu trabalho. A relação de Sedov com a Oposição de Esquerda era tão estreita que Trotsky, em certos momentos, enxergava seu filho como alguém da geração dos “velhos”.

Sedov também contribuiu com artigos para os boletins da Oposição, analisando a situação política e econômica da URSS, denunciando as ações da burocracia etc. Em “A vida da oposição russa exilada e presa” (tradução livre), por exemplo, documento assinado sob o pseudônimo de N. Markin, Sedov denuncia o aumento da repressão que sofriram os opositores em 1929:

“No início de 1929 a GPU saqueou ferozmente as organizações de oposição em toda a União Soviética. Simultaneamente, a repressão não só aumentou em quantidade, mas também alcançou uma nova qualidade: a criação de Solitárias; privando os deportados de seu trabalho, transferindo-os para locais insalubres, reduzindo sua manutenção pela metade; a expulsão do camarada Trotsky; provocação geral e assim por diante.”¹¹

Esse jovem revolucionário, que Trotsky chamaria de “nosso ministro de assuntos externos, ministro da polícia e ministro das comunicações”, foi a ligação entre a Oposição de Esquerda que



atuava na União Soviética e a Oposição de Esquerda Internacional. Sedov ajudou Trotsky fornecendo livros, documentos e traduções.

Em 1936, publicou “O livro vermelho sobre os Processos de Moscou”, sua principal obra literária, que trata do Julgamento dos 16, entre eles Zinoviev, Kamenev, Smirnov etc. Nele, Sedov denuncia a crescente desigualdade na União Soviética (onde um trabalhador ganhava 100 rublos, enquanto um burocrata ganhava 810.000), os retrocessos impostos pelo stalinismo, como a reintrodução das condecorações e títulos, fim do direito ao aborto, adoção do modelo czarista de ensino etc. Mas o centro da obra de Sedov é explicar por que e como Stalin se utilizou dos julgamentos para exterminar fisicamente aqueles que se opunham à burocracia, sobretudo a Oposição de Esquerda. Na introdução evidencia que o objetivo de sua análise é mostrar que o “crime de Stalin (...) é um dos maiores da história moderna.”

Quando Trotsky teve contato com a obra de Sedov, logo percebeu a qualidade do conteúdo que seu filho produzira e foi com entusiasmo que expressou a importância do que estava lendo:

“Fiquei completamente absorto a partir do momento em que o autor realizou uma análise independente do julgamento. Cada capítulo seguinte parecia-me melhor do que o anterior. ‘Bom garoto, Levusytka!’, minha esposa e eu dissemos, ‘temos um defensor!’.

“Leon escrevia da mesma maneira como realizava suas outras funções, isto é, conscientemente, estudando, refletindo, verificando. A vaidade lhe é estranha. Ele não cai nas armadilhas das declarações vazias, puramente agitativas. Ao mesmo tempo, cada linha que ele escreveu brilha com uma chama viva, cuja fonte foi seu temperamento revolucionário.”¹²

Infelizmente, Sedov morreu jovem, e como muitos de sua geração, foi uma vítima direta do stalinismo. Em fevereiro de 1938, sofrendo dores abdominais, ele foi levado por a uma clínica russa em Paris e de lá saiu sem vida. Descobriu-se depois que o hospital em que Sedov foi internado era de propriedade do Dr. Boris Girmounski, que servira anteriormente na polícia secreta russa. Zbo-

rowski, que havia trabalhado na famosa Sociedade para a Repatriação de Emigrados Russos, também era agente da GPU desde 1934, como confessou depois da Segunda Guerra Mundial.

Em “Leon Sedov, filho, amigo, lutador”, obituário feito por Trotsky, o revolucionário não apenas se despede de seu filho, como faz um pedido aos jovens revolucionários de todo o mundo:

“Adeus, Leon. Legamos tua memória irretocável às gerações mais jovens dos trabalhadores do mundo. Com justiça, viverás nos corações de todos aqueles que trabalham, sofrem e lutam por um mundo melhor. Jovens revolucionários de todos os países, aceitai de nós a lembrança de nosso Leon, adotai-o como vosso filho – é digno disso – e deixai que, a partir de agora, participe invisível de vossas batalhas, visto que o destino lhe negou a felicidade de participar de vossa vitória final!”¹³

A IMPORTÂNCIA DA JUVENTUDE

Durante os anos 1930, Trotsky concebeu uma série de entrevistas e produziu artigos que explicavam a degeneração da União Soviética, a ascensão do fascismo, os crimes da burocracia e uma infinidade de outros temas, entre eles, o lugar da juventude na luta revolucionária. Uma entrevista importante realizada por estudantes de Copenhague, em novembro 1932, é relatada em “Sobre os estudantes e os intelectuais”. Quando questionado sobre o papel dos estudantes no movimento revolucionário, Trotsky respondeu:

“O estudante revolucionário só pode contribuir se, em primeiro lugar, vive um processo de autoeducação revolucionária rigorosa e coerente e, em segundo lugar, se é capaz de conectar-se ao movimento operário revolucionário quando ainda é estudante.”¹⁴

São dois os aspectos essenciais que o revolucionário russo irá defender ao longo de sua trajetória quando o assunto é a relação entre a juventude e a revolução. O primeiro ponto é semelhante ao que analisamos a partir da literatura de Lenin*, isto é, a importância do aprendiza-





Membros da Komsomol na Praça Vermelha, em Moscou

do. Lenin e Trotsky dialogaram diretamente com as jovens gerações que estavam desesperando para a vida política logo após o trínfo da Revolução de Outubro. Em 1922, durante o 5º Congresso Russo da Liga da Juventude Comunista Russa, Trotsky fez um discurso muito semelhante com aquele apresentado por Lenin dois anos antes. Essa camada da juventude tinha, naquele momento, a tarefa de se preparar para assumir a direção do primeiro Estado Operário da história:

“Antes de tudo, camaradas” afirma Trotsky, “nós precisamos aprender, antes de tudo, aprender” e explica que “como a luta será longa, até a vitória da classe trabalhadora mundial, então temos que aprender não de maneira precipitada, mas seriamente e por muito tempo. (...) Essa luta que temos pela frente é extremamente difícil.”¹⁵

Mas há uma mudança de seu discurso da década de 1930. Isso porque as tarefas das jovens gerações daquele período eram distintas, eram jovens que tinham que lutar novamente para construir um partido revolucionário, lutar contra uma casta burocrática e a degeneração da Rússia soviética. A diferença no discurso de Trotsky está justamente no conteúdo desse aprendizado, mais voltado para a atividade política:

“Ele tem que entender que vai para o movimento operário para aprender e não para ensinar. Ele tem que aprender a se subordinar e fazer o trabalho que lhe é exigido, não o que ele quer fazer. Por sua vez, o movimento operário deve considerá-lo com o maior ceticismo. O jovem acadêmico tem que ‘saber seus limites’, no início, por três, quatro ou cinco anos, e fazer uma tarefa partidária ordinária. Então, quando os trabalhadores já tiverem confiança nele e estiverem completamente certo de que ele não é um oportunista, ele pode subir, mas devagar, muito devagar. Quando ele trabalha dessa forma com o movimento operário, quando ele esquece que é um acadêmico, as diferenças sociais desaparecem.”¹⁶

A conclusão deste trecho evidência a segunda característica importante que podemos perceber com frequência em seus escritos mais próximos deste período. Eles tratam da necessidade da juventude de aprender com o operário, aprender a ver o mundo com os olhos da classe trabalhadora, para que o estudante esqueça que é um estudante e assim as diferenças sociais entre esse estrato heterogêneo e a classe operária desaparecem.

Os jovens, segundo Trotsky, são mais radicais e exigem soluções radicais para seus problemas, porém, justamente por serem jovens é que precisam deixar a arrogância de lado e lembrar constantemente da necessidade de aprender com a teoria marxista e com a experiência do proletariado. É desta forma que um jovem hoje pode se tornar um quadro dirigente do movimento operário amanhã.

O fim da década de 1930 ficou marcada pelo extermínio físico da maioria dos dirigentes e revolucionários que participaram diretamente da Revolução Russa de 1917. Stalin precisava apagar da memória o que era ser de fato um comunista e qualquer tipo de oposição para consolidar a sua ditadura totalitária. Trotsky faz uma analogia com alguém que rema contra a corrente para explicar os desafios deste período:

“Nossa situação atual é incomparavelmente mais difícil do que a de qualquer organização em qualquer outra época, porque estamos testemunhando a terrível traição da Internacional Comunista, que surgiu da traição da Segunda Internacional. A degeneração da Terceira Internacional ocorreu tão rápida e inesperadamente que a mesma geração que assistiu à sua formação agora nos ouve e exclama: ‘Mas já ouvimos isso uma vez!’ Depois, há a derrota da Oposição de Esquerda na Rússia.”¹⁷

Uma enorme camada de soldados, camponeses, trabalhadores, revolucionários que lutaram na guerra imperialista, que combateram a repressão czaristas, que enfrentaram o exílio na Sibéria, a fome e arriscaram

tudo na guerra civil não suportaram o peso das derrotas das revoluções externas e a degeneração do regime soviético. Em 1940, Trotsky foi assassinado a mando de Stalin e as traições, as derrotas e retrocessos pesaram muito sobre os ombros das gerações que viram seus sonhos e esperanças destruídos.

A derrota da Revolução Espanhola (1936-39) eliminou o último obstáculo para que a burguesia pudesse entrar em uma nova guerra imperialista que massacrava milhares de trabalhadores e a burocracia jogou um papel criminoso na guerra. Foram anos difíceis para a luta contra a burocracia, principalmente dentro da União Soviética. A vitória dos trabalhadores soviéticos sobre o nazismo alemão contribuiu ainda mais para a “calmaria” interna, dando uma enorme autoridade ao regime.

No entanto, alguns anos depois, em junho de 1953, uma greve contra a introdução de novas normas de trabalho em Berlim Oriental resultou na primeira ofensiva das massas contra o regime stalinista. O movimento se espalhou pela Europa Oriental, restabeleceu soviets de operários e só encerrou após o Exército Vermelho, com seus tanques, restaurar a “ordem” em Berlim. Apesar da derrota, o recado foi dado: era possível lutar.

As mobilizações de Berlim repercutiram por toda a Rússia e em julho do mesmo ano os prisioneiros dos campos de Vorkuta, um dos principais Gulags, deram início ao que ficou conhecido como o primeiro movimento de massas dentro da União Soviética que se formou desde o triunfo de Stalin sobre a oposição. As agitações em Vorkuta iniciaram com a notícia da morte de Stalin, mas o estopim foi chegada das notícias de Berlim. Em 21 de julho, cerca de 10 mil trabalhadores – alguns testemunhos falam de 30 mil – deram início ao movimento que durou oito dias, encerrado após a intervenção das forças de segurança. Segundo relatos, cerca de 110 dos manifestantes foram mortos e 7 mil detidos, entre eles, todos os membros do comitê de greve formado por antigos dirigentes bol-



Membros da Oposição de Esquerda

cheviques. Mesmo com um movimento de curta duração, os impactos foram enormes e contribuíram com a decisão de dissolução dos campos de trabalhos forçados.

Apenas três anos após a morte de Stalin, um novo processo eclodiu na União Soviética forçando a burocracia a denunciar os crimes do ditador para aliviar a pressão e manter os burocratas no poder. Novamente, é a juventude a camada mais radicalizada e que participa em peso:

“Na Europa Oriental - o setor mais fraco do mundo soviético -, a desestalinização se tornaria um movimento revolucionário: a queda da estátua de Stalin, derrubada pelos jovens trabalhadores e estudantes de Budapeste em 1956, ocorre poucos meses após as revelações de Khrushchev no 20º Congresso e precede a remoção do cadáver de Stalin do mausoléu da Praça Vermelha em cinco anos.

(...) Começando em 1953, eventos no mundo soviético, desde a greve forçada de Vorkuta, a greve dos trabalhadores de Berlim Oriental em 18 de junho e a insurreição da Alemanha Oriental até a “Primavera de Outubro” da Polônia e a revolução dos conselhos de trabalhadores húngaros

de 1956, através o surgimento do pensamento crítico na jovem geração comunista tcheca, russa, alemã e chinesa, constituem diferentes manifestações de um mesmo fenômeno profundo, uma desestalinização real e revolucionária que revela a verdadeira face da sociedade e da burocracia dominante em busca de sérios e explicações científicas, de um verdadeiro socialismo, finalmente lançando as bases de um programa revolucionário. A vingança da história aqui assume uma forma particularmente reconfortante: após trinta anos de governo de Stalin, jovens comunistas que nunca conheceram agora redescobrem, às vezes palavra por palavra, o pensamento revolucionário e a ação dos bolcheviques da Revolução e da oposição.”⁸

A juventude é uma peça fundamental na luta do proletariado para a construção de seu partido e tomada do poder. Ela não possui amarras e rapidamente pode se colocar em movimento contestando presidentes, ditadores e regimes. Ela pode reanimar velhos quadros, trabalhadores desanimados e com isso resgatar tradições operárias desconhecidas pelos próprios jovens. Lenin, Trotsky e os principais quadros bolcheviques

viram esse potencial da juventude e sempre contaram com a sua força para organizar os combates e construir seu partido. Eles sabiam da importância da aproximação dos jovens e dos operários, da educação revolucionária, do estudo do marxismo. O fato é que eles enxergavam a aproximação dos revolucionários com a juventude como um fator de força daqueles que buscavam lutar pela revolução. Não é por acaso que Trotsky afirma no “Programa de Transição” que:

“[...] Mesmo entre os operários que estiveram antes nas primeiras filas existe atualmente um bom número que está fatigado e decepcionado. Ficarão, ao menos no próximo período, afastados. Quando se gasta um programa ou uma organização, gasta-se a geração que os carregou sobre seus ombros. A renovação do movimento faz-se pela juventude, livre de toda responsabilidade pelo passado. A IV Internacional dá uma excepcional atenção à jovem geração do proletariado. Por toda sua política ela se esforça em inspirar à juventude confiança em suas próprias forças e em seu futuro. Apenas o fresco entusiasmo e o espírito ofensivo da juventude podem assegurar os primeiros sucessos na luta; apenas esses sucessos podem fazer voltar ao caminho da revolução os melhores elementos da velha geração. Sempre foi assim. Continuará sendo assim.”

Estas breves linhas são dedicadas aos jovens que buscam se formar como quadros revolucionários, àqueles que acima de tudo devem estar convencidos da importância de aprender com a história, com a ciência, com a literatura, com a teoria marxista, com a classe operária, com a ação revolucionária cotidiana... aprender, aprender, aprender.

Notas e referências:

* Na primeira parte deste artigo, publicada na América Socialista nº14, analisamos o discurso de Lenin de 1923 chamado “As tarefas revolucionárias da juventude” no qual ele explica, entre outras coisas, a importância da juventude se dedicar ao aprendizado da ciência, da cultura e da teoria marxista.

1 BROUÉ apud Vladimir I. Lenin. El Partido Bolchevique. Disponível em <https://www.marxists.org/espanol/broue/1962/partido_bolchevique.htm>. Acesso em: 22 mar. 2021.

2 Ibid.

3 Ibid.

4 WOODS apud Pierre Broué. Comunistas contra Stalin: o massacre de uma geração. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/comunistas-contrastalin-o-massacre-de-uma-geracao/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

5 BROUÉ, Pierre. Os trotskistas na União Soviética (1929-1938). Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/os-trotskistas-na-uniao-sovietica-1929-1938/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

6 WOODS apud Pierre Broué. Comunistas contra Stalin: o massacre de uma geração. Dispo-

nível em: <<https://www.marxismo.org.br/comunistas-contrastalin-o-massacre-de-uma-geracao/>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

7 Acrônimo em russo para o nome oficial do sistema, Glavnoye Upravleniye Ispravitelno-trudovyykh Lagerey, ou Administração Central dos Campos, que eram campos de trabalho forçado usados pela burocracia para massacrar seus opositores.

8 TROTSKY, Leon. Leon Sedov: Son, Friend, Fighter. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/obits/sedobit.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

9 SEWELL, Rob. Leon Sedov – 70 anos de sua morte. Disponível em: <<https://www.marxismo.org.br/leon-sedov-70-anos-de-sua-morte/>>. Acesso em: 24 mar 2021.

10 TROTSKY, Leon. Leon Sedov: Son, Friend, Fighter. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/obits/sedobit.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

11 SEDOV, Leon. The Life of the Exiled and Imprisoned Russian Opposition. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/writers/sedov/1930/12/exiled.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

12 TROTSKY, Leon. Leon Sedov: Son, Friend, Fighter. Disponível em: <<https://www.marxists.org/history/etol/document/obits/sedobit.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2021.

13 Ibid.

14 TROTSKY, Leon. Sobre los estudiantes y los intelectuales. Disponível em: <<https://ceip.org.ar/Sobre-los-estudiantes-y-los-intelectuales>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

15 TROTSKY, Leon. The Position of the Republic and the Tasks of Young Workers. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/trotsky/1922/youth/youth.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2021

16 TROTSKY, Leon. Sobre los estudiantes y los intelectuales. Disponível em: <<https://ceip.org.ar/Sobre-los-estudiantes-y-los-intelectuales>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

17 TROTSKY, Leon. Luchando contra la corriente. Disponível em: <<https://ceip.org.ar/Luchando-contrala-corriente>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

18 BROUÉ apud Vladimir I. Lenin. El Partido Bolchevique. Disponível em <https://www.marxists.org/espanol/broue/1962/partido_bolchevique.htm>. Acesso em: 13 ago. 2021.

DANTE ALIGHIERI: UM MILITANTE PARTIDÁRIO, UM GÊNIO DAS LETRAS

Maritania Camargo



Em 2021 o mundo relembra vida e obra de Dante Alighieri, o maior poeta italiano e, para muitos, o maior poeta de todos os tempos. Em 13 ou 14 de setembro são setecentos anos da morte de Dante no exílio, em Ravena.

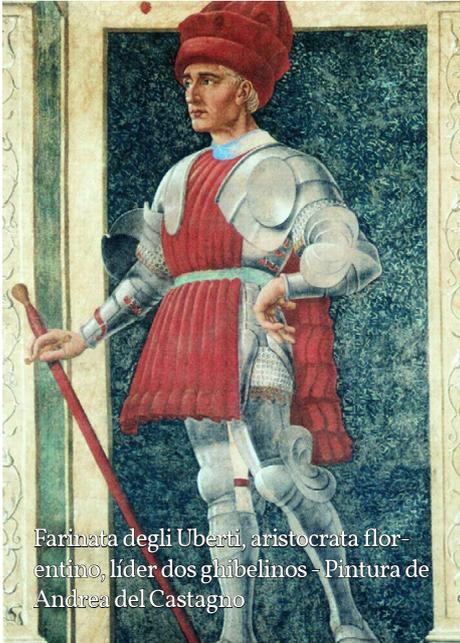
É a partir do texto de Dante, por exemplo, que muitas das imagens do que supostamente seria o Inferno, o Purgatório e o Paraíso são consagradas e chegam até nós. Portanto, é possível afirmar que Dante está no imaginário popular da humanidade, até para o mais humilde dos homens. Dante esculpe milhares de imagens envolvidas em um gigantesco enredo de seu passado, de seu presente e que são reordenadas, refeitas, redesenhadas através dos séculos.

Nos anos de participação partidária no corpo da comuna de Florença, Dante foi partidário dos Guelfos, na cidade dividida em dois partidos, os Guelfos e os Ghibelinos.

“... e assim também nossa cidade ficou dividida, como a Itália toda, durante muito tempo, em Guelfos e Ghibelinos.” (Maquiavel, em História de Florença)

Na sequência desse trecho, Maquiavel coloca toda a divisão da cidade, lista as poderosas famílias que governavam a cidade e o alinhamento político de cada uma. Maquiavel usa como fonte o Paraíso de Dante:

“Os que Seguiram o partido Guelfo foram os Buondelmonti, Nerli, Frescobaldi, Mozzi, Bardi, Pulci, Gherardini, Foraboschi, Bagnesi, Guidalotti, Sacchetti, Manieri, Lucardesi, Chiaramontesi, Importuni, Bostichi, TimahiSuizi, Timahi, Aduci, Timahi, Vecri Secti, , Visdomini, Donati, Pazzi, della Bella, Ardinghi, Tebaldi, Cerchi. Do lado dos Ghibelinos estavam Uberti, Manegli, Ubriachi, Fifanti, Amidei, Muddy, Malespini, Scolari, Guidi, Galli, Cappiardi, Lamberti, Soldanieri, Cipriani, Toschi, Amieri, Palermini, Migliorelli, Pigli, Barucci, Cattani Brunelles, Agchi, Caposacchi, Elisei, Abati, Tedaldini, Giuo-



Farinata degli Uberti, aristocrata florentino, líder dos ghibelinos - Pintura de Andrea del Castagno

chi, Galigai. Além disso, a ambas as facções Seguidas por essas famílias nobres se impressionam muitas famílias do povo, de modo corrompido por divisão”.

O escritor Alessandro Barbero conta, de memória, uma fábula da Florença do tempo de Dante, de autor desconhecido, relato aqui, também de memória:

Certa vez, em uma praça de Florença, dois cachorros começaram a brigar. Rapidamente o povo se reuniu em torno da rinha de cães, nomearam um como Guelfo e outro como Ghibelino e daí seguiram inúmeras apostas de quem seria o vencedor e levaria o outro à morte. O povo se posicionava e apostava, tamanha era a rivalidade entre os dois partidos.

Quando falamos de tomar partido, falamos também em combater em armas, de escolher um lado da trincheira. Dante combateu na linha de frente na batalha de Campaldino de armadura, a cavalo, no lado Guelfo.

“Entre esses cavaleiros, e de fato entre os “feditori” alinhados na primeira linha, estava Dante. Isso está escrito em todos os manuais de literatura, mas como sabemos? O primeiro a contá-lo é o humanista Leonardo Bruni, que em 1436, já idoso, escreveu a Vida de Dante. A memória de Campaldino



Brasão dos Guelfos e dos Ghibelinos

ainda estava viva, pois aquele dia havia contribuído de forma decisiva para a hegemonia de Florença na Toscana.” (Alessandro Barbero em Dante – tradução livre)

Anos depois, internamente, Dante fez parte da tendência branca dos Guelfos, o que o levaria ao exílio. O poeta militou, tomou partido, esteve à frente de todos os grandes embates de seu tempo. Foi um estudioso dos grandes clássicos, Homero, Ovídio, Horácio, Luciano, Virgílio, Aristóteles, Ptolomeu, Sócrates, Platão, Tales, Hipócrato, Galeano, ou seja, um conhecimento clássico que abarcava todas as artes e ciências. Homem letrado e de desenvoltura pródiga na arte da palavra, da política, da teologia, da cavalaria e da guerra, como é possível observar no conjunto da sua obra. É com ele que aquilo que entendemos por língua italiana passou a ser amplamente conhecido, por isso o apelido “pai da língua italiana”. Boccaccio nos diz um pouco o que significou Dante para a língua italiana:

“Por ele a glória do idioma florentino foi mostrada. Por ele, toda a beleza da língua vulgar foi regulada de acordo com a regra dos números apropriados. Por ele, a poesia morta pode se dizer ressuscitada.”

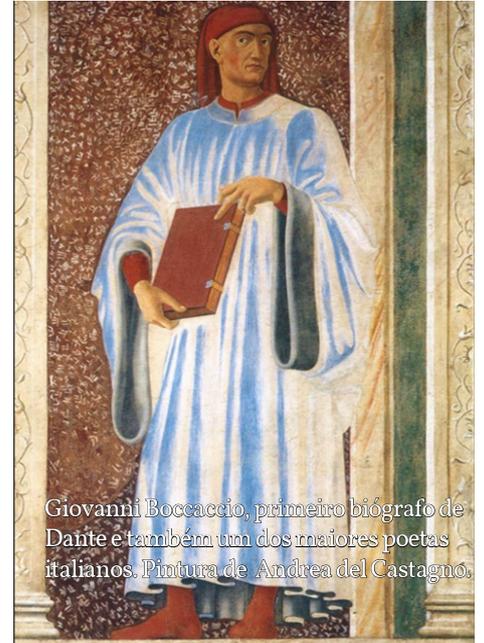
O Dante militante, partidário, não é uma imagem muito comum aos seus leitores, mas sem dúvida é de indispensável importância. Um homem extremamente envolvido em seu tempo. Quando se posicionou em uma das frações guelfas, foi exilado, condenado à morte, perseguido. No exílio continuou a militância partidária e, de alguma maneira, pode se dizer que organizou os exilados enquanto foi possível.

Tudo leva a crer que o início do exílio foi, também, o início, a sustentação da sua maior obra, “A Comédia”, levando a cabo o que disse Trotsky: “A sereia do paraíso canta após o pôr-do-sol, no momento exato em que levanta vôo o pássaro profeta, a coruja.”

Dante combateu na defesa de suas convicções até o último de seus dias, em armas, na tribuna ou com sua obra.

Aos marxistas cabe aprender com o que de melhor a humanidade produziu, neste sentido conhecer a obra de Dante e compreender o que leva um homem a cravar sua história através dos séculos é responsabilidade de todos aqueles que reivindicam do marxismo. Trotsky na Rússia revolucionária combateu firmemente para que todos os campos do conhecimento e da desenvoltura humana pudessem se desenvolver. É com essa ideia que todo o conhecimento deve ser um desejo. É com o conhecimento, com a formação, que nossa força militante se transforma em combate vivo.

Conhecer a obra de Dante, porém, não é uma tarefa fácil. Faço aqui uma peque-



Giovanni Boccaccio, primeiro biógrafo de Dante e também um dos maiores poetas italianos. Pintura de Andrea del Castagno

na analogia. Imaginemos o escalar de uma montanha, por vezes cansativo, difícil, no entanto, quando se está no topo da montanha e se pode desfrutar de toda aquela beleza, quando se vê o caminho percorrido e tudo o que se aprendeu, então, a recompensa é inominável. Assim é o resultado de conhecer a obra deste gigante da literatura, do filósofo, do militante político, do homem das letras - Dante Alighieri.

Dante nasceu em Florença em 1265, não se sabe ao certo em que mês ou dia, a imprecisão dos dados é comum em relação ao poeta, isto porque, a maior parte dos dados são retirados da própria obra do escritor, por meio de datas, nomes, cálculos de aproximação, o que dificulta a precisão. Por outro lado, a maior parte da obra de Alighieri é literária, ou seja, não são textos de lealdade histórica, mais que tudo, estão no campo da arte, como afirma o próprio poeta.

Vale registrar que vários foram os biógrafos ainda medievais que se dedicaram à biografia de Dante, mas aí também há diferenças, para se ter uma ideia do grau de dificuldade sobre os dados, Leonardo Bruni, o mais documental dos biógrafos de Dante na Idade Média, de alguma maneira, desqualifica Boccaccio como biógrafo:

“Pareceu-me, entretanto, examinando-a novamente no presente, que o nosso Boccaccio, homem extremamente doce e suave, escreveu a vida e os costumes de um poeta tão sublime como se escrevesse o Filocolo, o Filostrato ou a Fiammetta. Pois está toda cheia de amor, de suspiros e de lágrimas ardentes, como se o homem se encontrasse no mundo apenas para se encontrar naqueles dez dias amorosos que foram narrados por mulheres enamoradas e jovens graciosos nas Cem Novelas. E se inflama tanto nessas partes de amor, que deixa para trás e em silêncio as partes sérias e substanciais da vida de Dante, lembrando as coisas ligeiras e calando as sérias.”



Florim de 1340.

De todo modo, existe um grande acúmulo de informações, se comparado a qualquer outro homem contemporâneo do escritor. Aliás, como já citado, a obra de Dante foi usada não só para retomar a sua história, mas também a história do seu tempo, em especial da sua amada cidade, como em a "História de Florença", de Maquiavel, que utiliza da obra de Dante como fonte bibliográfica.

Dante, foi conhecido ainda em vida como um grande poeta:

"Já em 1321, as duas primeiras partes da "Comédia" encontravam-se transcritas e à disposição de leitores havia alguns anos, e Dante era aclamado em quase toda a Toscana como o maior poeta da região." (em Dante, de R.W.B. Lewis)

Além da obra monumental, A divina Comédia, o poeta nos deixou uma vasta produção, além de alguns textos que foram perdidos e outros contestados ao longo do tempo. Destacam-se da sua obra: Vida Nova, Da vulgar eloquência, A Monarquia, Convívio, canções e tratados.

DANTE, UM FLORENTINO DO SEU TEMPO

"Ah, quem dera fosse do agrado do arranjador do universo que a razão da minha justificativa nunca tivesse existido! Assim, nem outros teriam cometido uma falta contra mim, nem eu teria sofrido pena injustamente; pena, digo, de exílio e de pobreza. Depois de ter sido do agrado dos cidadãos da mais bela e famosa filha de Roma, Florença, me jogar para fora do seu doce seio - no qual nasci e fui nutrido até o ápice da minha vida e no qual, com a sua boa paz, desejo de todo o coração repousar o ânimo cansado e terminar o tempo que me é dado..." (Convívio - Tratado I)

A Florença de Dante é uma metrópole com cerca de 100 mil habitantes, onde aproximadamente 10% da população é alfabetizada, um êxito para época, uma comuna autônoma, ou seja, com toda sua estrutura econômica e jurídica independente. A cidade viveu nesse período uma grande expansão econômica, industrial, em especial de lã e tecidos finos, consequentemente o comércio e uma burguesia bancueira se desenvolviam. Florença, já nessa época, era conhecida por ter uma quantidade imensa de trabalhadores especializados. Em 1252, a cidade começou a cunhar o Florim, moeda em ouro de 24 quilates e 3,5 gramas, o mais alto padrão para a época, o Florim passou a ser a moeda mais forte de toda a Europa nos séculos XIII e XIV. No final do século XIII, a sua expansão é marcada pela remodelação da cidade projetada pelo arquiteto Arnolfo di Cambio, projeto que expandia em muito o perímetro da cidade. A Florença de Dante era o prelúdio do que seria a Florença de Leonardo, como nos explica Alan Woods:

"O novo espírito aparece não apenas nas artes visuais mas também na literatura. O avanço é personificado na figura colossal de Dante Alighieri (1265-1321), que pode ser visto como o último escritor da Idade Média e o primeiro escritor da nova era. Petrarca e Boccaccio foram, junto com Dante, as maiores figuras literárias desse período. No Decameron de Boccaccio, temos os germes do romance moderno." (Alan Woods em Leonardo Da Vinci: artista, pensador e revolucionário)

Os primeiros passos de estudo do escritor foram em Florença, aprendeu ler, escrever (latim) e contar ainda na infância, mas acredita-se que tenha ido à universidade de Bolonha.

Apesar da grandeza, Florença ainda não era o palco da arte que se consagra no século XIV. Dante só vai conhecer Boécio e Cícero, por exemplo, quando adulto e ainda era comum que fossem apenas fragmentos de textos, tendo em vista as dificuldades de tradução

e circulação. Mas Dante queria mais e vai em busca dos estudos filosóficos. Obviamente, ele tinha as condições financeiras para isso, vivia de arrendamento e de usura praticada por seu irmão. Dante não participava muito dos negócios da família. Ao que se sabe apenas usufruía das benesses, mas nem por isso deixou de ser condenado por usura quando da perseguição e exílio.

Dante era um poeta, um homem das letras, num tempo que escrever tinha uma dimensão gigantesca, já que essa era tarefa de poucos, ou melhor dizendo, possibilidade de poucos. Os poemas, livros, eram escritos, copiados (escribas) e discutidos, enviados a outros letrados e tornados públicos, mas esse "público" ficava dentro da pequena elite letrada e abastada. Portanto, a própria ideia de escrever precisa ser entendida de outra maneira, já que, ao que se sabe, o papel era algo caro e raro. Um escritor não era qualquer um, por si só era membro de uma elite.

O mundo letrado de Dante era rodeado dos mais famosos artistas da época, entre eles, Brunetto Latini, Guido Cavalcanti, Giotto.

"Sois vós aqui, indaguei, 'ser Bruneto'"

....

*"me ensináveis como o homem faz-se eterno
O apreço, enquanto eu viva, que vos devo,
Seja patente nisto que ora externo."
(Inferno canto XV-28 e 85)*

Sobre a família de Dante, tudo é muito nebuloso, com poucos registros. Sobre seu pai se sabe que cuidava dos negócios da família desde a década de 50 do século XIII, mas pouco se sabe para além disso, estima-se que viveu até os dezoito anos de Dante. São poucos os registros. Sobre sua mãe, menos ainda, acredita-se que Dante não teve contato com a mãe, que deve ter falecido no seu nascimento. Barbero afirma que mesmo o nome da mãe, "Bella", é um acaso, sabemos em função de uma arbitragem dos registros de casamento que era um acordo econômico.



Quadro de Giotto



Paraiso, Canto VII, Salvador Dalí

“E assim sabemos o nome da mãe de Dante, monna Bella, apenas graças a uma arbitragem de 1332, que regulamentava a divisão entre os filhos de Dante, Iacopo e Messer Piero como juiz, e tio Francesco.” (Alessandro Barbero, em Dante – tradução livre)

Mas é certo que Dante vinha de uma família de posses, não necessariamente nobre, mas que proporcionou a ele uma formação com tudo que se poderia ter na época.

A nobreza de Dante é um tema muito discutido por seus biógrafos e pelo próprio poeta. Em sua poesia inicial, de um Dante jovem, a nobreza não é uma questão de origem familiar e sim de aspectos morais, de virtude. Já no “Paraíso” essa ideia muda um pouco. No Canto XV/ XVI, o poeta retoma suas origens “nobres” e, inclusive, diz que a decadência de Florença é em virtude da entrada de forasteiros, mas o contexto desses versos é de exílio e de um momento onde Dante dependia dos favores dos senhores de Verona, de Ravena.

Em Florença Dante cresceu, casou, teve filhos, tornou-se escritor, enalteceu sua grande musa Beatriz e, acima de tudo, fez política.

É em Florença onde Dante torna-se um homem público, traço determinante para toda sua obra, sem qualquer dúvida, e muito provavelmente sem a qual a “Comédia” não poderia ter sido escrita. Dante fez parte da vida de Florença em um momento conturbado, aqui podemos lembrar duas observações históricas que iluminam o que significou Dante estar no lugar certo e participar ativamente da política florentina daqueles tempos, uma lição aos que acreditam que a arte pode florescer à margem das convulsões sociais:

“Se existiram profetas e poetas à frente de seu tempo, isso somente significa que eles souberam exprimir certas exigências da evolução social com um pouco menos de atraso que seus colegas.” (Trotsky, em Literatura e Revolução)

“Pode-se objetar-nos que o grau da influência pessoal depende também do talento do indivíduo. Estamos de acordo. Mas o indivíduo

não pode manifestar seu talento senão quando ocupa na sociedade a situação necessária para poder fazê-lo.” (Plekhanov, em o Papel do Indivíduo na História)

A dialética presente entre a história e o indivíduo jamais pode ser esquecida e Dante é um exemplo extraordinário disso.

A vida política do poeta é curiosa, elegante, forte, difícil. Dante foi um ser humano gigante e imerso em seu tempo.

Consta que, já em 1295, é inscrito na Corporação dos Boticários de Florença. Ainda que seus estudos abrangessem também a medicina e a farmácia, visto que o estudo da filosofia dessa época tinha essa abrangência, Dante não era médico ou farmacêutico, mas a corporação simpatizava com os literatos e Dante foi inscrito como “Poeta Florentino”. Vale registrar que essas corporações participavam ativamente da vida política e, à época, esse objetivo era muito explícito. É em Florença que vemos umas das primeiras corporações de banqueiros, nesse período. Ali surgiam muitas corporações, obviamente ligadas aos setores que mais se desenvolviam.

Dante tem a partir daí uma participação ativa na vida pública, há registros de que fez parte do Conselho Especial dos Líderes das 12 corporações mais importantes e também de um discurso no Conselho dos Cem. Não há muito detalhe, mas em 1300 Dante é eleito Priori, o mais alto posto da república Florentina da época, o mandato era de dois meses. Dante esteve na vida pública oficialmente 5 ou 6 anos, foi membro da magistratura, foi um dos tantos políticos que Florença elegia em sua comuna.

Mas o que importa aqui era a vida política da Florença de 1300, marcada pelas disputas entre Guelfos e Ghibelinos, marcada por corrupção, vingança e batalhas campais sangrentas.

Na república de Florença havia muitas eleições, comissões, conselhos. Uma democracia de alguma maneira complicada, mas também muito familiar a todos nós, Maquiavel nos dá alguns dados:

“Assim, logo surgiram na Toscana os partidos, pois os florentinos tomaram armas contra o governador a serviço do imperador e, para privar os Ghibelinos do governo e poder frear os poderosos, estabeleceram nova forma administrativa. Era o ano de 1282, e o conjunto das Artes, já que lhes tinha sido concedido ter suas próprias insígnias e magistrados, eram muito reputadas; daí, por sua autoridade, ordenaram que fossem nomeados três cidadãos, no lugar de quatorze; que fossem chamados Priori, permanecessem dois meses no governo da república e pudessem ser populares ou nobres desde que fossem comerciantes ou membros das Artes.”

Barbeiro explica que na Florença do tempo de Dante a ideia de que a oposição tivesse direito à palavra era impensável.

Isso significa dizer que se Dante fez parte de um governo, então, era membro do partido que o dirigia. Esse registro vale apenas para enfatizar que, sim, Dante foi um Guelfo e depois um Guelfo Branco.

Dante estava na vida pública, o governo era guelfo e os Ghibelinos estavam cerceados de vida pública, perseguidos, exilados.

Quando Dante ainda exerce poder público, vota pelo exílio de uma parcela de Brancos e Negros², essa posição irá garantir um número considerável de inimigos pelo restante de toda sua vida.

Dante por um lado tem a visão teocêntrica de mundo, tal qual seu tempo, por outro defende que a igreja e o império devem estar separados, portanto, defende a independência dos poderes, muito bem justificada em “A Monarquia”, o que é algo muito avançado para 1300. O poeta aponta a decadência dos líderes das duas “instituições”, justamente sentindo profundamente a decadência de seu tempo e de todo um período histórico. A imagem que se pode construir deste homem público é, de fato, de um homem que exerce não só autoridade, mas que pensa seu tempo. Não é difícil encontrar contradições em sua obra, mas as supostas contradições são a imagem viva de um homem que está em movimento e que tira as duras lições das grandes convulsões sociais naqueles anos de luta.

Acontece, porém, que a disputa histórica entre Guelfos (a favor do Papado) e Ghibelinos (a favor do Sacro Império Romano Germânico) a partir de 1300, quando os Guelfos estavam consolidados no regime, toma o rumo dos novos acontecimentos. Agora a disputa real era qual família de banqueiros sustentaria a igreja, ou seja, qual família dos Guelfos teria que colocar a mão no bolso. Diante disso, os Guelfos dividem-se em frações no interior do partido: os brancos e os negros². Dante está com os brancos, ou seja, os banqueiros Cerchi. Depois de muita disputa que não é possível aprofundarmos aqui, os negros prevalecem e começa um período de caça à fração branca. Mais uma vez Florença é submersa em invasões de casas, saques, torturas, igrejas devastadas, mortos, feridos, como o próprio Dante afirma, é a guerra civil. Processos são elaborados e as sentenças rapidamente colocadas em prática. Quando a grande convulsão explode, Dante está fora em uma missão como diplomata em Roma e jamais retornará a Florença.

No exílio, durante um tempo, ainda exerce muita influência política em Florença, mas passados alguns anos se distancia também dos exilados e vai se consagrar como o grande poeta Dante. Nunca se distanciou da vida política e a “Divina Comédia” é a prova mais acabada disso. Esse é o período de maturidade do escritor.

A DIVINA COMÉDIA

*“E ele, a mim, como mestre que conforta
‘Livra-te desse medo circumspecto;
Aqui toda tibiez esteja morta;”
(Dante conta o que Virgílio disse a ele ao
entrarem no Inferno – Inferno Canto III
versos 13 ao 15)*

A Divina Comédia, a obra de maior envergadura de Dante, não é datada, mas tudo indica que foi iniciada com o exílio e terminada muito perto da morte do poeta em 1321. O poeta deu a ela o nome apenas de “Comédia”, que na divisão clássica da literatura significa um gênero crítico, burlesco, que satiriza diversos aspectos da sociedade. Mais especificamente, na divisão aristotélica, presente na obra “Arte Poética”, significa a arte da imitação:

“Disto procede igualmente que os dórios atribuem a si a invenção da tragédia e da comédia; e os megarenses também se arrogam a invenção da comédia, como fruto de seu regime democrático; e além desses, também os sicilianos se acham inventores da comédia, por serem compatriotas do poeta Epicarmo, que viveu muito antes de Crônidas e de Magnete. A criação da comédia é também reclamada pelos peloponésios, que invocam os nomes usados para denominá-la com palavras de seu dialeto, para argumentar ser esta a razão por que a comédia é invenção deles.

“Há gêneros que utilizam todos os meios de expressão acima indicados, isto é, ritmo, canto, metro; assim procedem os autores de ditirambos, de nomos, de tragédias, de comédias; a diferença entre eles consiste no emprego destes meios em conjunto ou em separado.

Tais são as diferenças entre as artes que se propõem a imitação.

...

Quando surgiram a tragédia e a comédia, os poetas, em função de seus temperamentos individuais, voltaram-se para uma ou para outra destas formas; uns passaram do iambo à comédia, outros da epopéia à representação das tragédias, porque estes dois gêneros ultrapassavam os anteriores em importância e consideração.”

O complemento “Divina” foi acrescentado por Boccaccio, que além de fazer a primeira biografia de Dante, estudou a “Comédia” e a recitava publicamente, assim a obra passou a ser amplamente divulgada e ficou conhecida como “A Divina Comédia”.

A Comédia é composta por três livros em versos: Inferno, Purgatório e Paraíso. Cada livro é composto por 33 cantos metrificados em versos hendecassílabos (11 sílabas) e rimas no esquema ABA BCB CDC. No Inferno há um canto a mais, considerado prólogo, típico da construção clássica explicada por Aristóteles.



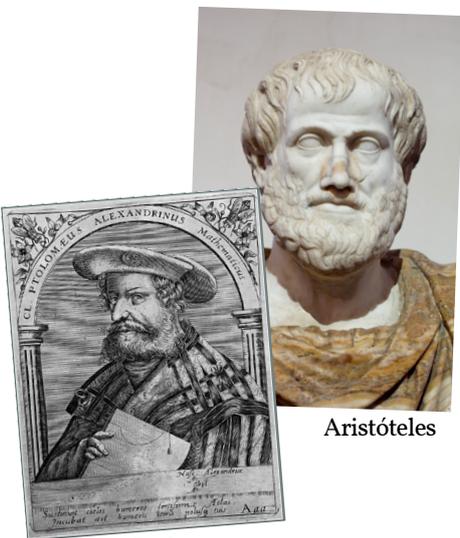
Toda estrutura numérica é baseada no número 3, uma alusão às crenças cristãs que predominavam. A cosmologia que é utilizada na obra, portanto, a herança filosófica é de Aristóteles e Ptolomeu.

Sem dúvida, a obra é um compilado de tudo aquilo que Dante conseguiu acumular dos processos históricos, políticos, científicos, artísticos que ele teve acesso. Um mapa profundo do século XIII e início de XIV, uma enciclopédia histórica e de todos os valores morais presentes naquele tempo.

São muitos os aspectos revolucionários da obra. Um primeiro, por estar escrito em dialeto toscano e não em latim, isso por si só é um salto, visto que seria possível que uma quantidade muito maior de pessoas a compreendessem. Outro aspecto: é que a obra é uma enciclopédia histórica e, ao mesmo tempo, com um valor estético esplêndido, a Comédia é considerada uma das mais belas obras escritas já produzidas pela humanidade. Existem outros inúmeros aspectos, mas nos voltemos agora ao enredo da obra.

A Divina Comédia conta a história da viagem de Dante, ou talvez a viagem de um homem qualquer, sendo Dante a personificação de milhões de outros homens de seu tempo.

Quando inicia, Dante está perdido em uma selva escura (Inferno). Na tentativa de sair deste lugar, subir ao monte que ele avista (Purgatório) e encontrar a luz do Sol (Paraíso), é impedido por três feras (a hipótese mais defendida é que as feras são uma alusão aos pecados capitais). Neste momento, Dante vê o vulto de Virgílio, poeta latino, que será seu guia no Inferno e no Purgatório.



Ptolomeu

rio. Virgílio (razão, ciência) foi mandado por Beatriz (subjetividade, Deus), a grande musa de Dante. Para Dante, a libertação do pecado, para ele ou para toda a humanidade, precisa de guias, precisa de aprendizado.

A partir daí a viagem proposta por Virgílio começa, é uma busca por alcançar o Paraíso, uma viagem por buscar o aprendizado e encontrar a luz. Nesta viagem Dante vai se deparar, no inferno, com todos os problemas, todo o mal distribuído pelos círculos, aí estarão inúmeras figuras históricas, dos pagãos Platão e Sócrates, passando pelos tiranos, traficantes e até os que traem por amor, como Paolo e Francesca.

*“Do círculo primeiro fui descendo
Ao segundo, onde o espaço se restringe,
E crescer a dor, em brados irrompendo*

*Lá está Minós que horrendamente ringe;
as culpas examina já na entrada,
Julga e despacha conforme se cinge.”*

No Purgatório, ele vai entender como é possível a purificação e por fim no Paraíso encontra a purificação.

Dante, na carta enviada ao Cardeal Can Grande della Scala, afirma que escreveu a Divina Comédia com o objetivo de narrar à humanidade tudo aquilo que aprendeu e tirar os homens da miséria humana.

Seria possível passar meses lendo apenas um Canto da Comédia e analisando, tamanha são as possibilidades que ela nos propicia, mas o objetivo aqui não passa por querer analisar a obra de Dante como um todo e muito menos de resumí-la, o singelo objetivo é homenagear o grande poeta florentino e com essa homenagem dizer aos nossos leitores, como disse Terêncio e repetiu Marx, nada que é humano nos é estranho, muito menos pode nos ser estranho a arte.

A ARTE PERPASSA O TEMPO, DANTE PERPASSA O TEMPO

“Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha pra dizer.”

...

Os clássicos são aqueles livros que chegaram até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes).” (Italo Calvino)

Dante produziu obras da magnitude que explica Calvino, em especial “A Comédia”, obra que abarca essas duas características com destreza, tem perpassado o tempo e se transformado, a centelha que perpassa os séculos, como queria Dante.

Quando achamos que tudo foi dito, ela recomeça, seja na influência em outros textos e autores, seja na escultura, seja na pintura, seja nos quadrinhos, seja no cinema ou nas mais variadas expressões de arte. De Botticelli



Dante e Virgílio no Inferno



Paraíso, Canto 31,
Gustave Doré



Paolo e Francesca

li a Delacroix; de Doré a animação Coco, de Stefano Ricci às portas do Inferno de Rodin, da sinfonia Dante de Franz Liszt a Belchior. São tantas obras que seria necessário centenas de páginas apenas para explicar a imensidão de releituras que Dante e a Divina Comédia alimentam.

Aqui elegerei três obras, de gosto pessoal, para que entendamos o significado de Dante em outras artes.

O francês Gustavo Doré (1832 – 1883) sem dúvida, um dos maiores ilustradores de todos os tempos, deu vida a vários trechos da comédia, assim como o fez com diversos outros clássicos como Dom Quixote, por exemplo. Ilustrações que acrescentam à obra, que elucidam, que recomeçam cada verso, no compasso daquilo que o poeta Octavio Paz chama da harmonia entre o arco e a lira ou do poema e da poesia.

No século XIX, Rodin eternizou na escultura a obra “A Divina Comédia” com suas portas do Inferno. Rodin já havia criado O Pensador, obra que ao que tudo indica é o próprio Dante. A porta do inferno, originalmente “La Porte de l’Enfer”, foi concluída em 1917, depois de mais de 30 anos de trabalho (1880-1917).

Franz Liszt (1811 – 1886) foi um dos maiores compositores do século XIX e tentou na música compor a beleza da Divina Comédia. Nem só de flores vivem as releituras da obra de Dante. No caso desta sinfonia, há várias discussões acerca da qualidade da música. São recorrentes no mundo da música clássica as críticas com relação a vários aspectos, mas em especial sobre a incapacidade de Liszt retratar o Paraíso. A obra foi dedicada a Wagner, que Liszt compara a Virgílio como seu guia na música. Wagner não quer o Paraí-

so e inclusive em diálogo com Franz, resalta que o Paraíso de Dante é a parte mais fraca da obra. O compositor e crítico de música Jonathan Blumhofer é categórico:

“Não há como contornar o fato de que a Sinfonia Dante de Franz Liszt é uma peça problemática. Em primeiro lugar, há a questão de ser ou não realmente uma sinfonia.”

Passado por essas pequenas curiosidades e reafirmando que haveriam outras centenas, é preciso constatar que Dante chega aos nossos tempos como um dos poetas que influenciou todos os séculos posteriores e em todas as artes, um gigante da história. Tal proeza nas letras foi realizada porque o poeta estava intimamente ligado às lutas de seu tempo e, por outro lado, estava um passo à frente da pequenez que rege o dia a dia dos indivíduos. Dante queria deixar algo a humanidade e conseguiu, que possamos fazer o mesmo.

O poeta nunca voltou a Florença, morreu em Ravena vítima, muito provavelmente, de malária, aos 56 anos e sua obra está por aí:

“e façam minha língua tão potente
que uma centelha apenas de tua glória
possa deixar para a futura gente”
(Paraíso Canto XXXIII -70)
“Saímos por ali, a rever estrelas”
(fim do Inferno).



A barca de Dante, Delacroix

Notas e referências:

1 A obra não está datada, portanto, não se sabe ao certo quando foi iniciada e finalizada.

2 Os nomes Brancos e Negros acredita-se que tenha origem na cor do cabelo de dois dos dirigentes dos partidos.

ALIGHIERI, Dante. Convívio. Tradução, introdução e notas de Emanuel França Brito. São Paulo: Penguin Classics

ALIGHIERI, Dante. Monarquia. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo, Lafonte, 2017.

ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia, obra completa. Tradução e notas de Ítalo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2005.

AUBERT, Eduardo Henrik. Vidas de Dante – Escritos Biográficos dos Séculos XIV e XV. São Paulo: Ed. Ateliê Editorial, 2011.

BARBERO, Alessandro. Dante. Bari: Editori GLF Laterza, 2020.

BAROLINI, Teodolinda, Antognini. La Commedia senza Dio: Dante e la creazione di una realtà virtuale. Milano: Feltrinelli, 2013.

BLUMHOFER, Jonathan. Rethinking the Repertoire #16 – Franz Liszt’s “Dante” Symphony. The Arts Fuse, 2018. Disponível em: <https://artsfuse.org/168334/rethinking-the-repertoire-16-franz-liszt-dante-symphony/> Acesso em: 10 de agosto de 2021.

CALVINO, Italo. Por que ler os clássicos. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Schwarcz, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. Pedra e Luz na poesia de Dante. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1998.

FILHO, Luiz C. Dante e Virgílio : o resgate na selva escura: um ensaio sobre a experiência emocional na Divina Comédia. São Paulo: Blucher, 2018.

LEWIS, R. W. B. Dante. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MAQUIÁVEL, Nicolau. História de Florença. São Paulo: Musa, 1994.

PAZ, Octavio. El arco y la lira. 25ª ed. México: Editora FCE, 2018.

PLEKHANOV, Guiorgui V. O Papel do indivíduo na história. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

PIGNATARI, Décio. Retrato do amor quando jovem: Dante, Shakespeare, Sheridan, Goethe. São Paulo: Editora Schwarcz, 2006.

TROTSKY, Leon. Literatura e revolução. Tradução: Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

WOODS, Alan. Leonardo Da Vinci: artista, pensador e revolucionário. Esquerda Marxista, 2020. Disponível em: <https://www.marxismo.org.br/leonardo-da-vinci-artista-pensador-e-revolucionario-2/> Acesso em: 15 de setembro de 2021.

TEMPO DE REVOLUÇÃO

Um novo jornal, para um novo tempo



Assine agora!

www.livrariamarxista.com.br